

LUANA FERREIRA DE SOUZA

**O EFEITO INTIMISTA NA ESCRITA SOBRE SI:
OLHARES PARA A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM ADOLESCENTE COM
*CAPRICHOS***

**BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2013**

LUANA FERREIRA DE SOUZA

**O EFEITO INTIMISTA NA ESCRITA SOBRE SI:
OLHARES PARA A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM ADOLESCENTE COM
*CAPRICHOS***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística do Texto e do Discurso.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso

Linha de pesquisa: Análise do Discurso

Orientador: Prof^a Dr^a Helcira Maria Rodrigues de Lima.

**BELO HORIZONTE
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2013**

S729e

Souza, Luana Ferreira de.

O efeito intimista na escrita sobre si [manuscrito] : olhares para a construção da imagem adolescente com *Capricho* / Luana Ferreira de Souza. – 2013.

138 f., enc. : il., color., p&b.

Orientadora: Helcira Maria Rodrigues de Lima.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso.

Linha de pesquisa: Análise do Discurso.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: 134-138.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Oratória – Teses. 3. Retórica – Teses. 4. Gêneros – Aspectos sociais – Teses. 5. Identidade (Psicologia) em adolescentes – Teses. 6. Enunciação – Teses. 7. Blogs – Teses. 8. Capricho (Revista) - Teses. 9. Semiótica – Teses. 10. Linguística – Teses. I. Lima, Helcira Maria Rodrigues de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

**O EFEITO INTIMISTA NA ESCRITA SOBRE SI:
OLHARES PARA A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM ADOLESCENTE
COM CAPRICHIO**

LUANA FERREIRA DE SOUZA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Linha E - Análise do Discurso.

Aprovada em 30 de agosto de 2013, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Helcira Maria Rodrigues de Lima - Orientador
UFMG

Prof(a). Glaciá Muniz Proença Lara
UFMG

Prof(a). Vania Maria Lescano Guerra
UFMS

Belo Horizonte, 30 de agosto de 2013.

*Não sei por que você se foi
Quantas saudades vou sentir
E de tristezas vou viver
E aquele adeus não pude dar...
Você marcou na minha vida
Viveu, morreu
Na minha história
Chego a ter medo do futuro
E da solidão
Que em minha porta bate...
E eu...
EU AMO TANTO VOCÊ!*

à painho (in memorian), com todo o meu amor e admiração.

*Salve, salve o meu nego
Que axé ele tem!*

AGRADECIMENTOS

À painho (*in memorian*), por toda a dedicação e amor a mim dispensados. Por tudo que não se pode mensurar.

À mainha, por me mostrar que o amor vence tudo. Meu alicerce, minha paz!

À pró Helcira, pela maneira como abraçou a pesquisa, pela orientação, pela dedicação e, sobretudo, pelo apoio e pela paciência nos momentos de crise. Agradeço por me proporcionar um enorme aprendizado. Pela sempre generosa atenção e pelo afeto a mim dispensados.

À professora Gláucia, pela estimada contribuição no meu percurso de pesquisa.

Aos professores da FALE/UFMG, pela contribuição em minha formação acadêmica.

Aos meus familiares, por apoiarem minhas escolhas e entenderem minha ausência. Pela força, pelo carinho, pelos sonhos compartilhados, por segurarem minha fraqueza quando mais precisei.

Aos meus companheiros dessa empreitada, Tati, Marcos, Thiago, Allana e Ester, por tornarem doce essa experiência.

Aos meus queridos amigos, companheiros de batalha acadêmica, Roger, Fábio, Mari, Camila, Carlinha e Adielson, pela parceria e força. Agradeço por acreditarem em mim, mas do que eu poderia acreditar.

Ao meu amigo Ton, pelas horas de riso em meio ao desespero que compartilhamos. À minha amiga Laiz, por todo o apoio, alegria e amor.

À Luci, pela presença, pela ausência, pela dedicação e pelo amor. Agradeço por fazer significar a metáfora das borboletas.

À Mara, por muito me dizer, acolher e refazer em teu abraço.

À Patrícia, ao Roberto, à Roberta e ao Lucas, por me receberem no seio de sua família e tornarem minha estadia em Minas mais acolhedora.

À Rosana e à Laurinha, por me receberem de alma em sua residência.

À Marlan, pelo sempre apoio nesse período. Sua amizade foi imprescindível nessa trajetória.

À Jael e à Lívia, pela constante presença. Um feliz encontro esse.

À Camila, por me fazer acreditar.

À Cris, por estar.

Aos amigos que apoiaram minha partida e sempre abraçam minha(s) volta(s).

À CAPES, pelo apoio financeiro para a realização da pesquisa.

RESUMO

Essa dissertação objetiva refletir sobre a influência das práticas de gênero social na construção das imagens de si das adolescentes que escrevem para uma seção da revista *Capricho*, a saber: a seção *Tudo de Blog*. Para tanto, percorri um caminho teórico-analítico em que fosse possível perceber como se dão essas relações na representação feminina na escrita de si na adolescência. As imagens de mulher engendradas pela revista também foram objetivos da discussão, uma vez que foi tomado como pressuposto que a revista forjou certas representações da mulher adolescente ao longo da sua história. A pesquisa se inscreve na perspectiva teórica da Análise do Discurso (AD) para analisar a construção do *ethos* adolescente. Nesse sentido, as reflexões se pautam, sobretudo, na abordagem discursiva empreendida por Charaudeau (2008) e Amossy (2010). Nesse quadro, a contribuição de Charaudeau se estabelece à medida que permite analisar o funcionamento discursivo da seção, ao mesmo tempo em que permite compreender as noções de imaginário, representação e *ethos*. Por sua vez, a contribuição da discussão de Amossy se estabelece à medida que permite analisar a construção do *ethos* e as estratégias argumentativas das enunciadoras ao tomarem a palavra e construírem uma imagem de si. Essas perspectivas são imprescindíveis para esta pesquisa. O empreendimento teórico se deu também na compreensão dos estudos de gênero como possibilidade de fomentar a discussão entre gênero e linguagem e perceber como se dão as relações de gênero e como elas são materializadas na linguagem. Essas reflexões incidem diretamente na análise do *corpus*. O gesto analítico deste trabalho permitiu pôr em evidência que, ao construir uma imagem de si na seção em análise, as adolescentes se valem de um efeito intimista que escamoteia a orientação argumentativa dos seus dizeres e também permitiu observar como certas representações do feminino são trazidas à baila na escrita sobre si. Nesse sentido, o *Tudo de Blog* configura-se, então, como um novo espaço de enunciação para a intimidade adolescente no universo *Capricho* que viabiliza a sociabilidade adolescente feminina.

PALAVRAS-CHAVE: *Ethos*; Adolescência; Gênero; Revistas.

RÉSUMÉ

Cette dissertation a pour objectif de réfléchir sur l'influence des pratiques de genre dans la construction des images d'adolescents eux-mêmes qui écrivent pour une section du magazine *Capricho*, à savoir: la section *Tudo de Blog*. Par conséquent, parcouru un chemin théorique-analytique, il était possible de voir comment ces relations se produisent dans la représentation féminine dans l'écriture de soi à l'adolescence. Les images de femmes engendrées par le magazine sont également des objectifs de la discussion, car il a été tenu pour acquis que le magazine a forgé certaines représentations de La femme adolescence à travers son histoire. La recherche s'inscrit dans la perspective théorique de l'analyse du discours (AD) pour analyser la construction d'*ethos* adolescents. En ce sens, les réflexions s'inspirent principalement sur l'approche discursive entreprise par Charaudeau (2008) et Amossy (2010). Dans ce contexte, la contribution de Charaudeau s'installe, car elle permet d'analyser la fonction discursive de la section, tout en permettant de comprendre les notions de imaginaires, représentations et d'*ethos*. À son tour, la contribution de la discussion de Amossy s'installe car elle nous permet d'analyser la construction de l'*ethos* et les stratégies argumentatives d'énonciateur prend la parole et construit une image de soi. Ces perspectives sont essentielles pour qui cette recherche. L'entreprise théorique est également arrivée dans la compréhension des études sur le genre comme une possibilité de favoriser la discussion entre genre et langage et de comprendre comment se donnent les relations de genre et la façon dont elles sont matérialisées dans le langage. Ces réflexions ont une incidence directe dans l'analyse du *corpus*. À cet égard, la section *Tudo de Blog* est configuré comme un nouveau espace d'énonciation d'intimité adolescent dans l'univers du magazine *Capricho* qui permet sociabilité adolescente.

MOTS-CLÉS: *Ethos*, Adolescence, genre, magazines

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 REVENDO AS MULHERES COM <i>CAPRICHÔ</i>	14
1.1 IMPRENSA FEMININA: UM DISPOSITIVO DE ENCENAÇÃO MUDIÁTICA	16
1.2 A MULHER IMPRESSA	18
1.3 FOLHEANDO AS MULHERES <i>CAPRICHÔ</i>	21
1.3.1 A “mulher moderna” do século XX	21
1.3.2 A “independente, inteligente, in, decente” do século XXI	31
2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO	43
2.1 A CONTRIBUIÇÃO DA DIMENSÃO DE GÊNERO	45
2.2 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: OLHARES	54
2.3 AS PRÁTICAS DE INTERAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DAS ADOLESCENTES: DIÁRIOS ÍNTIMOS, <i>BLOGS</i> E O <i>TUDO DE BLOG</i>	58
2.3.1 Entre diários e <i>blogs</i> : a intimidade feminina (revelada?)	58
2.3.2 Novos espaços de enunciação da intimidade feminina: o <i>Tudo de Blog</i>	62
3 <i>TUDO DE BLOG</i>: CONSTITUIÇÃO E FUNCIONAMENTO À LUZ DA SEMIOLINGUÍSTICA	68
3.1 NAVEGANDO PELO <i>TUDO DE BLOG</i>	70
3.1.2 O contrato de comunicação na encenação do <i>Tudo de Blog</i>	72
3.1.3 Os modos de organização do discurso no <i>TDB</i>	82
3.1.3 O <i>savoir-faire</i> da intimidade adolescente: um exemplo	87
3.2 <i>TUDO DE BLOG</i> : AS PROBLEMÁTICAS DE UM GÊNERO	89
4 ARGUMENTAÇÃO, <i>LOGOS</i> E <i>PATHOS</i>: OLHARES PARA O <i>ETHOS</i> ADOLESCENTE	92
4.1 O OLHAR PARA O <i>CORPUS</i>	94
4.2 O OLHAR SOBRE O <i>ETHOS</i> : UMA NOÇÃO	96
4.3 O EFEITO ÍNTIMISTA DO MODO DE ORGANIZAÇÃO NARRATIVO E O CARÁTER ARGUMENTATIVO DO <i>TDB</i>	102
4.4 <i>TUDODEBLOGUETES</i> (EN)CENA: A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS DE SI COM <i>CAPRICHÔ</i>	104
4.4.1 A imagem adolescente e o cuidado de si: influências para o <i>ethos</i>	104
4.4.2 A imagem masculina no <i>ethos</i> feminino: a possibilidade de inversão dos papéis sociais de gênero	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
REFERÊNCIAS	132

INTRODUÇÃO

Os estudos discursivos têm se mostrado um terreno profícuo de investigações no que concerne à atividade de linguagem, e é nessa linha de investigação que esta dissertação se insere, objetivando investigar a construção das imagens de si, correspondente à noção de *ethos*, em sua articulação com a construção social do sujeito feminino, das adolescentes que escrevem para uma seção da revista *Capricho*, a saber: a seção *Tudo de Blog*. Dessa maneira, pretendo analisar a construção dessas imagens, observando, sobretudo, quais são as representações e os estereótipos que o ato de tomar a palavra e falar sobre si recuperam no interdiscurso. Esse gesto se justifica pela tentativa de compreender quais são as cristalizações em torno da imagem feminina que subjazem às práticas da adolescência na mídia impressa.

A seção selecionada para análise é o resultado de uma troca entre a revista e seu leitor que é iniciada nas páginas pessoais – *blogs* -- das adolescentes e apresenta, por meio de uma organização narrativa, o posicionamento das adolescentes diante de um tema escolhido pela revista. Voltando o olhar para a análise das imagens de si das escreventes, busco mostrar como, por meio do gesto de falar de si, de contar sua experiência, as adolescentes se valem de um efeito intimista da enunciação na elaboração da sua argumentação e na construção de sua imagem. Nesse gesto de análise, procuro compreender de que modo são constituídos os discursos em torno do feminino, tendo em vista as discussões acerca das relações de gênero enquanto elemento constitutivo das relações histórico-sociais.

Como o objetivo é analisar as imagens de si das adolescentes que escrevem para a *Capricho*, a escolha por essa seção se deu por ser um espaço que tem por função publicar os textos adolescentes, apresentando um ponto de vista sobre um assunto, diferenciando-se, assim, do espaço destinado às cartas e aos comentários sobre as matérias na revista. Debruçar-me sobre a seção não foi um gesto fácil. Foram muitas as dificuldades de olhar para o *corpus*. A dificuldade foi instaurada desde a necessidade de recorte do *corpus*, devido às inúmeras seções publicadas (a seção foi publicada quinzenalmente entre os anos de 2006 e 2010) até a apreensão do funcionamento discursivo da seção, já que o *TDB* apresenta um funcionamento, no mínimo, peculiar. A saber, os textos são publicados pelas adolescentes que escrevem para *Capricho* primeiro em seus *blogs* pessoais, depois são selecionados pela revista e publicados na seção.

Vale afirmar que o interesse por tal tema, iniciado na Graduação, se deu na relação de um duplo desejo. De um lado, o desejo pessoal em conseguir ler melhor a influência da

mídia na construção social da mulher adolescente; por outro lado, um desejo teórico em compreender o funcionamento discursivo do *ethos*. A proposta deste trabalho se justifica, então, à medida que propõe analisar o modo pelo qual os discursos das revistas femininas, direcionadas ao público adolescente, ao se valer das representações sobre a adolescência, constroem imagens em torno do feminino, que determinam as práticas sociais, ditando os comportamentos que as adolescentes devem assumir. Esses discursos veiculam as regras comportamentais e determinam, nos/para os sujeitos, certas práticas valorizadas positiva ou negativamente, que se naturalizam. Desse modo, ao analisar as imagens de si no discurso adolescente, será possível perceber a manifestação de determinadas imagens cristalizadas socialmente, o que poderá contribuir para fomentar as discussões acerca da temática.

Na tentativa de compreender como as imagens de si, construídas pelas adolescentes, mesmo com todas as contribuições do movimento feminista e das modificações em torno da imagem do feminino, revelam uma possível naturalização de determinados comportamentos e práticas sociais do que é preciso para “tornar-se mulher”, esta pesquisa promove a articulação dos estudos da linguagem com os estudos sobre gênero social e juventude, fomentando o debate dessas articulações.

O empreendimento dessas reflexões tem como base o interesse por investigar o quadro teórico-analítico proposto por Amossy (2005 e 2010) e Charaudeau (2008) a respeito do *ethos* discursivo e de sua construção nas práticas sociais acerca do feminino, por meio do discurso midiático, observando, então, a relação imagem de si/mídia/feminino.

Assim, embora os estudos em torno do *ethos* discursivo tenham engendrado muitas discussões acerca da noção, considero que analisar essa construção por meio da relação imagem de si/mídia/feminino pode contribuir para os estudos discursivos, já que este trabalho busca articular a noção de *ethos*, compreendendo-o também como propulsor das relações de sentido e poder, estabelecidas nas práticas sociais do sujeito mulher.

Para isso, parto da assertiva de que a construção das imagens de si não se dá apenas no nível da enunciação/enunciado, como também tem sua base na posição social ocupada pelo enunciador. Assim, na perspectiva que adoto, esse jogo de construção de imagens se dá tanto entre os sujeitos de linguagem quanto entre os sujeitos em relação aos lugares que ocupam nas práticas sociais, com base nos discursos já-ditos.

Então, essa proposta oferece contribuições para a AD, visto que propõe analisar mecanismos que regem o funcionamento discursivo, observando como, por meio do plano linguístico, as marcas, as recorrências no uso de termos, o intertexto, é possível acessar a construção discursiva das imagens sobre a mulher que subjazem às práticas sociais. Esta

proposta fomenta, então, as reflexões sobre como o uso da linguagem estabelece as relações sociais de gênero nas formações sociais, nas trocas verbais, instaurando um viés analítico que permita pensar as práticas sociais de gênero como uma questão a ser estudada e debatida nos estudos sobre a linguagem, mais especificamente, inserida no aporte teórico da Análise do Discurso.

Desse modo, o caminho percorrido nesta dissertação foi construído para que pudesse pôr em evidência a necessidade, na análise, de cada discussão empreendida, bem como o próprio caminho de desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, no capítulo 1, preocupei-me em situar o leitor no contexto sócio-histórico e no percurso da revista *Capricho* que permitiu com que, no contexto atual, ela seja considerada a maior revista feminina para a adolescente, bem como procuro vislumbrar algumas representações da mulher e da adolescência. O capítulo 2 se constitui como um gesto de compreensão da relação entre linguagem, gênero, feminismo e adolescência. Por meio dele, foi possível construir reflexões acerca dos estudos sobre gênero social e geração, interesse antigo que pude articular na presente pesquisa. Esses dois capítulos permitem uma melhor leitura do *corpus* e incidem diretamente na análise empreendida.

No capítulo 3, detenho-me na compreensão dos modos de funcionamento e constituição do *corpus* de pesquisa, o *Tudo de Blog*. Para tanto, faço uma incursão na *Teoria Semiolinguística*, a qual me permite compreender as articulações que compõem o contrato de comunicação da seção que viabilizam a construção de uma imagem de si. Por fim, no capítulo 4, dedico-me, de forma mais detida, à análise das imagens de si com *Capricho*.



REVENDO AS MULHERES COM *CAPRICH*O

*O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça...
Eu vou...
Caetano Veloso*

1 REVENDO AS MULHERES COM *CAPRICH*O

Não seria exagero afirmar que os temas em torno do feminino são as principais motivações de dedicação das incontáveis publicações midiáticas que enfeitam as bancas de revistas cotidianamente. Some-se a isso o fato de que esses temas têm se mostrado um relevante objeto de estudo no ambiente acadêmico. Assim, seria possível compreender a equação de que as conquistas femininas aumentaram a visibilidade da mulher em diversas esferas da sociedade e, com isso, o interesse por tais assuntos.

Não é de causar estranhamento, entretanto, que a Análise do Discurso (AD), enquanto uma disciplina que leva em conta as condições sócio-históricas de produção dos discursos, dedique-se aos diversos textos sobre a mulher, produzindo interpretações, gestos analíticos, que apontam as questões que recobrem o universo mítico no qual a figura feminina foi inserida. Vale ressaltar logo de entrada que uma análise discursiva sobre a mulher não busca descortinar a sua realidade, como seria uma análise antropológica, por exemplo. A AD, valendo-se das contribuições de outras teorias, preocupa-se em perceber as representações que se fazem da mulher nos diversos discursos, por meio das marcas deixadas pelos sujeitos numa materialidade discursiva. Nesse sentido, este trabalho mostra-se, num olhar mais abrangente, como um empreendimento analítico a fim de perceber algumas representações do feminino no discurso midiático, mais especificamente, numa revista direcionada ao público adolescente.

Recortando um pouco mais o empreendimento analítico deste trabalho, é preciso compreender que ele se inscreve como uma possibilidade interpretativa das imagens de mulheres, ou mesmo dos sentidos de mulheres, que estampam as revistas femininas, a fim de descortinar as representações que circulam em torno da formação do ser mulher. Para tanto, examino uma revista destinada à adolescência feminina, período comumente tido como de transição entre a infância e a vida adulta, na tentativa de ler as imagens de mulher que atravessam essa fase e que, por ventura, irão constituir a imagem da mulher na vida adulta.

Para esse empreendimento, escolhi a leitura da revista *Capricho* por ser a mais antiga revista destinada ao público feminino e, atualmente, a revista adolescente de maior circulação. Proponho, com a leitura da revista, abordar a construção das imagens adolescentes que circulam no imaginário social, da revista, a fim de compreender mais e melhor como se dá a construção das imagens de si das adolescentes que escrevem para a revista.

Nesse sentido, pretendo neste capítulo elucidar de modo panorâmico a constituição da revista *Capricho*, apresentando as suas modificações ao longo de sua história, bem como

os contextos que viabilizaram tais transformações. Compreendo que esse gesto permitirá visualizar ainda algumas imagens de mulher que podem ser recuperadas por meio da leitura da revista e que sustentará a leitura das imagens de si no discurso das adolescentes que escrevem para a seção *Tudo de Blog* da revista a qual se configura como o *corpus* de análise.

1.1 A IMPRENSA FEMININA: UM DISPOSITIVO DE ENCENAÇÃO MUDIÁTICA

Os discursos da mídia ocupam um lugar de destaque nos estudos discursivos, sobretudo, no que tange aos seus modos de constituição e funcionamento. Os gêneros que compõem a mídia, voltando-se o olhar para a questão das revistas, desempenha um papel regulador da interação dos sujeitos, visto que todo discurso produzido no domínio de prática da mídia, conforme aponta Charaudeau (2004), tende a regular as trocas entre os sujeitos e, nesse sentido, instaurar um contrato que possui determinadas regularidades discursivas

Desse modo, é preciso considerar a mídia impressa¹ como uma forma de mediação das relações sociais entre seus leitores e a realidade, uma atividade de linguagem que permite que se estabeleçam vínculos sociais, sendo esses os responsáveis pela interação entre os sujeitos. É a mídia, enquanto prática social e mediadora das relações sociais estabelecidas na sociedade, que contribui para a circulação e naturalização de determinadas imagens em torno dos sujeitos. Ela é também responsável, em grande parte, pela construção e pela constituição das relações entre homens e mulheres.

Essa constatação permite observar que as mídias produzem sentidos a partir de representações que constituem o *imaginário sócio-discursivo* e é fazendo circular essas *representações*² que ela “constrói uma “história do presente”, simulando acontecimentos-em-curso que vêm eivados de signos do passado” (GREGOLIN, 2003, p. 96). Para Charaudeau (2007, n/p),

o imaginário é um modo de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, que, como o dissemos, constrói a significação dos objetos do mundo, os fenômenos que são aí produzidos, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da

¹ “A imprensa é o domínio da escrita, o que quer dizer que seu campo de atividade discursiva e semiológica é o da conceitualização que se inscreve em uma situação de troca monolocutiva e se organiza sobre um suporte espacial” (CHARAUDEAU, 2006, p. 232).

² De acordo com Charaudeau (2008a, p.117) “o sujeito falante não tem outra realidade além da permitida pelas representações que circulam em dado grupo social e que são configuradas como imaginários sócio-discursivos”.

intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário tem uma dupla função de criar valores e de justificar uma ação³.

Dessa forma, a importância do imaginário para refletir sobre as representações da mulher que circulam na mídia impressa, mais especificamente na revista *Capricho*, se dá pela possibilidade de verificar que o trabalho da mídia se constitui pelo regaste de figuras, de um *já dito*, através das memórias do dizer, possibilitando, dessa maneira, o resgate de certos sentidos de mulher.

Compreendo, nessa perspectiva, que o empreendimento midiático sobre a compreensão, ou mesmo apreensão, das imagens de mulher nas sociedades se estabelece num esforço inesgotável de retomadas e (re)significações das representações de mulheres dispersas no *imaginário*. Isso permite que, em determinadas conjunturas sociopolíticas, sejam possíveis a (re)construção de certas imagens socialmente aceitas como fiéis representantes dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres em detrimento de outras imagens, igualmente possíveis, mas com função social restrita ou mesmo desprivilegiada.

Com efeito, é preciso considerar as relações de poder engendradas pelas mídias não apenas na (re)produção das práticas e papéis sociais desempenhados pelos sujeitos nas trocas verbais, como também na influência que a mesma exerce no comportamento dos sujeitos, ditando normas, atitudes e regras. Nesse aspecto, as revistas femininas parecem possuir a capacidade de gerir e influenciar os comportamentos dos indivíduos em sociedade, bem como ditar normas e regras para as práticas sociais dos sujeitos, servindo de base, então, para a definição das normas dos papéis de gênero⁴. Vale ressaltar, em contrapartida, que esse processo é de mão dupla, visto que a mídia é também influenciada pelo seu público alvo.

A informação midiática é, nesse sentido, uma fonte de saber que, não apenas confere poder, como também o detém. Dessa maneira, é importante compreender que “a informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular de mundo.” Refletir sobre a imprensa feminina permite compreender como as práticas sociais são estabelecidas entre os sujeitos, bem como a forma pela qual são construídos os valores

³ Minha tradução do francês: L'*imaginaire* est un mode d'appréhension du monde qui naît dans la mécanique des représentations sociales, laquelle, on l'a dit, construit de la signification sur les objets du monde, les phénomènes qui s'y produisent, les êtres humains et leurs comportements, transformant la réalité en réel signifiant. Il résulte d'un processus de symbolisation du monde d'ordre affectivo-rationnel à travers l'intersubjectivité des relations humaines, et se dépose dans la mémoire collective. Ainsi, l'*imaginaire* a une double fonction de création de valeurs et de justification de l'action (CHARAUDEAU, 2007, n/p)

⁴ Essa perspectiva será discutida de modo mais detido no Capítulo II.

agregados a essas práticas. Para tanto, é preciso compreendê-la enquanto lugar de construção de sentidos (CHARAUDEAU, 2006).

A imprensa feminina - aquela cujo o conteúdo é direcionado exclusivamente às mulheres – é reveladora de questões relevantes no que tange às relações estabelecidas entre os sujeitos, bem como na construção das imagens da mulher, visto que ela “recorta no universo discursivo, este ‘conjunto de discursos que interagem num dado momento’ um lugar de fala que nos traz textos e imagens como objetos sociais e históricos, elaborados no social, segundo códigos e significados pré-construídos” (SWAIN, 2001, p. 71). Nesse sentido, é importante compreender o modo de constituição desse *dispositivo de encenação* da mídia, tal como concebido por Charaudeau (2006), pois ele é responsável por “formatar a mensagem e, com isso, contribui para lhe conferir um sentido” (CHARAUDEAU, 2006, p. 105).

Essa perspectiva compreende a importância da materialidade na qual os discursos circulam, produzindo sentidos, cuja importância é fundamental no desenvolvimento deste trabalho, pois compreendo que, diferente de outros dispositivos ainda que direcionados à mulher, a imprensa feminina possui modos específicos de produção de sentidos. Dessa maneira, analisar o modo de constituição do dispositivo da imprensa feminina, *Capricho*, gesto analítico deste capítulo, é perceber como se constitui “o material, o quadro, o suporte físico da mensagem, mas não se trata de um simples vetor indiferente ao que veicula, ou de um meio de transportar qualquer mensagem sem que esta se ressinta das características do suporte” (CHARAUDEAU, 2006, p. 105).

Esse gesto de compreensão exige uma ancoragem histórica que permite observar os agenciamentos dos sentidos sobre a mulher impressos nas revistas, mais especificamente na revista *Capricho*, bem como o modo de constituição da mesma ao longo do seu percurso. Para tanto, percorri um caminho que me permitiu observar os contornos da imprensa feminina, as especificidades da revista *Capricho* no século XX e XXI e as especificidades da seção sobre a qual me debruço para ancorar as análises em torno da imagem da adolescência na *Capricho* - a seção *Tudo de Blog*. Para tanto, parto da assertiva de que a imprensa feminina concebe, então, modelos de mulheres, que são culturais, como sendo naturais e funciona como uma espécie de agenciador das atualizações dos estereótipos que circundam a imagem feminina.

1.2 A MULHER IMPRESSA

A imprensa feminina, embora atrelada a “um segundo lugar: subalterno, dependente, complementar ou supérfluo” (BUIIONI, 2009, p. 21), desde o seu surgimento, mostrou

grande potencial como objeto de pesquisa, “devido às articulações sociais, econômicas e culturais que estão implícitas em sua estruturação” (BUITONI, 1986, p. 5). Essa assertiva permite compreender a posição de Perrot (1998, p.77) ao afirmar que “inicialmente a imprensa é um mundo masculino, de que as mulheres vão lentamente se apropriando. Não sem dificuldade [...]. Todavia, as mulheres insinuavam-se no jornal pelos rodapés – a parte de baixo das páginas dos jornais - que lhes era progressivamente reservados.”

Esse quadro de subalternidade é decorrente do modo como, ao longo da história, as mulheres foram vetadas da participação no espaço público, bem como da formação intelectual limitada às quais eram fadadas. Segundo os estudos realizados por Buitoni (1986), a imprensa feminina surgiu na Europa nos finais do século XVII e o primeiro periódico feminino de que se tem notícia é o periódico inglês *Lady's Mercury* de 1693. Para a autora, o desenvolvimento dessa imprensa pelo mundo se deu, principalmente, a partir do século XIX.

No contexto brasileiro, o funcionamento da imprensa é datado desse século no qual, conforme Buitoni (1986, p. 36), “seguindo os costumes portugueses, devido à influência moura, a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir a missa [...]. O hábito de enviarem as filhas à escola só foi absorvido pelas famílias de posses por volta da metade do século”. Desse modo, “se os homens letrados eram poucos, as mulheres alfabetizadas formavam um número bem reduzido” (BUITONI, 1986).

Ainda que de modo contido, o século XIX é o berço para o surgimento das primeiras publicações destinadas às mulheres, bem como para o aparecimento das mulheres no exercício da escrita no âmbito público. Para Rosa (2011, p. 20), é “em função desse aprendizado contido e tardio das mulheres, sua presença nos jornais enquanto escritora pode ser observada apenas a partir de 1823, no *Sentinella da Liberdade*, de Cipriano Barata”.

Os estudos realizados por Buitoni (1981) sobre a imprensa feminina apontam que a primeira revista destinada à mulher no Brasil foi lançada pelo francês Pierre Plancher, em 1827, intitulada *O Espelho Diamantino* a qual era dedicada “às senhoras brasileiras”. O primeiro periódico datado direcionado às mulheres e dirigido por mulheres foi o *Jornal das Senhoras: modas, literaturas, belas artes e crítica*, fundado em 1852 e dirigido pela argentina Juana Paula Manso de Noronha.

A atuação do *Jornal das Senhoras* tinha como objetivos, segundo Muzart (2003, p. 227), “o melhoramento social e a emancipação moral da mulher”. A importância do surgimento de periódicos dirigidos por mulheres, direcionados para as mulheres, se dá, sobretudo, pela necessidade das mulheres em reivindicar seus direitos. Sobre tal posicionamento, Muzart (2003, p. 226) aponta que a reivindicação se dava, em primeiro lugar,

pelo direito à educação; em segundo, pelo direito à profissão e, bem mais tarde, pelo direito ao voto. Para a autora, “quando falamos dos periódicos do século XIX, há que se destacar, pois, essas grandes linhas de luta.”

Os periódicos femininos, nessa época, assumiram, então, um caráter contestatório, por meio dos quais as mulheres podiam, timidamente, reivindicar direitos, bem como refletir sobre a sua posição na sociedade. Nesse sentido, “é importante destacar que a imprensa teve um papel muito importante na formação do pensamento feminino e acompanhou todo o processo de emancipação da mulher, ora apoiando, ora contestando” (NASCIMENTO, 2004, p. 3). Vale ressaltar que a presença de mulheres nos periódicos era minoritária, não apenas em relação à presença masculina, como também na própria presença de mulheres, visto que o acesso à educação ainda era privilégio da elite brasileira.

Até os finais do século XIX eram os jornais que caracterizavam a imprensa feminina⁵. Foi no século XX, com o advento da indústria gráfica e, com isso, a inserção de ilustração e fotos nos periódicos, que “a imprensa feminina elegeu a revista como seu veículo por excelência” (BUITONI, 1986, p. 17). É possível, com isso, afirmar que o século XX foi o período de grande desenvolvimento da imprensa feminina brasileira, tal como concebida nos dias atuais.

O século XIX, de acordo com Buitoni (2009, p. 47), apresentou duas fortes representações de mulher na imprensa feminina, a saber: “a tradicional, que não permite liberdade de ação fora do lar e que engrandece as virtudes domésticas e as qualidades ‘femininas’; e a progressista, que defende os direitos das mulheres, dando grande ênfase a educação”. Por outro lado, no século XX, foram muitas as representações da mulher impressas nas revistas.

O século XX foi o berço para a consolidação das revistas destinadas à mulher. Em condições sócio-históricas propícias, o desvelar do “universo feminino”, buscado por essas publicações, tornou-se fórmula obrigatória para o sucesso das revistas. A “época de transição e modernização” (FREYRE, 2004) ocorrida no Brasil ecoou nas práticas sociais das mulheres: as mulheres precisavam ser modernas. Nesse desenrolar da modernização, as revistas precisavam acompanhar as “novas” práticas de sociabilidade feminina. É nesse contexto que surge a revista destinada à “Mulher Moderna”: a revista *Capricho*.

⁵ Sobre a distinção entre jornais e revistas femininas, Buitoni (1986, p. 17) pontua que o uso dos termos jornal e revista compreendem “jornal para cadernos sem capa dura, impressos em papel mais barato e revista para formatos mais trabalhados – capa dura, miolo em papel melhor, geralmente com mais fotos.” A autora afirma ainda que “não existe só essa diferença material: geralmente, o conteúdo é tratado de modo diverso. No passado, o termo revista relacionava-se mais com o conteúdo do que com o formato, pois, na prática, era difícil distingui-la dos jornais pelo aspecto visual. Ambos eram muito semelhantes, graficamente.”

1.3 FOLHEANDO AS MULHERES *CAPRICHÔ*

1.3.1 A “mulher moderna” do século XX

Os anos dourados foram o pano de fundo para o surgimento da revista *Capricho*, lançada em junho de 1952, pela Editora Abril, como uma revista de fotonovelas. Esse gênero predominantemente destinado ao público feminino teve grande circulação até o final dos anos 1990, tendo a *Capricho* como uma das pioneiras em publicações desse gênero. As fotonovelas eram dirigidas ao público adulto e tinham como tema predominante o amor, relatado através de quadrinhos. Segundo Buitoni (1986, p. 47), “a fotonovela surgiu na Europa dentro de um contexto de sentimentalização da imprensa voltada para mulheres. As editoras descobriram que era preciso falar dos problemas amorosos das pessoas”. Na esteira do pensamento da autora, o estudo realizado por Priore (2006, p. 301) sobre a *História do Amor no Brasil*, ao tratar do século XX, aponta que “as revistas femininas tinham um papel modelar no que dizia respeito à vida amorosa”.

A auréola sentimental que revestia as publicações para mulheres da época foi o grande investimento no lançamento da *Capricho* enquanto revista de fotonovelas. O estudo realizado por Buitoni (1986, p. 48) assevera que

Nossa grande imprensa feminina inicia-se com *Capricho* [...]. Um dos atrativos da nova revista foi a fotonovela completa numa edição, enquanto as concorrentes publicavam em capítulos. *Capricho* ganhou rapidamente a preferência das leitoras tornando-se a mais importante do mercado, sendo um dos esteios do crescimento da Editora Abril.

Seguindo a perspectiva da autora, considero a *Capricho* como um marco na historiografia da imprensa feminina no Brasil, devido, sobretudo, a sua grande difusão e sucesso na época de surgimento. Para Scalzo (2004, p. 90), o sucesso foi rápido e grande, pois “a revista chegou a vender 500 mil exemplares por quinzena na década de 1950, tornando-se líder de seu segmento”, o que a torna, então, uma publicação de amplo espectro de circulação e, por consequência, de leitura. Ao comparar o lançamento da Editora Abril com publicações

de outras editoras da época⁶, Mira (1997, p. 57) afirma que “a Abril alcançava com menos título uma penetração maior por causa da tiragem elevada”.

Sobre a constituição da revista *Capricho* e a sua aceitação social, Bassanezi (1996), ao compará-la com outras revistas de fotonovelas, assegura que estas foram uma grande novidade na época em termos de imprensa feminina. Para a autora (1996, p. 33), essas revistas:

Exploram o veio “sentimental”, e são proibidas em muitos lares, por focalizarem paixões arrebatadoras, mocinhas decididas, cenas “picantes” etc. Sofrem as mesmas críticas moralistas que o cinema e alimentam sonhos (que não passam disso na maioria das vezes), mas não propõem nenhuma mudança significativa nas relações de gênero. Pelo contrário.

Ainda no que diz respeito à constituição e importância das fotonovelas na imprensa feminina, o estudo realizado por Mira (1997, p. 56) mostra que a fotonovela foi uma invenção italiana no pós-guerra, tendo como influência o cinema, sobretudo, “nas narrativas de Hollywood que se constroem em torno de um relacionamento amoroso, heterossexual e romântico”. Para a autora (1997, p. 57), as fotonovelas possuíam basicamente uma narrativa amorosa.

A caracterização das fotonovelas, mostradas por Mira, enquanto ligadas ao sentimentalismo e ao romance, aliadas ao grande sucesso das fotonovelas entre o público feminino, já permite apontar a importância das publicações femininas nas práticas de mulheres, na construção da “feminilidade”, bem como na constituição dos discursos em torno do feminino ao longo da história das mulheres. Ao compreender que a produção das revistas femininas é condicionada por fatores sócio-históricos que caracterizam o funcionamento social da época em que foram produzidas, a *Capricho*, nesse sentido, é uma fonte de pesquisa substancial na análise das imagens de mulheres, devido, sobretudo, ao fato de que sua historiografia sugere um acompanhamento das modificações sociais ocorridas no que tange à imagem da mulher.

Para a compreensão da constituição da *Capricho* nos primeiros anos de sucesso do seu lançamento, tomo, a título de ilustração, a edição publicada em 1956 e a edição publicada em 1979. A escolha aleatória dessas edições permite observar não apenas as modificações na

⁶ Nas palavras de Mira (1997, p. 57), “nos anos 50 e 60 a fotonovela vive sua época áurea no Brasil. Em termos de circulação, só perde para os quadrinhos Disney.

constituição gráfica da revista, como também o modo como o apogeu e o declínio⁷ das fotonovelas – ocorridos nos anos das revistas selecionadas – afetaram a produção e a circulação dos discursos sobre a mulher no trajeto das modificações sociais.

As primeiras publicações da *Capricho* apresentavam apenas as fotonovelas. No mesmo ano de seu lançamento, a revista, embora mantivesse o foco nas fotonovelas, passa a inserir em suas páginas contos amorosos, matérias sobre beleza, comportamento e assuntos sobre a vida no lar. Vale ressaltar o direcionamento de público que a revista possuía no período de seu lançamento. A *Capricho* atingia, como bem apontou Buitoni, diversas faixas etárias, embora fizesse mais sucesso entre as jovens leitoras. Nesse sentido, vale salientar que a ideia em torno do ser jovem, juventude e adolescência, tal como é possível conceber nos finais de século XX e início do século XXI, como mostrarei no próximo capítulo, ainda não eram possíveis de ser delineadas.

A efervescência nos estudos acadêmicos sobre a juventude como objeto de estudo se dá, sobretudo, a partir dos anos 1960. Nascimento (2002, p. 29), ao iniciar o seu estudo sobre trajetória da juventude brasileira, mostra que o final dos anos dourados

já prenunciava o Poder Jovem que explodiria nos anos 60. A atenção para a adolescência foi despertada, não apenas pela preocupação com os comportamentos da *juventude transviada* que marcou este período. A população de menores de vinte anos crescia, conquistava uma identidade grupal e representava um contingente para o consumo.

A fala da autora já indica os contornos de uma discussão que retomarei no próximo capítulo, o que cabe compreender neste momento, no que tange ao público de leitoras da *Capricho*, é que a mesma atingia ampla faixa etária das leitoras e já chegou a ser considerada “desaconselhável para menores de 18 anos” (CAPRICHOS, 1979).

Os anos de 1950 foram promissores para a *Capricho*. Em 1956, devido ao grande número de tiragens vendidas, tornou-se a maior revista feminina da América Latina, resultado que deve ser atribuído principalmente às fotonovelas. Sobre a constituição da revista no período, na edição analisada do ano de 1957, as seções de cartas de leitoras, dicas de moda, beleza, comportamento e os cuidados com o lar aparecem em segundo plano. Quanto ao espaço de tempo entre as publicações, embora seja recorrente a informação de que a primeira mudança editorial da revista, ocorrida em 1952, foi a sua periodicidade (deixando de ser

⁷ “A partir dos anos 70, as revistas de fotonovelas entram em declínio. Mesmo assim, no início da década de 80, ainda circulavam em torno de 20 títulos. Do lado do público foi havendo um certo desinteresse por este tipo de narrativa, já então considerada ingênua pelas leitoras”, apontou Mira (1997, p. 59).

mensal para ser quinzenal), observa-se, através do editorial, que, em 1957, a revista mantinha ainda sua periodicidade mensal (destaque da fig. 1).



Figura 1: capa e editorial da *Capricho* década de 1950

Na capa da revista, é possível perceber, por meio do enunciado “vote na garota da nossa capa e concorra a prêmios”, o convite para a participação da leitora na construção da revista, fato corrente na imprensa feminina da época e que se mantém na configuração atual da revista. O uso do pronome *nossa* revela um “nós inclusivo (“eu + tu, vós”)", unindo “as pessoas que se opõem na correlação de subjetividade”, ou seja, inclui um *sujeito* no ritual de interação da capa (CESTARI, 2010, p. 782). É possível já observar, ainda por meio da capa, as encenações das *identidades de gênero* que a revista engendra. A foto da capa enuncia um protótipo de mulher socialmente aceita, segundo o qual a construção da feminilidade se dá por meio de elementos claramente identificáveis entre os parceiros das trocas verbais: cabelo arrumado, unhas feitas, pintadas de vermelho, uso da maquiagem e joias.

A presença do gato dentro de um cesto, contudo, é o elemento que, na construção da capa, mais chama a atenção, visto que, ao longo da história, os gatos sempre estiveram associados à “natureza” feminina, enquanto os cães, à “natureza” masculina. Na mitologia, nos contos de fadas ou mesmo na história das sociedades, a figura do gato está associada à mulher. Na Mitologia Egípcia, a Deusa Bastet, representada com o corpo de uma mulher e a cabeça de uma gata, em sua forma antropomorfa “lleva un tocado especial, un pendiente a la oreja y un gran collar en el pecho. En sus manos sujeta un sistro y una égida, y de su brazo pende un cesto en el que a menudo guarda a sus pequeños” (CASTEL, 2001, p. 42). A sua divindade se dá, sobretudo, pelo seu “prototipo de dulzura maternal, pero puede transformarse en asesina cuando necesita defender a sus hijos. Ella es la guardiana del hogar y simboliza La fecundidad amorosa y los poderes beneficiosos do sol” (CASTEL, 2001, p. 42).

Essa ligação dos gatos com a divindade feminina desencadeou, por meio do cristianismo, a associação da figura dos gatos e das mulheres com os cultos pagãos, com a bruxaria, feitiçaria e os atos hereges. Durante a Idade Média, a conjugação entre fé e sexo faz das mulheres, no período inquisitório, objeto de perseguição, tortura e morte, ato que ficou conhecido como *Caça às Bruxas*. Nesse sentido, o gato, enquanto representante do feminino, atribui à mulher a figura de deusa e bruxa. Essa distinção pode ser apurada por meio da cor do gato à medida que o gato branco representa a pureza e está ligado à divindade, o gato preto é comumente associado à bruxaria, a maldade e ao azar. Nessa perspectiva, pode-se inferir que a presença do gato na capa é uma extensão do construto da imagem da mulher como deusa.

Se na discursivização da capa da revista já se apontam elementos que permitem analisar as representações do feminino, o editorial aponta elementos sobre a constituição da revista. Nele, já se fazem presentes propagandas - no caso do editorial analisado (figura 1) sobre educação e produto de beleza - e a seção *Coração Pergunta* na qual as leitoras pedem conselhos amorosos à revista.

Na caracterização da revista, vale ressaltar que apenas a capa era colorida enquanto todo o conteúdo interno era preto e branco. No que tange à construção icônica da fotonovela, a primeira página da figura 2 é construída por nove quadrantes simétricos e a segunda possui nove quadrantes dos quais os três finais são assimétricos. Com exceção do primeiro quadrante que mostra uma imagem externa sem personagens, todos os outros fazem desenrolar a história no âmbito da vida privada. Gostaria de ressaltar aqui as cenas finais da segunda página que se desenrolam após o enunciado “Ali o esperam una deliciosa mulherzinha e uma bonita criança. Esse é o segredo de Alan, a metade de suas noitadas de farra” [grifo meu].



Figura 2: fotonovela *Capricho* década de 1950

A introdução das cenas seguintes por meio do enunciado do narrador projeta a imagem arquetípica da mulher na posição da passividade, da espera pelo marido. O sufixo de grau diminutivo *-inha*, responsável, no contexto, pelo processo de derivação do léxico *mulher* para *mulherzinha*, auxilia na compreensão dessa passividade feminina. Desse modo, o enunciado *mulherzinha* aponta para a fragilidade e a disponibilidade da mulher na espera do retorno da figura masculina ao lar, enquanto ela cuida da criança e dos afazeres domésticos. Essa construção do arquétipo feminino da passividade, da maternidade e da domesticidade são (re)afirmadas nas imagens finais. É a mulher que, após o esposo brincar com o filho, coloca-o para dormir.

Após as fotonovelas, são os contos de cunho amoroso que possuem predominância na revista (fig. 3), seguidos dos testes de personalidade e comportamento, que servem para que as leitoras identifiquem se seus comportamentos estão adequados à vida em sociedade (fig. 3). Nas figuras que seguem, o título do conto *Nunca hei de ficar só*, bem como a temática do teste *Estou apta para o casamento* sinalizam não apenas o veio sentimental dessa publicações, como já apontado, como também a preparação das jovens mulheres para a necessidade da vida conjugal e, por consequência, da vida doméstica e da vocação para a maternidade.



Além de boas luzes, as lâmpadas PHILIPS trazem ao lar as 16 famosas SUGESTÕES LUMINOSAS, que são ideias e conselhos úteis para o dono de casa.

SABER O L'Y VOUS LE FACILITE INCANCRIBAR, DAS SUGESTÕES LUMINOSAS

Manter a iluminação de casa viva e agradável, isto é, iluminar a casa com as lâmpadas PHILIPS, é uma tarefa que exige um pouco de conhecimento técnico. Mas não se preocupe, pois a PHILIPS tem a solução para todos os problemas de iluminação. Basta consultar o catálogo de sugestões luminosas PHILIPS, onde se encontram todas as sugestões.

SUGESTÕES LUMINOSAS PHILIPS

As sugestões luminosas PHILIPS são ideias e conselhos úteis para o dono de casa. Elas são: 1. Iluminar a sala de estar com uma lâmpada de 100 watts. 2. Iluminar o quarto com uma lâmpada de 60 watts. 3. Iluminar o banheiro com uma lâmpada de 40 watts. 4. Iluminar a cozinha com uma lâmpada de 40 watts. 5. Iluminar o corredor com uma lâmpada de 40 watts. 6. Iluminar o jardim com uma lâmpada de 100 watts. 7. Iluminar a garagem com uma lâmpada de 100 watts. 8. Iluminar a varanda com uma lâmpada de 40 watts. 9. Iluminar o terraço com uma lâmpada de 40 watts. 10. Iluminar o portão com uma lâmpada de 100 watts. 11. Iluminar o chuveiro com uma lâmpada de 40 watts. 12. Iluminar o banheiro com uma lâmpada de 40 watts. 13. Iluminar o quarto com uma lâmpada de 60 watts. 14. Iluminar a sala de estar com uma lâmpada de 100 watts. 15. Iluminar a cozinha com uma lâmpada de 40 watts. 16. Iluminar o jardim com uma lâmpada de 100 watts.

Nunca hei de ficar só

Conto de SÍLVIA MONTELL

A companhia está muito agradável — declarou Hermínia Cortez —, ficando tanto o meu marido esperanças.

— É verdade? — disse a senhora Sanchez, a dona da casa. — É pobre! Não, espera sempre.

— E os filhos? — perguntou a senhora Sanchez, do enorme espelho do salão. Hermínia sorriu e disse:

— É um obrigação... é lá já está habitado.

Uma das convidadas para o chá da senhora Sanchez observou:

— Há homens pacientes, mas que também se cansam... Hermínia voltou-se, olhos atentamente a mulher que se baseava de falar, depois suspirou os ombros.

— E se não é o caso de Alberto... Fique sossegada, minha querida amiga, com meu marido tal perigo não existe. Ele jamais me deixará.

Alguns instantes mais tarde, depois que ela havia saído do salão, a senhora Sanchez, amiga íntima de Hermínia, comentou:

— Apesar do tempo e dos anos, Hermínia não mudou. Com cinquenta anos... é preciso reconhecer que não os aparenta, ela parece jovem... e ainda, ou talvez, precisa nessa criança.

— Tive a impressão, de repente, que o tempo não importava para ela.

— Ela, porém, é verdade — admitiu a senhora Sanchez —. Comigo a vida de Hermínia e assegurá-las que se casou novamente quando por Alberto.

A senhora Sanchez, sabendo que tinha uma brilhante conversa e vendo o interesse e a curiosidade de suas amigas, continuou:

— Hermínia tinha 17 anos quando saiu de casa a fim de se casar com Alberto Cortez, belo rapaz de 24 anos, inteligente, mas muito pobre.

— Hermínia era de família rica e seus parentes jamais consentiram em seu casamento com um homem pobre. Tiveram, portanto, que se curvar à realidade e perdoar a moça, quando acabou transformada na esposa de Alberto.

— O primeiro ano foi pleno de felicidade sem fim, ou, pelo menos, até quando não se fim — disse Hermínia, agora habituada a uma vida faminta. Os amigos, as relações de parentes e conhecidos de pessoas ricas, preferiam Alberto era pobre e se bem que fizesse o possível para progredir, a fim de dar felicidade à mulher adormida, e vida ao lado dele era bastante difícil. Era orgulhoso e jamais aceitará ajuda de ninguém da família de sua mulher, pelo que, por outro lado, não se habituava a desobediência.

— O primeiro mês de casamento a desobediência e os passeios de domingo ao Zoológico ou algumas idas ao cinema durante a

Estou apta para o casamento?

- 1.º) — O amor é uma lâmpada?
- 2.º) — É muito importante, para que o casamento seja uma união feliz, que ambos os esposos tenham opções semelhantes?
- 3.º) — Quando um dos esposos está sempre disposto a aceitar os desejos do outro, o casamento é mais feliz?
- 4.º) — Um modo de agir errado na mulher é mais repreensível do que no homem?
- 5.º) — A atração entre marido e mulher enfraquece inevitavelmente com o passar das anos?
- 6.º) — Num casamento feliz, o marido não fala de negócios em casa e evita discussões com sua mulher?
- 7.º) — Os filhos são motivos mais de desavenças do que harmonia conjugal?
- 8.º) — Os casamentos são mais felizes quando os esposos costumam ter o mesmo número positivo de amigos?
- 9.º) — Quando a mulher se destaca mais que o homem por seus êxitos profissionais na sociedade, o casamento se torna infeliz?
- 10.º) — Os esposos devem sempre passar suas férias juntos?

A resposta deve ser Não para todas as perguntas. O amor não é, absolutamente uma lâmpada, todos sabem bem o que fazemos. Não é essencial que ambos tenham gostos semelhantes. Quando uma pessoa tem que submeter sua personalidade para ficar de acordo com outra, jamais haverá felicidade. Absolutamente, o homem tem certas responsabilidades perante a sociedade, mas tanto o homem como a mulher têm responsabilidades e deveres. Com o correr dos anos, a atração não enfraquece, mas sim se actualiza. O marido deve fazer a mulher participar de seu trabalho, o lar querente a ambos, os alegres e divertimentos familiares. No maior parte das vezes, os filhos amam e não desistem o casal. Os amigos tornam a vida mais agradável. Não sempre a proteção profissional e social da esposa desmerece o casal. As férias costumam ser "fracassadas".

Avulso 10 pontos para cada resposta certa. Essa será sua percentagem de aptidão para o matrimônio. Por exemplo, se você obtiver 40 pontos, sua percentagem será de 40%.



Figura 3: conto amoroso e teste na *Capricho* 1950

Apontar essas questões revela algumas representações e alguns sentidos de mulheres que circulam no imaginário social e que são recuperadas pelas revistas para que se dê a identificação com o mundo ético das leitoras. Essa construção social da mulher estampada nas páginas da *Capricho* permitem evidenciar certas representações do universo feminino que historiciza os sentidos de mulher na sociedade.

Durante mais de 20 anos, o mercado editorial da imprensa feminina brasileira experimentou o apogeu e grande sucesso da fórmula das fotonovelas, entretanto, nos 1970, esse mercado começa a sofrer declínio nas vendas e na circulação. Conforme aponta Mira (1997, p. 60), a crise foi mundial, “a industrialização, a consolidação da sociedade de consumo, a penetração da televisão fizeram com que a fotonovela fosse perdendo suas leitoras para outros tipos de revistas femininas e para as revistas especializadas em TV”.

Os anos 1970 foram marcados por novas perspectivas para a situação social da mulher, devido, sobretudo, às conquistas suscitadas pelos movimentos sociais que dela se ocupavam. De acordo com Nascimento (2006, p. 217), a década de 1970 “se caracterizou basicamente pela busca da liberdade, principalmente a sexual e pela descoberta do corpo”. A autora aponta que as mudanças radicais nos costumes, após a década de 1960, afetaram as formas do relacionamento amoroso. Para Nascimento (2006), o comportamento sexual ampliou suas fronteiras.

Disseminada a área do sentimentalismo vigente nas décadas anteriores, é a liberação sexual que abre os anos 1970, influenciados, principalmente, pelo meios de comunicação de massa. Em consonância com o pensamento de Nascimento (2006), Priore

(2006, p. 322) aponta que, esse período, “era o início do direito ao prazer para todos, sem que as mulheres fossem penalizadas ao manifestar seu interesse por alguém. Era o início do fim de amores que tinham de parar no último estágio: “quero me casar virgem”!. As mulheres começavam a poder desobedecer às normas sociais, parentais e familiares”.

Esse quadro de modificações no que tange ao comportamento nas práticas sociais de gênero afetou sobremaneira o mercado editorial das revistas femininas as quais, para acompanhar as mudanças, precisaram modificar o seu modo de constituição. Com a desestabilização da mística romântica, o sentimentalismo das fotonovelas já não atendia mais à demanda social das novas práticas da “feminilidade”.

A maioria das revistas já estava inserindo em suas páginas outros assuntos, sobretudo os bastidores da TV e, em contrapartida, muitos títulos de fotonovelas já haviam sumido do mercado editorial por não se adaptarem às mudanças ocorridas no público feminino (MIRA, 1997). Com o advento da televisão e das telenovelas, de acordo com Scalzo (2004, p. 90), “a *Capricho* teve que passar pela sua primeira mudança radical para se manter no mercado”. Essa mudança pode ser observada na edição de 1979, trazida para análise. Nessa edição, é possível observar que a *Capricho* encerra os anos 1970 com um novo editorial gráfico aliado a uma nova “receita” de revista para mulheres.



Figura 4: capa e sumário da *Capricho* década de 1970

A ampliação dos espaços para as seções e as matérias sobre o comportamento feminino caracterizaram a revista *Capricho* desse período. Sobre a caracterização das revistas femininas dos anos 1970, Habbert (*apud* MIRA, 1997, p. 58) afirma que as revistas de fotonovelas da época

são um arranjo de poucos elementos (amor, casamento, sexo, beleza e necessidade lúdica) trabalhados sob a forma de imaginário, de conselho e de informação. Trazem seções consultivas sobre beleza, moda, saúde, economia doméstica, problemas sentimentais e, bem recentemente, assuntos jurídicos (envolvendo questões de desquites, casamentos, paternidade, etc). Também publicam as ‘confissões’, os desabaços dos ídolos criados pelos meios de comunicação de massa, que sofrem como qualquer mortal leitor. Além disso, apresentam certa dosagem de magia, paraciência e, finalmente, os contos e a fotonovela.

A caracterização de Habbert (*apud* MIRA, 1997) pode ser visualizada na caracterização observada na publicação da *Capricho*. Tais observações apontam para as particularidades da sociabilidade feminina no período em questão. Acredito ser necessário recuperar as representações de mulher veiculadas pela revista para que se compreenda o modo como tais representações podem ou não ser repetidas ao longo da história da revista, levando em consideração as transformações sociais em torno da imagem feminina. Esse gesto se revela como uma tentativa de compreensão do contexto sócio-histórico que influenciou na produção e circulação dos sentidos de mulher nas revistas femininas, bem como no modo como a *Capricho* se constituiu como uma revista adolescente no mercado editorial brasileiro.

Nesse sentido, é interessante observar que, embora a revista mude a configuração para se manter no mercado editorial, o declínio das fotonovelas e a baixa vendagem da publicação fez com que fosse preciso que a revista passasse por mais uma modificação para se manter no mercado. Em 1982, deixa de publicar definitivamente as fotonovelas e mergulha num grande empreendimento “tateando em busca de seu próprio caminho” (SCALZO, 2004, p. 90). É em 1985 que a revista passa por uma grande revisão editorial e deixa de ser direcionada à “mulher moderna” para ser a “revista da gatinha”.



Figura 7: capa da revista *Capricho* 1985.

A estratégica modificação, com vistas ao reposicionamento no mercado editorial e à recuperação em termos de venda e circulação, desencadeou um redirecionamento da *Capricho* para um público mais jovem: as adolescentes que “até então não dispunham de um revista feita exclusivamente para elas” (SCALZO, 2004, p. 91). Nesse sentido, ao longo dos anos 1980, conforme aponta Scalzo (2004), a revista caminha para tornar-se a primeira revista para adolescentes entre 12 e 18 anos, com o intuito de atingir as classes A e B. segundo a autora (2004, p. 92), o propósito era fazer uma revista “que se parecesse, em forma e conteúdo, mas com uma amiga da leitora e menos com sua mãe, com sua professora e conselheira”. Nesse sentido, a revista pode ocupar o lugar da amiga ou da irmã, conversando com as adolescentes sobre seus problemas mais íntimos. Foi com esta receita que, nos anos 1990, a *Capricho* passa a ser a revista mais vendida no segmento adolescente.

1.3.2 A “independente, inteligente, in, decente” do século XXI

O processo de globalização e desenvolvimento tecnológico marcou a primeira década do século XXI. A consolidação da participação feminina na esfera pública, embora com entraves, delineava o quadro de conquistas e liberação alcançado pelas mulheres. A *Capricho*, já consagrada no mercado editorial brasileiro como revista para adolescentes, precisava, então, acompanhar as mudanças das “gatinhas” que agora deveriam ser

“irreverentes, independentes, inteligentes, in, decentes” (CAPRICHIO, 2008). Nesse sentido, como afirma Freire Filho (2007, p. 141), “de acordo com a genealogia do feminismo alinhavada pela *Capricho*, as “gatinhas” de outrora precisavam batalhar pelo seu espaço, procurar mais liberdade na esfera pública e doméstica”.

Tal liberdade e independência incidiram sobre a construção da imagem em torno da mulher adolescente de modo que a busca por uma autenticidade e por uma personalidade própria passou a estampar as páginas das revistas juvenis. O foco da *Capricho* na busca por autenticidade na construção da imagem dessa “nova adolescente”, na perspectiva de Freire Filho (2007), objetivou sedimentar tal imagem “com os assim chamados tempos *pós-feministas*” que, por sua vez, é “um conceito ambíguo e controverso encapado pela mídia, com avidez, a fim de proclamar o desinteresse (ou mesmo aversão) pelo feminismo das gerações de adolescentes nascidas num mundo moldados pelas conquista do movimento” (FREIRE FILHO, 2007, p. 141).

Numa perspectiva mais ampla, McRobbie (2006, p. 59) compreende o *pós-feminismo* “como um processo ativo pelo qual os ganhos feministas dos anos 70 e 80 estão enfraquecidos”. Os trabalhos de McRobbie permitem compreender o modo como a cultura popular, sobretudo, a midiática juvenil instaurou uma série de elementos que conduziram à compreensão das lutas feministas como redundantes. Nesse sentido, a ideia central de uma tomada *pós-feminista* é que as mulheres já teriam alcançado toda a sua liberdade de escolha.

Para a autora (2006, p. 59), os “elementos da cultura popular contemporânea são perniciosamente efetivos no apagamento do feminismo, enquanto simultaneamente aparentam estar engajados em uma bem informada e até mesmo bem intencionada resposta ao ‘feminismo’. Com efeito, o *pós-feminismo* “sugere que, com a ajuda das bandeiras de liberdade e escolha que agora estão inextricavelmente conectadas com as jovens, o feminismo está decididamente ‘datado’ e parece ser redundante”. O *pós-feminismo*, então, faz uso positivo do feminismo para criar a ilusão de que a igualdade foi alcançada e de que o feminismo não se faz mais necessário.

A constatação do efeito do *pós-feminismo* na revista *Capricho*, já debatida nos trabalhos de Freire Filho (2006, 2007)⁸ e ampliada nesta pesquisa com a contribuição dos trabalhos de McRobbie, permite compreender o modo de constituição e produção de sentidos

⁸ O autor realizou um estudo, à luz dos estudos culturais, sobre a Resistência Juvenil no qual se debruçou sobre a revista *Capricho* no início do século XXI até o ano de 2006. Na presente pesquisa, mesmo inserida em outra perspectiva teórica, sigo nas trilhas do autor, bem como nas trilhas de Mira (1997), à medida que seu estudo permite compreender as imagens das adolescentes na revista ao mesmo tempo em que contribuiu para a discussão por ele iniciada, visto que esta pesquisa tem como recorte analítico os anos de 2006 a 2010.

também na *Capricho*, visto que é possível observar o movimento em busca dos valores próprios no editorial da revista. Nesse sentido, o editorial de comemoração dos 20 anos da revista, conforme pontua Freire Filho (2007, p. 141), sinaliza:

CAPRICHOS. Seja diferente. Seja você. Vinte anos depois, a adolescente brasileira mudou bastante. Graças às gatinhas, ela conquistou mais liberdade em casa, é mais resolvida, mais tranqüila com os pais. A busca dela, a sua busca, não é por mais espaço, mas por mais atitude. E só pode ter atitude quem tem seus próprios valores. Quem tem idéias próprias, e não emprestadas, para expressar.

Esse movimento em busca de autenticidade, que anseia pela necessidade de encontrar um *eu* interior e cria a ilusão de modos particulares de expressão, comportamento e liberdade de escolha, recorda o “processo de individualização”, concebido por Beck e Giddens (1997), sobre o qual Mcrobbie (2006, p. 66) afirma que os indivíduos são convocados a criar suas próprias estruturas. Para a autora (2006, p. 66), “eles devem fazer isso interna e individualmente, então aquelas práticas de auto-monitoramento (o diário, o plano de vida, a trajetória profissional) recolocam a confiança em seu devido caminho [...] e fornecem os significados culturais pelos quais a individualização opera como um processo social”.

O posicionamento da autora permite compreender o modo como a pretensa liberdade de escolha e, por conseguinte, a pretensa autonomia é forjada no *imaginário* da revista *Capricho* enquanto fundante das práticas de sociabilidade da adolescente no início do século XXI. Na perspectiva da autora, a suposta escolha é um modo de coerção social. Isso se dá, principalmente, pelo fato de o que se identifica nessas construções é a independência feminina como o lugar de figuração para a dependência da atenção masculina (GREER, 1999; FREIRE FILHO, 2007).

O estudo realizado por Freire Filho (2007) é substancial na compreensão dos modos de constituição da revista *Capricho* nos anos iniciais deste século. Doravante, gostaria, entretanto, de debruçar-me sobre a caracterização, bem como os modos de constituição da revista nos anos de recorte da pesquisa, 2006 a 2009, sob a justificativa de ter sido o período de vigência da seção sobre a qual proponho a análise.

O ano de 2006 marca a última grande reformulação pela qual a revista passou, no que tange ao seu projeto editorial⁹ e gráfico. Essa modificação teve por finalidade tornar a revista “mais moderna (abrindo espaço para arte jovem e ampliando o leque de ilustradores-colaboradores) e resgatar alguns valores próprios da plataforma revista, como o prazer tátil e

⁹ Essa configuração se mantém até os dias atuais, considerando, nesse aspecto, as últimas observações realizadas por essa pesquisa em 2012.

visual (daí a opção por um projeto gráfico com cara de “feito à mão”)¹⁰, através da realização de mudanças gráficas anuais. As transformações da revista ocorreram, sobretudo, no que tange à interação com a leitora, integrando a plataforma virtual à revista impressa, no que diz respeito, principalmente, às redes sociais. Nas publicidades, a revista anuncia

CAPRICH mudou. Agora, a revista das garotas brasileiras está com uma pegada mais cool ainda. Moda de rua, beleza inteligente, muita informação engraçada, curiosa e o que há de mais legal em arte e conteúdo jovem. *Capricho*: irreverente, independente, inteligente, indecente! (CAPRICH, 2006).

Nessa mudança, por “uma pegada mais cool”, a revista passa a apresentar seções que remetem ao universo virtual. A divisão gráfica da revista possui seções que fazem referência e mantêm articulação com o universo virtual, seja por meio do título, seja pela disposição gráfica. Essa seções são de interesse neste trabalho, devido ao recorte do *corpus*, são elas: *about me*, *caixa de entrada*, *sexo*, *sofá inflável*, *tudo de blog*, *favoritos* e *carregando*.

Na seção *sofá inflável*, há a simulação de um bate-papo virtual, mas é “a opinião dos garotos”, como aponta o subtítulo da seção, sobre determinando assunto que será discutido. A seção *about me* simula a página virtual de um *fotolog*, site de postagem de fotografias que podem ser compartilhadas entre os amigos, na revista. Na seção, a *Capricho* sugere uma temática da quinzena e publica fotos das leitoras que recobrem o tema. A *Caixa de entrada* remete à caixa de entrada do e-mail. Nela, a revista lança uma pergunta e publica as melhores respostas. A seção *sexo* simula uma conversa entre amigas no *MSN*. A cada quinzena há um tema diferente sobre o qual cinco leitoras “batem um papo” com a editora da *Capricho*. Os *favoritos* apresenta sugestões de filmes, músicas e livros. Por fim, a seção *carregando* apresenta “o que está pegando na internet”, indicando as páginas, vídeos, *blogs*, *fotologs* mais vistos pela redação da revista. A seção *tudo de blog*, objeto deste trabalho e a qual será discutida mais detidamente no Capítulo 3, apresenta, em linhas gerais, os pontos de vista das *blogueiras* que colaboram com a revista sobre determinado tema sugerido pela *Capricho*.

Seguindo a proposta de mudança gráfica anual, em 2007, a apresentação gráfica da revista é modificada, o efeito de “feito à mão” já não é mais identificado, algumas seções

¹⁰ Vale esclarecer que as referências que cito como CAPRICH (2006; 2008) foram retiradas ora do portal de publicidade da revista Abril <<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=9>>, ora do site da revista, na seção *História da Capricho*, ambos acessados em março de 2009. Considero, portanto, essas duas instâncias como a base de dados das informações referentes aos anos 2006 a 2008, devido à observação em outras pesquisas sobre a *Capricho* nos anos citados manterem as mesmas informações, modificando-as apenas a partir de 2008 como apontarei na pesquisa. Saliento, sobretudo, que, por se tratar de uma plataforma virtual, a natureza das informações foi sendo modificadas ao longo dos anos, e muitos dos links já não estão mais disponíveis.

mudam de nome – a seção *sofá inflável* passa a ser *entre elas*, a seção *caixa de entrada* passa a *Fórum*, a seção *about me* passa a fazer menção direta ao ambiente virtual *fotolog*. Essa simulação do universo virtual nas páginas da revista aponta os rituais de interação na sociabilidade adolescente. O espaço dedicado pela revista a essa aproximação, bem como a relação e a influência do virtual sobre o impresso, observáveis na *Capricho* a partir de 2006, permitem refletir sobre a problemática do gênero discursivo nos estudos da linguagem, sobre a qual discorrerei mais adiante.

Em estudos anteriores, aponte algumas especificações da *Capricho* no ano de 2008 as quais gostaria de retomar (SOUZA, 2009). Nos dados coletados até esse período, a pesquisa realizada pelo IVC e os Estudos Marplan aponta a *Capricho* como primeira em sua categoria, possuindo um total de 1.929,000 leitores dos quais 10% são homens¹¹. A idade dos leitores, ainda segundo esses dados, varia conforme gênero e classe, mas é possível tecer um panorama em que 61% deles possuem idade entre 10 a 19 anos e são em sua maioria de classe média (42 %) e baixa (37%). Nessa configuração, a revista se considerava como um manual para as adolescentes, já que de mantinha contato “com a garota que está definindo sua personalidade e também construindo seu perfil de comportamento e consumo” (CAPRICHIO, 2008)¹². Nesse período também, a *Capricho* era a revista da adolescente “irreverente, independente, inteligente, in, decente” e se identifica como

a revista que entende e respeita as idéias e valores da adolescente. Tudo o que faz a menina chegar a uma opinião mostrando com clareza os assuntos do universo dela. Para a gente, seriedade não é sinônimo de mau humor. Na revista, ela encontra matérias sobre a intimidade dos famosos, comportamento, moda, relacionamentos e outras informações importantes como: programação de shows, eventos e um guia de compras com preços e endereços.

A *Capricho* é considerada, pelo Instituto Verificador de Circulação - IVC, a maior revista em termos de circulação e vendas direcionada ao público adolescente feminino, concorrendo no mercado editorial com revistas como *Querida* e *Toda teen*, também direcionadas para o mesmo público. No ano de recorte estudado, ela possuía periodicidade quinzenal, fato que, segundo a revista, é o ponto forte que a diferencia da concorrência, pois “reduzindo o período de tempo entre a revista ser feita e chegar às mãos da consumidora –

¹¹ Embora seja preciso ressaltar a questão da leitura da revista por garotos de uma revista destinada a garotas, este aspecto não foi ponderado nesta pesquisa devido à pouca relevância que traria para este estudo.

¹² Disponível em <<http://publicidade.abril.com.br/homes.php?MARCA=9>> Acesso em 07 novembro de 2009.

deixando-a mais atual – a torna um veículo mais vivo que acompanha o ritmo de suas leitoras¹³”.

O projeto gráfico de 2008 mantém proximidade com o de 2007, e as seções que simulam o ambiente virtual são mantidas. Uma nova mudança gráfica, no entanto, pode ser observada em 2009: as modificações no projeto gráfico assumem um papel importante no processo de constituição da revista, visto que permitem compreender a importância reservada ao uso da imagem gráfica pela revista. Nesse sentido, essa imagem, conforme aponta Aumont (1993), conduz o olhar inicial do leitor, permitindo que haja uma *incorporação* por parte do *interpretante*, resultando não apenas na compra e leitura da revista, como também na assimilação e apropriação dos seus conteúdos.

É também por meio da imagem, por consequência de um projeto gráfico bem sucedido, que a revista gera expectativas em seu leitor. Tal expectativa se dá, num primeiro contato, através das capas e depois pela organização interna. Dessa maneira, as imagens são discursos e, como tal, produzem sentidos. Nessa perspectiva, é preciso compreender que elas estão ligadas aos *saberes de crença e conhecimento*, bem como apoiam a construção das imagens de si (e do outro) no discurso. Conforme Aumont (1993, p. 79), “a produção de imagens jamais é gratuita, e, desde sempre, as imagens foram fabricadas para determinados usos, individuais ou coletivos”. As imagens e seus usos, então, expressam os valores do contexto sociocultural no qual os sujeitos estão inscritos. A importância da imagem na revista se dá ainda pelo modo como ela constitui o lugar da *memória*, do mesmo modo que (re)produz estereótipos, como aponta Joly (2003). Para a autora (2003, p. 221), é possível

Reconhecer uma função social à imagem midiática, não apenas nociva, como é muitas vezes temido, mas de reconhecimento e de integração social. Sem dúvidas é essa expectativa que determina a interpretação da imagem midiática da que, afinal de contas, se teme que se cumpra essa função. Outra fonte de condicionamento de nossas expectativas seria o nosso juízo e os estereótipos, a respeito do qual, sem dúvidas somos muito receosos¹⁴

O posicionamento dos autores na compreensão da importância das imagens delinea o universo da revista *Capricho*, devido ao império das imagens, aliado ao uso corrente de cores fortes, não apenas nas publicidades como também nas matérias. Nesse universo

¹³ Disponível em <http://capricho.abril.com.br/clube/historia.shtml> acesso em 07 de novembro de 2009.

¹⁴ Minha tradução do espanhol: reconocer una función social a la imagen mediática, no sólo nociva y desrealizante, como a menudo se teme, sino de reconocimiento y de integración social. Sin duda es ésa la expectativa que determina la interpretación de la imagen mediática de la que, a fin de cuentas, se teme que cumpla esa función. Otra fuente de condicionamiento de nuestras expectativas sería a nuestro juicio el estereotipo, respecto del cual, sin embargo, somos muy receosos.

imagético estampado na revista, gostaria de me deter mais especificamente na construção das capas dos anos 2008 e 2009. Para tanto, tomo quatro capas, duas em cada ano.

Em todas as capas dos anos citados, são utilizadas personalidades públicas que estão em alta na mídia e que possuem algum tipo de relação com “o mundo adolescente”, no que diz respeito ao entretenimento em geral. A grande maioria das personalidades são mulheres, em geral, atrizes e cantoras. Esse recurso da revista pode ser compreendido como uma estratégia para conferir autoridade ao que a revista está anunciando.

Como se pode observar na figura 8, as capas apresentam personalidades famosas da música pop internacional e atrizes famosas. As chamadas das matérias anunciam temas que são considerados prototípicos ao “mundo feminino adolescente” como truques de maquiagem, beleza, moda, segredos para conquistar os meninos, histórias de amizade, amor e namoros, dicas e truques para emagrecer ou manter o corpo perfeito, bem como anúncios de relatos biográficos de adolescentes.



Figura 8: capas *Capricho* 2008 e 2009

Identificam-se, então, os estereótipos em torno da adolescência feminina vigentes nessas capas, uma vez que o universo feminino adolescente é povoado por conselhos sobre beleza, moda e amor, dos quais se excluem a participação feminina nas esferas da vida política, do trabalho e da vida intelectual. A construção discursiva das capas reconfigura os domínios de *saber* que organizam os saberes que circulam no imaginário, responsáveis pela

determinação do que pode ou não ser dito sobre a prática da adolescência feminina em revista, através da qual a adolescente pode se constituir como sujeito moral na sociedade. Por meio do *contrato* (CHARARUDEAU, 2008) engendrado pela capa, as formulações verbais e imagéticas discursivizam uma adolescente “atenada” com os assuntos sobre beleza e sobre o universo masculino.

Há, nesse sentido, um investimento nas práticas sociais de adolescentes nas quais o cuidado com a beleza e a conquista da figura masculina são tidos como trunfo para a realização pessoal. Desse modo, esse pré-construído, traduzido em dizeres como “10 caras dão a real sobre o que querem numa namorada (e agente ainda dá o MSN deles)¹⁵”, “seja irresistível: 7 looks de inverno que os meninos adoram”¹⁶, “bumbum durinho: um treino para você ficar bem sarada para o verão”¹⁷, “Eu com ele. Eu sem ele. O amor sempre vale a pena, mesmo que não seja correspondido. Juro”¹⁸, constitui as teias de sentido das representações da adolescência feminina.

Ao folhear as revistas, é possível que o uso de cores e figuras que remetem ao mundo feminino é corrente. Rosas e tons pastéis são as cores predominantes nas seções das revistas, assim como corações, flores e frutas, como maçãs, morangos e cerejas, que são utilizadas na discursivização da feminilidade adolescente. O uso das frutas, conhecida como “onda das frutas” (SOALHEIRO, 2007), tanto nas capas como nas páginas da revista (figuras 8 e 9), foi um movimento muito frequente entre os anos 2007-2008, influenciado, principalmente, pela moda e pela cultura oriental. Tais simbologias estão presentes nas folhas da revista, assim como em suas capas.

Segundo Soalheiro (2007, p. 6)¹⁹, a ideia do uso das frutas na revista surgiu “da nossa editora Adriana Yoshida, que tinha acabado de chegar de Tóquio apaixonada pela onda frutinha que está pegando por lá”. A ligação das mulheres com as frutas apareciam nas capas e páginas da *Capricho* por meio dos acessórios utilizados pelas famosas. Os morangos, as maçãs, as cerejas e as melancias estavam entre as mais usadas. Essa associação entre as mulheres e as frutas tornou-se prática corrente e, para além das páginas da *Capricho*, passou a caracterizar o fenômeno do funk carioca, conhecido como as mulheres frutas, no qual dançarinas de funk adquirem, por meio de seus atributos corporais, o nome de frutas, entre os mais conhecidos, tem-se: Mulher Melancia, Mulher Moranguinho, Mulher Maçã, Mulher

¹⁵ Capa da edição 1019

¹⁶ Capa da edição 1045

¹⁷ Capa edição 1027

¹⁸ *Oi da editora* Taty Schibuola à edição 1046.

¹⁹ *Oi da editora* Barbara Soalheiro à edição 1029.

Pêra, Mulher Cereja. Nesse sentido, vale salientar que as frutas estão presentes nas práticas das representações do feminino e são recuperadas por meio do imaginário.

As representações das “mulheres frutas”, por um lado, devido à exposição do corpo e ao apelo sexual, remetem à imagem da “mulher cachorra”. Por outro lado, as representações das frutas no universo da revista *Capricho* engendram a imagem delicada do feminino que pode associar-se à imagem da “mulher princesa”. Nessa dinâmica, são recuperadas as imagens em torno da mulher, construídas historicamente, nas quais a dualidade do comportamento feminino é posta em contraposição. Dito de outra maneira, essa representação da mulher cachorra *versus* a mulher princesa tem como base os *pré-construídos* da mulher bruxa *versus* a mulher deusa, a dona de casa *versus* a trabalhadora, a mulher puta *versus* a mulher santa, *pré-construídos* esses que são resignificados por uma rede de sentidos que (des)identificam as práticas das mulheres como sendo boas *versus* más.



Figura 9: as frutas nas páginas da Capricho

Paralelamente, a discursivização do feminino constrói um *ethos* da revista que individualiza os dizeres nas práticas de si da adolescência. O investimento da revista na construção de um *ethos* de amiga e companheira para todas as horas e situações, na qual a adolescente pode contar e encontrar os assuntos que resolvem seus problemas mais íntimos, é recorrente na *Capricho*. Ou seja, na revista, a leitora “tem tudo o que ela precisa para fazer suas escolhas” (CAPRICHIO, 2008).

O espaço para o diálogo com as leitoras também é diferenciado. Nos anos de referência, é possível observar um aumento considerável do espaço reservado às leitoras. Tal espaço (fig. 10) é preenchido, geralmente, através das seções que simulam o ambiente da

internet, o que apontei anteriormente. Através dessas seções é possível observar que, em decorrência do advento da internet, sobretudo dos *blogs*, a maneira como a comunicação entre a revista e as leitoras foi sendo modificada. De início esse contato se dava somente através das cartas, e a exposição física da mulher leitora ficava preservada. A publicação das fotos das leitoras ao longo das páginas da revista apóia a construção do *ethos* amigável da *Capricho*, no qual a aproximação com à leitora se dá no âmbito da afetividade.



Figura 10: espaço da *Capricho* para diálogo com as leitoras

No que concerne às matérias veiculadas pelas revistas, além dos temas anunciados nas capas, os temas em torno da sexualidade e funcionamento do corpo são bastante explorados. A revista trabalha com matérias que ensinam e aconselham as garotas a descobrirem seu corpo e o sexo, sempre trabalhando em uma perspectiva heteronormativa. Das revistas analisadas, só foi encontrada duas matérias que abordavam a homossexualidade feminina, abrindo espaço também para tirar dúvidas e fazer comentários sobre sexo entre as próprias leitoras através da simulação de uma conversa de *MSN*, por meio da seção *Sexo* (fig 11). Desse modo, a educação sexual da adolescente transpõe as fronteiras do privado, tornando-se pública. A sexualidade feminina, nessa perspectiva, é compartilhada pelas leitoras escreventes²⁰ da *Capricho*, assim como com as leitoras apenas consumidoras da revista.

²⁰ Para este trabalho, é importante destacar a diferença entre as leitoras escreventes da revista, que são as que consomem, leem e escrevem para participar da revista, e as leitoras consumidoras, que são aquelas que apenas consomem e leem a revista.

Na discursivização da sexualidade, são encontrados enunciados como “você tem vergonha de ficar pelada na frente dele?”²¹, “teste: qual é seu QI sexual?”²², “perdi a virgindade...para quem eu conto?”²³ e “você é o medo de ficar falada...”²⁴. Esses enunciados, apoiados nos saberes de conhecimento e crença, apontam para a representação da sexualidade adolescente também ligada ao domínio dos sentidos sobre a virgindade, do sexo como algo secreto, da vergonha do corpo, do medo da exposição da vida sexual e dos níveis da iniciação e prática sexual.

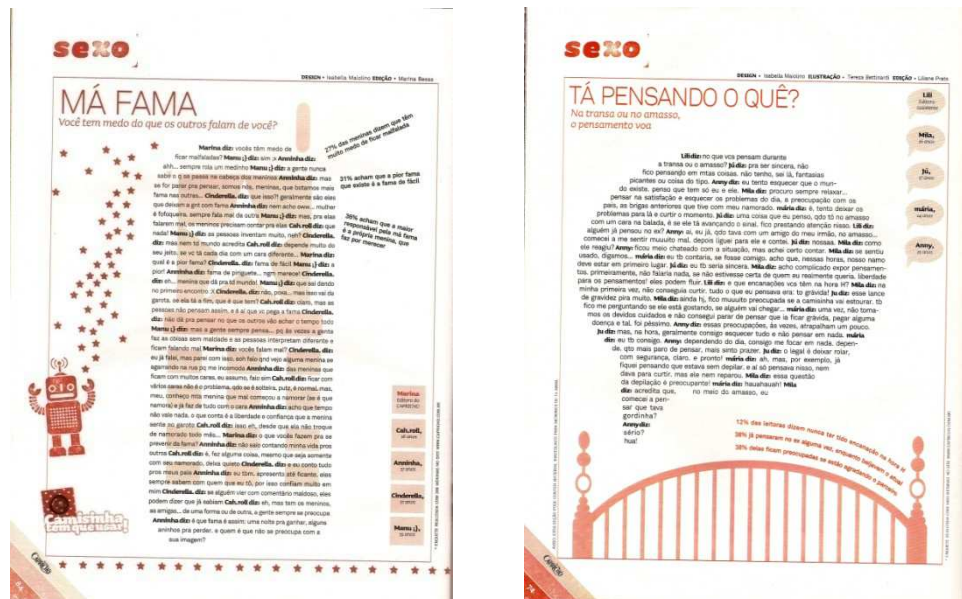


Figura 11: seção *sexo* revista *Capricho* 2007 e 2008

A discursivização da adolescência feminina na revista *Capricho* permite compreender que a mulher está cercada por um conjunto de propriedades estereotipadas, fundamentadas nas representações coletivas. Embora a estereotipia determine, em maior ou menor grau, as práticas de qualquer categoria social, ela atinge de modo mais contundente as mulheres, atuando como construtores de imagens nas quais o eterno feminino soa como uma aparente evidência. Nesse sentido, as análises em torno da construção da imagem da mulher que podem ser recuperadas na revista *Capricho* contribuem para descortinar os trajetos dos sentidos dos mitos e estereótipos que circulam sobre a mulher.

Dessa maneira, é preciso entender como as relações de gênero são determinadas pelas relações de poder e constituem o modo como a sociedade enxerga as maneiras de como

²¹ Tema da seção *sexo* da edição 1051
²² Capa da edição 1023
²³ Tema da seção *sexo* da edição 1070
²⁴ Tema da seção *sexo* da edição 1027

ser mulher. Nesse sentido, o estudo discursivo para a compreensão das práticas e representações da imagem da mulher é de fundamental importância, visto que “o discurso é também um importante lugar de contestação de práticas sociais naturalizadas” (FUNK E WIDHOLZER, 2005, p. 9-10). Ademais, é preciso considerar que as revistas femininas, compreendidas a partir de materializações discursivas, são também “espaços onde as relações sociais, com sua distribuição de poder, se estabelecem, são produzidas, reforçadas e reproduzidas” (BASSANEZI, 1996, p.15). São os modos como essas relações constituem as relações de gênero que embasarão as discussões a seguir.



**A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA:
UMA QUESTÃO DE GÊNERO**

2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA ADOLESCÊNCIA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO

O modo de funcionamento e constituição da revista *Capricho* ao longo de sua história foi o cerne da discussão do capítulo anterior, a fim de que fosse observado como a mídia impressa tem se valido das imagens de mulher na construção de uma feminilidade adolescente. Na trilha dessa discussão, acredito ainda ser necessário pensar sobre a maneira como as relações de gênero social são estabelecidas por meio da linguagem, em termos dos discursos que atravessam essas relações e determinam o funcionamento dos ritos de interação na adolescência.

Pautada por um objetivo analítico que pretende observar a maneira como a dinâmica de interação adolescente na seção *Tudo de blog* viabiliza a sustentação de determinados estereótipos em torno do feminino, bem como sustenta as representações da adolescência, na construção das imagens de si das adolescentes que escrevem para a *Capricho*, neste capítulo trilho um caminho que permitirá compreender como as relações de gênero social, em articulação com a categoria social de geração, subsidiam as práticas da adolescência feminina. A partir disso, busco compreender a sustentação de uma ordem de gênero na definição e negociação dos papéis sociais da mulher adolescente tornados relevantes durante o processo de interação na seção analisada, os quais ecoam na construção das imagens de si e influenciam o projeto argumentativo das adolescentes que escrevem para a revista

No desvelar deste caminho, interesse-me, sobretudo, pelas relações de poder estabilizadas nas práticas dos sujeitos femininos adolescentes, os rituais e os estereótipos aos quais elas estão submetidas e as imagens que elas podem construir. É sobre estes que pulsa o sentido do desenvolvimento deste trabalho. O movimento do gesto que empreendo neste capítulo permite compreender não apenas a possibilidade de uma ordem patriarcal de gênero nos modos de construção e constituição da adolescência feminina, como também a dinâmica de funcionamento das interações adolescentes que emergem no *Tudo de Blog*. Esse gesto de compreensão das relações de gênero na adolescência contribui para a leitura da revista *Capricho* e estará diluída na análise dos textos que compõem o *corpus* deste trabalho, a ser realizada no Capítulo 4.

2.1 A CONTRIBUIÇÃO DA DIMENSÃO DE GÊNERO

Compreender como um objeto simbólico produz sentidos requer do analista de discurso um gesto antropofágico, não só pela própria constituição da AD, que se dá num campo interdisciplinar, como também pelo próprio processo de significação que emerge nas discursividades analisadas. Atribuo esse gesto à importância do olhar feminista sobre as relações de gênero e geração no desenvolvimento deste trabalho, pois, por meio dele, foi possível aguçar, apurar e refinar o olhar para as possibilidades de sentidos inscritas nos dizeres de/ sobre adolescentes, visto que a AD permite uma leitura interdisciplinar no gesto de compreensão do *corpus* de análise. Este trabalho não visa, contudo, se debruçar sobre o feminismo, nem se ater à discussão empreendida nos estudos de gênero social, mas de perceber a maneira pela qual as suas discussões e implicações estão sobredeterminadas no/pelo discurso. Além disso, meu objetivo é verificar, na materialidade discursiva, como as relações de gênero são validadas por estereótipos e representações em torno da figura feminina, perpetuando preconceitos que podem aparecer nas marcas deixadas pelo enunciador ao tomar a palavra e construir uma imagem de si.

Nessa perspectiva, é preciso considerar que é através do acesso à linguagem, desde a infância, que são construídas as maneiras de “ser homem” e de “ser mulher”. Para Alves (2005), é pelo contato com a linguagem através da escola e dos livros que a criança forja as relações de gênero. Segundo a autora (2005, p. 27), “a linguagem interfere na construção da pessoa social, forjando estereótipos”. Assim, compreende-se que é através do acesso à linguagem que as relações de gênero são constituídas como forma de relação social e é através dela que os estereótipos sociais se materializam em mitos que circundam a construção da imagem feminina. Desse modo, como afirma Heberle *et all* (2006, p. 9), “homens e mulheres, ao participarem de interações sociais via linguagem, ao produzirem ou consumirem textos (tanto orais quanto escritos), alinham-se em diferentes graus com os papéis de gêneros articulados nessas práticas linguísticas [...]”.

É preciso entender, a partir dessa constatação, conforme apontam Funk e Widholzer (2005, p. 9-10), que as relações de gênero

são construções culturais históricas que não emanam da natureza dos corpos, e sim de uma ordem simbólica patriarcal, tornou-se politicamente necessário olhar para o discurso como *lócus* privilegiado de representação. Como enfatizaram várias teóricas feministas das décadas de 1980 e 1990, as histórias que contamos e o modo como nos imaginamos e nos representamos têm fortes implicações políticas, uma vez que o discurso é também um importante lugar de contestação de práticas sociais

naturalizadas. Mesmo que, nestes tempos de crise do sujeito, de identidades múltiplas e provisórias, as representações possam ser vistas apenas como mediações, elas afetam nossas filiações e identificação ideológica [...]. Os estudos contemporâneos de gênero e da cultura em geral têm, portanto, suas bases solidamente firmadas na materialidade do discurso.

Considerar que os estudos de gênero têm suas bases firmadas na materialidade do discurso delinea o terreno fronteiro entre os estudos discursivos e os estudos de gênero social. É cada vez mais patente a imbricação entre os terrenos, sobretudo, devido à necessidade de ambos de pensar como, por meio da linguagem/do discurso, o constructo de gênero determina as práticas cotidianas de mulheres e homens, bem como atribui a estes os papéis sociais tidos como adequados na construção da identidade de gênero. Vale compreender que, embora a AD possa se valer dos estudos de gênero, essa imbricação teórica pode se estabelecer de modo diferenciado.

Se, numa perspectiva feminista, as relações de gênero podem vir a ser compreendidas como uma forma de evidenciar as verdades das diferenças existentes entre homens e mulheres na sociedade e, por meio dessa compreensão, buscar mudanças políticas, logo, sociais, numa análise discursiva, busca-se evidenciar o modo como a linguagem materializa as questões de gênero, visto que, na materialidade de um texto, é possível recuperar marcas, deixadas pelos sujeitos de linguagem, dos processos sociais que estabilizam as normas de gênero, os estereótipos e, por consequência, os sentidos de mulheres que podem vir à tona em uma enunciação específica. Nesse sentido, é possível, por meio da análise discursiva de gênero, analisar a inscrição interdiscursiva dos dizeres que possibilita aos sujeitos enunciarem determinadas construções e não outras.

Compreendo, desse modo, que uma análise discursiva que leve em conta as relações de gênero, permite entender que os sentidos de mulheres recuperados pelo dizer das revistas e das adolescentes foram construídos historicamente e fazem parte de uma rede de sentidos e de uma memória discursiva que permitem tanto a identificação de gênero quanto a identificação geracional no processo de mediação midiática. Além disso, permite compreender que os lugares de enunciação para as mulheres são constituídos por esses processos de identificação que reforçam, ao mesmo tempo em que silenciam, outros lugares. O gesto discursivo valida ainda a descrição do funcionamento do dispositivo enunciativo, efetuada no Capítulo 3, que fornece a base material para a construção da representação da mulher. O breve caminho que empreendo neste trabalho na reflexão sobre o gênero, embora me valha de outros domínios do conhecimento, sem dúvidas, não poderia ser outro a não ser o

de pensá-lo em sua articulação com a linguagem, com o discurso, enquanto construção histórica.

Vale apresentar, de acordo com Pinto e Badan (2012, p. 134), que “nos últimos vinte anos no Brasil, nos estudos feministas sobre linguagem, prevalecem abordagens discursivas”. Esse olhar feminista para o gênero, por meio da linguagem, contribui para reforçar a importância de uma análise discursiva na compreensão da identidade de gênero. A vantagem e a prevalência dessas perspectivas se dão, sobretudo, devido ao fato de tais abordagens defenderem que “o gênero e a linguagem estão internamente imbricados” (PINTO E BADAN, 1994, p. 72). Desse modo, continua a autora (1994, p. 72), uma melhor análise dessa relação “acontece quando se reconhece que não somente os mecanismos sociais e políticos são determinantes das desigualdades entre homens e mulheres, mas, também, os atos linguísticos que performatizam tais mecanismos (Butler, 1997, 1998)”.

Nesse sentido, uma análise do gênero que leve em conta uma análise discursiva contribui para compreender que “a representação de gênero é [também] a sua construção” (LAURETIS, 1987) e que “convenções discursivas tendem a traduzir e perpetuar relações sociais naturalizadas pelo senso comum, mas, se levarmos em conta o caráter construído dessas relações, poderemos também reconhecer a possibilidade de des/re/construção que tais espaços proporcionam” (FUNK E WHILDOZER, 2005, p. 11).

Desse modo, “análises de práticas discursivas, ao desvendar estruturas de poder, podem contribuir para o projeto político dos estudos feministas e de gênero” (FUNK, 2009, p. 484), já que “a linguagem constrói crenças, conhecimentos, mas também desejos, valores sociais, imagens de si e do outro, relações sociais” (MAGALHÃES, 2008, p. 62) que corroboram na construção da identidade e das práticas de gênero.

O avanço dos estudos de gênero social no campo dos estudos da linguagem, decorreu da contribuição dos movimentos feministas e dos seus desdobramentos teóricos na apreensão dessa noção. As reflexões sobre o conceito de gênero foram delineadas no seio do pensamento feminista, sobretudo em sua segunda onda, e permitiu compreender como as construções culturais na relação entre homens e mulheres, como também entre homem/homem e mulher/mulher, foram naturalizadas por meio do ordenamento social de uma lógica patriarcal. Na construção das teorias de gênero, o pensamento feminista é basilar, já que foi em sua trajetória que o gênero constitui-se como uma categoria analítica socialmente construída (SCOTT, 1988; LAVINAS, 1989).

É no seio do *feminismo radical* que a opressão e a exploração da mulher pela sociedade patriarcal são contestadas não apenas no âmbito da vida pública, mas também no

espaço privado²⁵. É nessa configuração que as relações estabelecidas na vida social passam a possuir determinantes não apenas biológicos, mas também sociais. Nesse sentido, a opressão da mulher é tida não somente pela diferença dos corpos como também é socialmente construída (RUBIN, 1975). Desde então, têm-se visto um amplo processo de desestabilização da dicotomia tradicional dos papéis sexuais.

Seguindo as trilhas de Saffioti (1987), o construto de gênero tem como fundamento a ideia de que não é apenas o determinismo biológico que impõe à mulher o caráter de oprimido; o que sustenta a opressão feminina é a naturalização dos papéis sociais, atribuída a homens e mulheres em dadas culturas. Dessa maneira, são atribuídas distintas práticas de gênero de acordo com as diferentes categorias sexuais. A socialização da mulher, então, é delimitada pela sociedade que lhe impõe de modo preciso, e tidas como naturais, as maneiras como ela pode ou não se comportar, bem como os espaços nos quais ela pode ou não atuar. Nas palavras de Saffioti (1987, p. 11), “é de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constituem o caminho mais fácil e curto para legitimar a ‘superioridade’ dos homens, assim como a dos brancos, a dos heterossexuais, a dos ricos”.

O conceito de patriarcado, amplamente utilizado pelas feministas radicais, é um vetor importante nesse processo, visto que permitiu questionar o modo como nas relações sociais, há uma dominação masculina em oposição à subordinação das mulheres. Sob a égide ora de *dominação masculina* (BOURDIEU, 1999) ora de falocentrismo, a noção de patriarcado foi produtiva, mesmo sendo “problemática” e “controversa” (PATEMAN, 1993 [1988]), para o pensamento feminista radical. Porém, não apenas para ele, pois contribuiu para tencionar “o pacto masculino para garantir a opressão das mulheres” (HATMANN, 1979).

Feminista radical e principal teórica do patriarcado, Pateman (1993 [1988]), em sua crítica ao contrato social, discorre sobre as nuances do patriarcado na sociedade, sobretudo, na sociedade moderna, afirmando que o contrato é antes um contrato sexual. Conforme a autora:

O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. [...] O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido de

²⁵ Refiro-me aqui à contribuição do *feminismo radical*, sem perder de vista a importância do *feminismo liberal*, lésbico e negro na constituição e tensão da categoria de gênero.

patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres -, e também sexual no sentido de um estabelecimento sistemático dos homens aos corpos das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adriene Rich, de “lei do direito sexual masculino”. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado; ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno (PATEMAN, 1993, p. 16-17)

Esse posicionamento aponta o modo como a estrutura da sociedade atribuiu ao homem, tanto na esfera pública quanto na privada, o direito sobre as mulheres e seus corpos. A estrutura do patriarcado nas sociedades modernas, na acepção da autora, não estaria mais ligada ao poder dos pais e da família, mas à sujeição das mulheres aos homens, ou, dito de outra forma, à sujeição desses sujeitos “às estruturas históricas da ordem masculina” (BOURDIEU, 1999, p. 13).

Bastante discutida no próprio seio da teoria feminista, as reflexões em torno do patriarcado alimentaram, e ainda alimentam, fervorosos debates quanto à posição das feministas sobre o uso ou não do termo/noção nos estudos sobre mulheres e de gênero. Embora controverso e problemático em algumas perspectivas feministas, considero esse conceito produtivo numa reflexão sobre as relações de gênero, principalmente no que se refere ao desenvolvimento desta pesquisa, porque contribui para a compreensão da constituição histórica do papel da mulher na sociedade, para o resgate das imagens e representações em torno do feminino, bem como para a *desnaturalização* das atribuições de gênero. Desse modo, faz-se importante a compreensão da teórica feminista Saffioti (2004, p. 56), ao constatar que:

Colocar o nome de dominação masculina – patriarcado – na sombra significa operar segundo a ideologia patriarcal, que torna *natural* essa dominação-exploração. Ainda que muitas(os) teóricas(os) adeptas(os) do uso exclusivo do conceito de *gênero* denunciem a naturalização do domínio dos homens sobre as mulheres, muitas vezes, inconscientes, invisibilizam este processo por meio, por exemplo, da apresentação de dados. À medida que as(os) teóricas(os) feministas forem se desvencilhando das categorias patriarcais, não apenas adquirirão poder para chamar de *patriarcado* o regime atual de relações homem-mulher, como também abandonarão a acepção de poder paterno do direito patriarcal e o entenderão como direito sexual.

Embora o uso do termo patriarcado seja frutífero, opto por usá-lo de maneira adjetiva (ordem patriarcal, relações patriarcais de gênero), visto que essas adjetivações permitem compreender a atuação do patriarcado, em suas (re)significações, na sociedade contemporânea. Minha opção por usar “ordem patriarcal” ou “mesmo relações patriarcais de gênero” se dá por considerar, na perspectiva de Saffioti (1996), que o patriarcado está em constante transformação. Nesse sentido, a escolha se dá para evitar possíveis confusões

históricas que podem remeter o uso do termo a um tempo específico da história das mulheres, mas também por eu acreditar que as transformações sociais das práticas de mulheres atribuíram novos significados à atuação do patriarcado e o diluíram numa espécie de mitificação do feminino que mantém, por meio da *doxa*, um ordenamento social no qual a lógica patriarcal alinha a liberdade/sujeição por meio do que Bourdieu (1999) denominou “violência simbólica”. Vale salientar sobre esse conceito a perspectiva do autor ao afirmar que:

A violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ela não dispõe, para pensá-la e para se pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele mais que de instrumentos de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto. (BOURDIEU, 1999, p. 47)

O estatuto dessa noção se baseia na atuação das crenças nos sujeitos, ou seja, no modo como as crenças permitem que os sujeitos se enxerguem e avaliem o mundo de acordo com critérios e padrões definidos por um discurso dominante que impõe valores, hábitos e comportamentos, sem recorrer, necessariamente, à agressão física. Essa violência, resultante de uma ordem patriarcal de gênero, é estabelecida nas relações sociais entre homens e mulheres, na construção do feminino e do masculino. A sociedade, ao estabelecer os papéis de gênero, normatiza os comportamentos e condutas tidos como adequados, refutando a emergência de outras possibilidades de ser mulher.

Nesse contexto, o discurso da mídia assume um papel importante na normatização do comportamento da mulher, na construção das imagens de si, bem como na avaliação positiva de estereótipos que condicionam a mulher à adoção de uma feminilidade, domesticam a docilidade e mitificam a beleza. A mídia é, então, como apontei no capítulo anterior, um dos principais instrumentos de reforço na idealização de um modelo de mulher e na naturalização da sujeição feminina à beleza que, por sua vez, têm suas raízes no agrado do masculino.

Tomo como hipótese do trabalho a ideia segundo a qual essas sujeições se dão principalmente, na adolescência na qual os papéis de gênero são ensaiados. Desse modo, a função da revista *Capricho* parece ser legitimada por servir como um manual de comportamento para as jovens. Assim, dizeres como: “O amor na moda: estampas de coração para quem procura um amor”, “10 caras dão a real do que querem em uma namorada (e a gente ainda dá o MSN deles pra você)”, “O cabelo dos seus sonhos: um megaguia pra você

acertar o corte e nunca mais sair chorando do salão”, “Manual do 1º encontro: como dar a deixa para o beijo; o que pode e o que não pode; vale tomar a iniciativa?”²⁶; são legitimados pelo direito que a revista possui de dizer o que circula, fundados nas representações partilhadas sobre a adolescência entre os sujeitos da *comunidade imaginária*, instaurada pela *Capricho* e as suas leitoras. Os sujeitos dessa comunidade “à força de trocar práticas discursivas e representações sobre essas práticas, acabam por construir significados consensuais” os quais “não são a ‘verdade’ sobre o mundo”, mas “ocupam o lugar de uma *verdade válida* segundo um mais ou menos forte grau de *verossimilhança*” (CHARAUDEAU, 1996, p. 26).

A inscrição sócio-histórica desses dizeres aponta como os *saberes* sobre a adolescência têm sido representados no *imaginário* instaurado pela *Capricho* e permite a análise da valoração da idealização feminina nas representações de gênero. É preciso considerar que as representações discursivas de gênero social são também a construção do próprio gênero. Em outras palavras, no e pelo discurso, as representações constroem as relações e as práticas sociais das mulheres adolescentes.

Essas práticas são repetidas e tomadas como novas por meio de um construto sócio-histórico no qual a ordem patriarcal de gênero violenta as mulheres, se não física, simbolicamente (cf. BOURDIEU, 1999). Segundo Bassanezi (1996), a maneira como as pessoas inscritas em um contexto sócio-histórico dão significado, significam as suas vivências sociais e passam a agir de acordo com esses significados construídos, estabelecem as relações de gênero social. Nesse sentido, o determinante idade/geração influenciará essas relações.

A construção de gênero na adolescência, por sua vez, é também constituída pelo modo como o determinante idade/geração influencia a maneira como a estrutura social, por meio do discurso, repete e reitera as condutas das normas de gênero, mostrando-as como uma verdade incontestável, cujos efeitos são naturalizados. As práticas reguladoras que atribuem coerência à operacionalização do gênero agem por meio das repetições apresentadas como novas no tempo e no espaço social dos rituais de gênero, criando a ilusão do novo, do natural.

Nessa perspectiva, toma validade, neste trabalho, a noção de *performatividade* de gênero, tal como postulada por Butler (1999), por meio da qual se compreende que os atos de repetição dos modelos de gênero são, “a um só tempo, reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também a forma mundana e ritualizada de sua legitimação” (BUTLER, 2010, p. 200). No contexto deste trabalho, a noção

²⁶ Excertos extraídos do *corpus* do ano de 2007. Respectivamente, têm-se: matéria moda ed. 1018, capa da ed. 1019; capa da ed. 1029 e capa da ed. 1032.

de repetição, proposta pela autora, é produtiva, devido à sua recorrência no contexto midiático o qual reitera os papéis de gênero potencialmente disponíveis na sociedade. Não obstante é preciso ressaltar a resignificação dessas repetições, já que os sentidos deslizam de acordo com o contexto sócio-histórico.

A noção proposta por Butler (2010) contribui também para a compreensão de que as normas de gênero na adolescência são estabelecidas por meio da repetição de práticas já significadas e legitimadas como coerentes. Para Magalhães (2000, p. 215), “longe de serem fixas, as identidades de gênero são constituídas quando são repetidas num contexto social de controle, como é o caso da família” ou, no caso deste trabalho, da mídia. Nesse sentido, “a razão pela qual parecemos ser tipos particulares de pessoas está no fato de que repetimos nossos atos (linguísticos) até que passam a fazer parte integral de nosso ser” (MAGALHÃES, 2000, p. 215). Considero que essa repetição se dá, sobretudo, na adolescência, fato que permite compreender a dinâmica de gênero, nesta pesquisa, também por uma perspectiva geracional. Tal empreendimento é caro não apenas aos estudos das Ciências Sociais, como apontou Motta (2005), mas também aos estudos da AD. Para esse direcionamento, encontro na autora o seguinte esclarecimento:

Há uma lógica, às vezes impresentida, outras vezes esquecida, que preside a vida social, na reunião articulada das relações entre os sexos/gêneros e os grupos etários & geracionais. O gênero, expressando a estrutura primeira, fundante, das relações sociais, das mais institucionais às mais pessoais; e as idades/gerações expressando uma ordem, de sentido político, de hierarquias de nascimento e de ação social, a interseção entre essas categorias sendo tão estreita que se tornou pouco perceptível, ainda que constituam elas o substrato da vida social. (MOTTA, 2005, p. 9)

Nesse sentido, o modo como a sociedade organiza por idade/geração as práticas dos sujeitos significa discursivamente à medida que aponta as modificações das estruturas sociais e do comportamento humano, (re)construindo representações. Esse recorte delinea as representações de gênero conforme o tempo espacial e social dos sujeitos, e permite ainda que se vislumbre os traços repetíveis, principalmente, em torno da construção da imagem do feminino ao longo da vida social da mulher. Dito de outro modo, a relação sexo/gênero; idade/geração permite, por um lado, compreender os sentidos de mulher de acordo com as etapas da vida (infância; adolescência-juventude; velhice), atribuindo a elas imagens e comportamentos específicos e, por outro lado, delinea a construção de imagens e práticas que naturalizam a constituição do sujeito mulher.

Além de compreender o modo como a sociedade naturaliza os determinantes culturais, o percurso feito por Saffioti (1987, 1992, 1995, 2004), bem como os de Motta (2005),

delineiam os estudos de gênero na interseccionalidade. As relações de gênero, nessa perspectiva, são atribuídas também à categoria social de classe, assim como aos determinantes idade/geração e raça/etnia. Essa perspectiva determina que “cada conjunto desses, constitui-se, então, em uma dimensão básica da vida social – mas, nenhum deles, analisado isoladamente, dá conta da sua complexidade” (MOTTA, 2001, p. 193).

Analisar a construção de gênero sob uma perspectiva interseccional, ou seja, dialogando com essas outras interfaces que determinam as relações sociais é analiticamente valioso, já que cada um desses determinantes fundamenta a formação das subjetividades dos *sujeitos* e marcam as relações sociais de poder. Nesse sentido, a análise de outras categorias relacionais se faz presente nas representações de gênero. Sobre esse aspecto, Motta (1991, p. 7) afirma:

A perspectiva das relações de gênero também lembra/demonstra outras dimensões analíticas fundamentais na sociedade. Além de não ser necessariamente alternativa, mas co-extensiva à de relações de classe, também exemplifica e enseja enfoques em outras categorias ou determinações sociais, como idade e raça, que têm diferentes dinamismos.

Nesse sentido, a ordem simbólica de gênero é determinada pelo dinamismo de outras categorias que sobre ela mantém influência. Para uso deste trabalho, essa perspectiva é importante à medida que o ensaio das atribuições dos papéis de gênero parece ser também constitutivo de uma identificação geracional. Para Motta (2001, p. 200), “gênero e idade/geração são, então, dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias”.

Assim, a análise do projeto argumentativo das adolescentes que escrevem para a revista *Capricho*, com atenção especial para a construção do *ethos*, podem ser reveladores dessas subjetividades, identidades e trajetórias nas formas de socialização midiática da adolescência feminina. No jogo discursivo da construção das imagens de si, a articulação entre os papéis de gênero e a identificação geracional contribui para a análise do modo pelo qual o projeto argumentativo é construído na interação dos sujeitos, visando persuadir o outro, visto que a vida social dos sujeitos influencia no seu projeto argumentativo, nas escolhas verbais e em suas estratégias programadas ou espontâneas (AMOSSY, 2010). A discussão que segue dará subsídios para tal empreendimento.

2.2 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE: OLHARES

A percepção da dinâmica de gênero e geração é ainda mais cara aos trabalhos acadêmicos, sobretudo, se a categoria geração se referir à *adolescência e juventude*. A idade, entretanto, “bem reconhece a Antropologia, é um componente bio-sócio-histórico estruturador na organização das sociedades, inclusive com definição simbólica forte, e as gerações são parte da dinâmica coletiva que as impele e lhes imprime continuidade social” (MOTTA, 2002, p. 37)) Para a autora, idade e geração são “esferas realizadoras ou participantes das relações de poder na sociedade. Impossível, portanto, ignorá-las ou menosprezar sua importância analítica, principalmente, na construção de diferenças e de desigualdades sociais.” (MOTTA, 2002, p. 37).

A perspectiva da teórica permite, neste trabalho, trazer à cena a importância de se refletir sobre o modo como são representadas uma dada identificação geracional, bem como permite compreender o modo como a identificação etária incide sobre o funcionamento discursivo da seção em análise. Nesse sentido, para Motta (2002, p. 43):

Numa perspectiva de idade/geração, ser jovem, ou ser velho, é uma *situação*, vivida em parte homogeneamente e em parte diferencialmente segundo o gênero, a raça/etnia e a classe social dos indivíduos de cada grupo etário. Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres vem determinando diferentes situações, atitudes, sentimentos e representações em relação às idades.

A noção de *ser jovem* como relativa a uma situação vivenciada entre a infância e a idade adulta é recorrente nos estudos sobre adolescência e juventude. É nesse limiar entre a diluição da infância e os novos horizontes da vida adulta que, enquanto geração, “os indivíduos se reconhecem, mas inescapavelmente, como projeção coletiva” (MOTTA, 2002, p. 42). É enquanto “projeção coletiva” que os jovens se organizam em grupos mais ou menos estáveis de reconhecimento que compartilham a vivência de um mesmo momento histórico, apesar das diferenças das situações concretas de vida. Nessa perspectiva, a noção de geração

remete à idéia de similaridade de experiências e questões dos indivíduos que nasceram num mesmo momento histórico, e que vivem os processos das diferentes fases do ciclo de vida sob os mesmos condicionantes das conjunturas históricas. É esta singularidade que pode também fazer com que a juventude se torne visível e produza interferências como uma categoria social. (FREITAS, 2005, p. 6)

O interesse de pensar a categoria geração nesse trabalho se dá, sobretudo, por compreender que a adesão ao projeto da revista *Capricho* se dá por um processo de identificação de gênero entrelaçado por meio de uma constituição histórica com uma identificação etária. Nesse âmbito, é produtivo considerar que as jovens que interagem com a revista vivenciam uma “situação geracional comum”, visto que possuem idades próximas e vivem ao mesmo tempo sob condições parecidas, o que pode facilitar “a formação de grupos concretos, com uma identidade ideológica e um conjunto de interesses particulares” (LÉON, 2005, p. 15). Nesse sentido, para o autor (2005, p. 15), “o fato de que estejam sujeitos a uma mesma forma de geração facilita para que surjam pontos de encontro físicos e subjetivos que são fundamentais para que se formem grupos com identidades geracionais.”

Sem dúvidas, a produtividade dessa perspectiva é eficaz para o desenvolvimento deste trabalho. No entanto, gostaria ainda de percorrer, de modo breve, os caminhos das noções de *adolescência e juventude*. Vale considerar, nesse percurso, que o caráter sócio-cultural que incidiu sobre a construção da adolescência e da juventude garantiu modificações na acepção de ambos os conceitos, mas incide de modo mais detido sobre a noção de adolescência.

Ao longo da história das civilizações, os modos de percepção para essas noções foram modificados, assim como o seu conceito. Para fins de atender aos objetivos desta pesquisa, não proponho um resgate histórico de tais conceitos, mas perceber a constituição e a imbricação de tais noções tanto como uma etapa do desenvolvimento humano quanto como uma categoria social. É na filosofia política, através da obra *Emilio* de Rousseau, que o conceito de adolescência ganha seus primeiros contornos enquanto fase de constituição do sujeito adulto, mas é na Psicologia do século XX que o seu conceito recai sobre os aspectos biológicos, nas transformações do corpo. É, entretanto, a constituição do adolescente como sujeito de direitos, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), que permite pensar a adolescência como uma categoria biossocial. Nesse sentido, conforme a Organização Internacional da Juventude/UNESCO:

o termo “juventude” refere-se ao período do ciclo de vida em que as pessoas passam da infância à condição de adultos e durante o qual se produzem importantes mudanças biológicas, psicológicas, sociais e culturais, que variam segundo as sociedades, as culturas, as etnias, as classes sociais e o gênero. Os limites de idade referentes à juventude corresponderiam à faixa entre 14 e 25 anos, cujo período inicial (dos 14 aos 18 anos) seria denominado adolescência.

Decorre daí uma diferenciação e uma aproximação entre juventude e adolescência por vias de uma perspectiva biologizante, assim como se aponta essa fase como um estado de constantes mudanças. De acordo com a perspectiva de políticas públicas, *adolescência e*

juventude são tomadas por aproximação à medida que tais noções são vistas como fases diferentes de um mesmo período: a *juventude*. A *adolescência* é, desse modo, a fase inicial que recorta dos 12 aos 18 anos incompletos e a *juventude* propriamente dita recobre dos 18 até os 24 anos, caracterizando a trajetória para a entrada na vida social (FREIRE FILHO, 2006).

Enquanto diferença etária e passagem para uma vida adulta, a caracterização e a diferenciação da *adolescência e juventude* é produtiva quando considerada a não-linearidade dessa transição. É preciso, então, compreendê-la como uma construção sóciohistórica que, como tal, é ainda resultado das “transformações e mudanças socioeconômicas e culturais que afetam toda a estrutura social” e, assim, “adquirem características específicas no modo de entender e compreender a etapa juvenil” (LÉON, 2005, p. 16).

Nesse sentido, “a ‘não-linearidade’ das transições à vida adulta revela que já não se dá uma relação de causa/efeito, de um antes e um depois, e que os modelos padronizadores das transições converteram-se em trajetórias despadroneadas” (LÉON, 2005, p. 18). Com efeito, o processo de transição que levará o indivíduo à vida adulta possui diversificações (não é vivenciado de modo uno e estável por todos aqueles que possuem uma identificação geracional) e se apóia “na aprendizagem e na interiorização de determinadas normas culturais (socialização) como requisitos prévios a converter-se e de ser considerado como um membro da sociedade com todas as suas consequências” (LÉON, 2005, p. 18).

A interiorização das normas culturais, enquanto efeito de socialização, ainda que vivenciado de modo diferenciado, incita modos de relação social, de comportamento e de vivências de experiências os quais viabilizam o processo de formação de grupos que, por sua vez, são condicionados pelos fatores sóciohistóricos que determinam uma identificação geracional. Sobre esse aspecto, em uma perspectiva de *estilo juvenil*, Léon (2005, p. 19) afirma que

Na trajetória de socialização que vivenciam os jovens desde sua infância até a autonomia pessoal, vêm-se mergulhados simultaneamente a um sem-número de contextos culturais e redes de relações sociais preexistentes — família, amigos, companheiros de curso, meios de comunicação, ideologias, partidos políticos, entre outras — dos quais selecionam e hierarquizam valores e ideais, estéticas e modas, formas de relacionamento ou convivência e vida, que contribuem para modelar seus pensamentos, sua sensibilidade e seus comportamentos. Hoje, junto a estes espaços da vida cotidiana que operam como mecanismos de mediação constitutiva e ancoramento histórico da subjetividade, da busca de uma identidade própria individual e geracional, as novas tecnologias geram modos de participação mais globais que introduzem os adolescentes e jovens em uma nova experiência de socialização, distinta da familiar, da escolar e em geral, as mais comuns.

Desse modo, compreende-se que as novas formas de socialização da adolescência e juventude aforam alargadas para além do seio familiar e escolar. Nesse sentido, os *blogs* e as revistas tornaram-se meios de socialização, responsáveis pela construção da subjetividade e da identidade juvenis. A construção coletiva do imaginário adolescente pode ser melhor compreendida por meio da análise das culturas juvenis, através das quais as identidades são construídas e reforçadas. Conforme Pais (2006, p. 7), “há duas diferentes maneiras de olharmos as culturas juvenis: através das socializações que as prescrevem ou das suas expressividades (performances) cotidianas”, as quais, conforme o autor, correspondem, respectivamente, aos espaços da ordem e do controle, bem como do performativo, do novo.

Ao olhar estes espaços, a análise de revistas voltadas ao público adolescente feminino pode ser reveladora do modo como, mesmo no espaço do controle, a performatividade constitui as identidades de gênero por meio das experiências geracionais. Dessa maneira, o “capital cultural” (BOURDIEU, 1998) adolescente é ostentado de modo que cria uma (des)identificação, (des)institucionalização dos sujeitos com os estilos ou modos de vida peculiares à sua idade/geração.

Se as práticas de identificação/desidentificação e institucionalização/desinstitucionalização dos sujeitos conforme sua idade/geração pode reafirmar ou contestar as normas reguladoras vigentes na sociedade, é necessário compreender que a adolescência “pode ser entendida não mais como uma forma evolucionista, linear e teleológica de subjetividade, mas como uma fase de experiências marcadas por corpos e gêneros, como um conjunto de múltiplas referências situadas socioculturalmente” (MAGRO, 2003, p. 190). Ou ainda que, assim como o gênero, e somente em relação a ele, “a juventude deve ser definida de forma precisa e compreensiva. Essa construção de juventude ainda não foi desenvolvida empiricamente com o mesmo rigor e tampouco refletida teoricamente da forma como sucedido com [o conceito] de gênero.” (BREITENBACH *apud* WELLER, 2005, p. 112).

A discussão em torno do conceito, caracterização e diferenciação entre *adolescência e juventude* toma sentido neste trabalho quando posto em debate com o esforço analítico de compreensão dos sentidos de adolescência e juventude mobilizados na construção da adolescência na revista *Capricho* que ecoa na seção analisada. Desse modo, por uma perspectiva discursiva, é preciso deslocar essas questões: embora elas funcionem e fundamentem o percurso de análise, mostrando as condições de produção que legitimam os dizeres da revista, é preciso refletir sobre como tais noções são mobilizadas na seção, o que será o gesto analítico das páginas que seguem. Nesse percurso, busco compreender como a

socialização da adolescência feminina tem sido tematizada, recortando as práticas que se relacionam com a seção analisada.

2.3 AS PRÁTICAS DE INTERAÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DAS ADOLESCENTES: DIÁRIOS INTIMOS, *BLOGS* E O *TUDO DE BLOG*

2.3.1 Entre diários e *blogs*: a intimidade feminina (revelada?)

O gesto de empreendimento pela visibilidade da mulher constitui a trajetória da história das mulheres na sociedade, marcada pela invisibilidade feminina nos espaços públicos. O modo pelo qual as mulheres se articularam para “tornarem-se visíveis” foi constituindo, na esteira dos dizeres de uma historiografia sobre mulheres, a importância de refletir sobre a experiência feminina como gesto revelador da condição das mulheres nas sociedades.

Nessa articulação, as narrativas de vida e as escritas sobre si de mulheres instituíram *lugares de memória* (NORA, 1993) nos quais a experiência feminina pode ser reveladora dos jogos de poder e dos mecanismos de opressão que as práticas normativas de gênero imbuíram à constituição do sujeito mulher, bem como, no sentido deste trabalho, coloca a experiência como reveladora das produções sociais das imagens de si. A questão da experiência foi uma formulação central para os feminismos, visto que permitiu politizar o pessoal, evidenciando a experiência vivida por mulheres como forma de desmascaramento da opressão e da condução da resistência. Em outras palavras, tornar o pessoal político considera que “o conhecimento pessoal, ou seja, a experiência da opressão é a fonte de resistência a ela” (SCOTT, 1998, p. 313).

Os problemas de historicizar a experiência, pelos vieses históricos e/ou feministas, já foram apontadas por Scott (1998). Gostaria de seguir nas trilhas da historiadora para refletir sobre a maneira como, na escrita de si, os modos de registros de uma existência (LYSARDO-DIAS, 2012), enquanto espaço simbólico de legitimação da experiência, interferem e afetam os processos de subjetivação do sujeito mulher, bem como a maneira pela qual se dá o revelar da intimidade feminina. Nessa interface, compreendo que “sujeitos são constituídos discursivamente e experiência é um acontecimento linguístico (não acontece fora de

significados estabelecidos), mas nenhum deles está confinado a uma ordem fixa de significados” (SCOTT, 1998, p. 320).

Compreendo, dessa maneira, que a escrita sobre si constituiu um instrumento importante de legitimação das práticas de mulher. Com efeito, os modos de registros de uma existência permitiram que a intimidade feminina rompesse a barreira do privado e politizasse as experiências que constituem o sujeito mulher. Nessa perspectiva, os diários íntimos e os *blogs* pessoais são tidos, em suas peculiaridades, como modos de registrar uma existência, visto que “correspondem a uma forma de escrita de uma vida”, pois “trajetórias individuais são reveladas em termos de cotidianidade de uma existência” (LYSARDO-DIAS, 2010, p. 5).

As considerações de Lysardo-Dias (2010, 2012) se debruçam sobre o estudo de relatos biográficos, mas é possível, por extensão, refletir sobre as suas problemáticas, considerando as especificidades evocadas pelos diários íntimos e os *blogs* pessoais, visto que, em relação à autobiografia, ambos os modos de registro se caracterizam pela escrita de si quer seja pela exposição pública ou não.

O diário íntimo, enquanto revelador da experiência de vida, foi o maior instrumento da “escrita de si” das mulheres, sobretudo, no século XIX. A prática de escrita em diários caracterizou um espaço para a escrita no qual a predileção do privado atribuiu ao mesmo um caráter intimista. Oliveira (2002) salienta que o caráter privado do diarismo caracterizou o funcionamento do diário a partir de meados do século XIX, mas anterior a esse momento, o aparecimento do diário surge como veiculado à natureza pública. A partir de sua forma e função social, o diário foi classificado de quatro modos:

- Diários públicos;
- Diários de viagem;
- Diários de consciência ou espirituais;
- Diários de registro pessoal.

Ao abordar o diário de registro pessoal, Oliveira (2002) atribui ao seu caráter privado às modificações científicas e sociais que favorecem a reflexão sobre si, influenciados, sobretudo, pelo desenvolvimento dos estudos psicanalíticos. Para a autora, “a partir desse momento, diários tornaram-se o local onde o hábito de inquirir e refletir sobre si mesmo terminava se realizando” (OLIVEIRA, 2002, p. 48). O caráter privado dos diários permitiu a possibilidade de se escrever sobre todos os aspectos da vida pessoal, caracterizando sua escrita como íntima.

Como já apontado, no incurso das lutas das mulheres e das discussões de gênero, politizar o pessoal, ou seja, o íntimo/privado, consolidou as conquistas públicas das mulheres. Nesse sentido, a dicotomia existente entre *público*, como lugar do social e político, e *privado*, como lugar do doméstico e íntimo, impulsionada, sobretudo, pela teoria política moderna, fomentou o debate feminista e a crítica à modernidade, colocando as relações sociais como vetor importante para se pensar a relação público e privado não como dicotômicas, mas como espaços em relações de dominância.

A privacidade do diário condicionou o segredo ao tipo de escrita característico desse gênero. A imagem de um diário trancado, guardado na gaveta faz parte da memória, sobretudo, feminina e das adolescentes. O contrato de cumplicidade que se estabelece entre o sujeito e o diário permitiu que o revelar da intimidade na escrita íntima ganhasse o público adolescente na expectativa de ter seus segredos guardados. A possibilidade de escrever sobre os segredos fez com que a escrita do diário se tornasse uma prática corriqueira entre as adolescentes, caracterizado como um modo de confidenciar os desejos e segredos, um espaço da livre expressão da emoção.

Esse espaço privado de escrita do segredo é tensionado com o surgimento dos blogs e o desuso do diário enquanto prática de escrita de si. O caráter íntimo e confidencial dos diários escritos é tornado público na escrita sobre si nos *blogs* pessoais. Nestes, o caráter confessional “é parte integrante do modo de enunciação caracterizado pelo jogo entre a publicização de si (a exposição dos sentimentos pessoais por meio de um canal de difusão ampla) e a intimidade construída (colocada em evidência por meio dessa técnica)” (KOMESU, 2005, p. 56).

Nesse sentido, a intimidade revelada nos *blogs* está condicionada a uma publicização do eu que, no que tange a esse trabalho, coloca em cena a experiência da mulher adolescente por meio do modo pelo qual o enunciador constrói uma imagem de si. O modo midiático de organização da sociedade permitiu que a utilização das mídias digitais constituísse um espaço de valoração da exposição e da visibilidade do eu no qual a utilização do *blog* é uma importante ferramenta de expressão feminina (BATISTA, 2008).

Antes de deter-me às especificidades dos *blogs*, produtivas para este trabalho, é importante pontuar que é a difusão da internet que permitiu que o acesso aos blogs se tornasse prática corrente entre a juventude. Para além do meio de comunicação, a internet torna-se meio de expressão e produção de subjetividades. Na *cibercultura* (LEVY, 1999), o uso dos *blogs*, enquanto diário virtual, é o mais corrente entre os adolescentes.

Para Komesu (2005, p. 96), a criação de uma ferramenta como o blog “pode ser justificada sob as condições históricas nas quais os sujeitos são impelidos a falar de si em âmbito público, com a participação fundamental do leitor interessado em olhar (*vigiar*) o cotidiano alheio”. A importância dessa ferramenta é atribuída, sobretudo, ao modo como a sociedade atual estabeleceu a visibilidade da intimidade e a exposição da experiência alheia, como modo não apenas de entretenimento, mas também de constituição das relações sociais.

O trabalho de Schittine (2004, p. 58) aponta o computador como aparelho do individualismo, ainda que, ao mesmo tempo, “permite o ‘isolamento’ do meio em que o indivíduo vive, abre suas relações para outro(s) meio(s).” Desse modo, nas palavras da autora, “cada um pode realizar no computador uma série de atividades privadas, desconhecidas de quem mora na mesma casa, e, ao mesmo tempo, conviver com essas pessoas” (SCHITINE, 2004, p. 58). Sendo o computador o aparelho do individualismo, numa “sociedade intimista”, tal como postulada pelo sociólogo Senette (1998 [1974]), a internet é, então, a ferramenta que permite a vida em “comunidade” (SENNETTE, 1998 [1974], p. 274.)²⁷.

Nessa configuração, o *blog* tornou-se uma ferramenta por meio da qual a vida em comunidade se estabelece, formando uma *comunidade imaginada/virtual* (visto que consegue construir uma imagem simbólica de comunhão, conforme Anderson [2005]). Nela, os destinatários imaginários do diário íntimo são reais, mas “um real distante fisicamente, que não influi diretamente na ‘vida real’” (SCHITINE, 2004, p. 58).

Essa discussão remete à importância sobre a discussão dos destinatários dos *blogs*. Nesse sentido, uma investida discursiva é produtiva para a discussão. Desse modo, a noção de *visée* (visada), defendida por Charaudeau (2004), é produtiva na reflexão sobre o *sujeito destinatário* dos *blogs*. Para o autor (2004), a noção de *visada* corresponde

a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e por conseguinte da própria troca linguageira. As visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que tem em perspectiva um sujeito destinatário ideal, mas evidentemente elas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção; é necessário que o locutor e o interlocutor possam recorrer a elas. As visadas correspondem, assim, à atitudes enunciativas de base que encontraríamos em um grande *corpus* de atos comunicativos reagrupados em nome de sua orientação pragmática, mas além de sua ancoragem situacional. (CHARAUDEAU, 2004, p. 23)

Desse modo, o sujeito falante fabrica a imagem de um interlocutor hipotético adequado à sua enunciação, o qual assume a figura do destinatário ideal. Nos *blogs*, o jogo de

²⁷ “Então, a forma de comunidade que iremos estudar: uma comunidade que tem uma personalidade coletiva, uma personalidade coletiva gerada pela fantasia em comum” (SENNETTE, 1998, p. 276).

expectativas das trocas enunciativas possui uma série de *visées* que permitem a intercompreensão entre os sujeitos envolvidos. Essa perspectiva contribui para o que Schittine (2004) denominou destinatários imaginários para os *blogs*, à medida que permite compreender que o sujeito comunicante constrói uma projeção do seu público/auditório/sujeito destinatário. É o modo como as adolescentes constroem a imagem do seu público nos *blogs* que permitirá que a publicização de si e o revelar de sua experiência e intimidade seja mediada pela *doxa* e contribua para a eficácia discursiva da enunciação. Essas questões ressoam na análise do *corpus*.

Essas constatações permitem compreender o *blog* como um diário íntimo virtual o qual, conforme Marcuschi (2008), é muito utilizado por adolescentes mulheres. Até este momento, considere as especificidades do blog em sua relação com o diário íntimo, visto que tal perspectiva é a mais produtiva para o desenvolvimento deste trabalho, sobretudo, pelo revelar da intimidade presente nesses tipos de blogs. Vale ressaltar, contudo, que, nos estudos sobre gêneros textuais, o blog também pode ser entendido como o suporte de um gênero, visto que pode ser entendido como “uma superfície física, em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto” (MARCUSCHI, 2003, p.8).

Embora seja possível compreender o blog como um suporte de gêneros, é preciso entender que “nem sempre a decisão a respeito da identificação de um suporte, um gênero, um serviço e um canal é clara. As fronteiras dependem da perspectiva da observação e do modo como encaramos os fenômenos” (MARCUSCHI, 2003, p. 27). Para Costa (2008, p. 184), é fácil encontrar casos em que “gênero e suporte são indissociáveis”. Discutir algumas dessas especificidades é importante, já que, por meio delas, tentarei compreender o funcionamento do *Tudo de Blog*, percebendo as suas (não) proximidades com a escrita nos *blogs*.

2.3.2 Novos espaços de enunciação da intimidade feminina: o *Tudo de Blog*

Compreender as especificidades dos diários íntimos e dos *blogs*, ainda que de modo breve²⁸, foi necessário devido às aproximações do gênero com o objeto em estudo: o *Tudo de Blog*, conhecido entre as adolescentes como *TDB*. Lançado em 2006 e publicado até 2010, o *Tudo de blog* é uma seção da revista *Capricho* que tem como proposta publicar os

²⁸ Estudos mais específicos sobre o funcionamento dos *blogs* podem ser encontrados em Schittine (2004), Marcuschi (2004) e Komesu (2005). Sobre as especificidades dos *blogs* da *Capricho*, é possível consultar a pesquisa de mestrado de Magnabosco (2011).

comentários das adolescentes, que mantêm um *blog* – *blogueiras*, sobre uma pauta sugerida pela revista.

O ano de 2006, como já apontado no capítulo anterior, foi de transformações para a revista que buscava uma aproximação com as suas leitoras por meio também da *web*, articulando, ainda mais, as redes sociais à revista impressa. Nesse contexto, a proposta da seção *Tudo de blog* pode ser entendida como uma estratégia para essa aproximação, já que, como afirma a editora da seção (2006, p. 80), “o *Tudo de blog* virou um projeto familiar”. De acordo com Natalia Duprat (2006, p. 80), editora da seção a convite da *Capricho*, a sua função era “coordenar a participação de mais de 100 blogs de meninas de todo o Brasil que comentariam as pautas da revista. Os melhores textos seriam publicados em cada edição e, no final, os melhores renderiam prêmios para as autoras”.

Os *blogs* das adolescentes selecionados ficam arquivados no banco de dados da revista, e podem ser acessados através do site da *Capricho* que, a cada edição, ao lançar um tema diferente para ser discutido, escolhe e publica em torno de 3 dos textos escritos pelas *blogueiras* que tiveram seus *blogs* selecionados. Antes do texto das *blogueiras* serem publicados na revista, eles são postados nos *blogs* pessoais das adolescentes que são acessados pela revista. Ao serem escolhidas, as adolescentes passam a fazer parte do que a revista chamou de “time de colaboradoras” que, mais tarde, tornaram-se as “tudodebloguetes”.

A publicação anterior dos textos nos *blogs* das adolescentes permite que o tom pessoal/íntimo do texto seja mantido na publicação do texto na seção. Nesse sentido, ao escreverem os *posts* em seus *blogs* e emitirem seus comentários sobre os temas escolhidos pela revista, as adolescentes o fazem contando sua experiência diária e esses comentários são publicados na seção. Ao contar a história do surgimento da seção, Duprat (2006, p. 80) afirma que

É impossível não contar essa história como se fosse um *post* do meu diário virtual. Desde o início foi esse tom pessoal que buscamos (e encontramos!) nas meninas que participam do projeto. Um jeito único e particular de explicar as coisas e o mundo. Sendo doces ou ácidas, sérias ou bem-humoradas, ferinas ou dramáticas. Nunca, nunca mesmo, superficiais. Elas adoram uma boa polêmica e não economizam palavras para dizer o que pensam.

O tom de personalidade da seção e a possibilidade de dizer o que pensam sinalizam a permanência das características da transmutação dos *post* dos *blogs* pessoais para as páginas da revista. É a escrita do segredo, como já apontei anteriormente, que faz com que os

comentários sobre os temas abordados pela revista sejam constituídos de uma personalidade e de um caráter íntimo. A caracterização da seção será apresentada de modo mais detido no próximo capítulo. Neste momento, gostaria de apresentá-la a título de exemplificação genérica desse funcionamento íntimo.



Figura 12: *Capricho*, 2006, ed. 1031.1

O uso da primeira pessoa como predominante na seção aponta esse *dizer sobre si* como modo de revelar uma intimidade e uma experiência. Considero esse caráter íntimo associado à experiência de vida, visto que a intimidade pode ser lida como “um terreno de visão e uma expectativa de relações humanas. É a localização da experiência humana, de tal modo que aquilo que está próximo às circunstâncias imediatas da vida se torna dominante”

(SENNETTE, 1998 [1974], p. 412). Nesse sentido, ao comentarem os temas da seção, as adolescentes revelam situações da sua intimidade, revelam a sua experiência. A recorrência da experiência é, nesse sentido, reveladora de uma estratégia que permite a legitimação dos dizeres sobre os temas abordados, no qual o “eu vivi, então, posso falar” e, mesmo, “eu sei, então, posso falar” são recorrentes nos textos da seção.

A transmutação dos comentários para a página da revista pode ser reveladora também do espaço de confiança que caracteriza a seção. Se nos diários e *blogs* o caráter da confiança é regulador das possibilidades dos dizeres, no *Tudo de Blog*, o espaço da confiança permanece como uma característica reguladora do que pode e deve ser dito. O espaço da confiança é tomado, então, como “o lugar privilegiado da fala de si”, no qual “há um exercício voluntário e recíproco de fala entre dois interlocutores” em presença física ou não (SOUZA, 1997, p. 37).

A inscrição do caráter íntimo na seção, decorrente num primeiro plano, como já apontado, da transmutação dos *posts* dos *blogs*, indicia novos modos de revelar a intimidade feminina adolescente, por meio da midiatização das *narrativas do eu, modo de organização do discurso* que domina a *encenação discursiva* da seção. Compreendo, na perspectiva de Charaudeau (2008, p. 74), discutida no próximo capítulo, como *modos de organização de discurso*, “os procedimentos que consistem em utilizar determinadas categorias de língua para ordená-las em função das finalidades discursivas do ato de comunicação”.

Outro ponto de reflexão sobre a seção é a construção do *comentário*. Para Charaudeau (2006, p. 175), “comentar o mundo constitui uma atividade discursiva, que consiste em exercer suas faculdades de raciocínio para analisar o porquê e o como dos seres que se acham no mundo e dos fatos que aí se produzem”. Nesse sentido, o comentário argumentado “impõe uma visão do mundo de ordem *explicativa*. Não se contenta em mostrar ou imaginar o que foi, o que é ou que se produz; o comentário procura revelar o que não se vê, o que é latente e constitui o motor (causas, motivos e intenções) do processo evenemencial do mundo” (CHARAUDEAU, 2006, p. 176).

Nessa perspectiva, as adolescentes, ao comentarem sobre o tema da revista, mostram, como pode ser observado nas pistas deixadas na materialidade discursiva, suas visões de mundo e, com isso, os seus pontos de vista que, por sua vez, estão ligadas às suas experiências no âmbito do privado. O comentário, nesse *espaço de confiança*, se articula, então, com o ato de compartilhar com o leitor uma ideia, legitimada pela *função autor* que irrompe na discursividade do *TDB*.

A construção do comentário sobre os temas das revistas é, então, como uma opinião sobre os assuntos que, por sua vez, é construída na publicização do eu. Para Charaudeau (2006, p. 120), “a opinião pertence ao vasto domínio do crer, isto é, ao que não está em relação direta com ação, mas com o imaginário de saber no qual o sujeito pode exercer seu julgamento”. No caso da seção, as adolescentes ao comentarem os temas, se constituem como sujeito do saber, aquele que detém o melhor conhecimento sobre o assunto abordado (já que há uma seleção das melhores respostas).

Essas problemáticas, contudo, serão retomadas ao longo do próximo capítulo no qual me deterei especificamente na compreensão do dispositivo *Tudo de blog*.



TUDO DE BLOG:
CONSTITUIÇÃO E FUNCIONAMENTO À LUZ DA SEMIOLINGUÍSTICA

3 TUDO DE BLOG: CONSTITUIÇÃO E FUNCIONAMENTO À LUZ DA SEMIOLINGUÍSTICA

A mobilização teórica empreendida até o momento foi necessária para que fosse possível compreender a movimentação dos sentidos na publicização de si do sujeito feminino adolescente na seção em análise na dissertação. Nesse trajeto, rememora-se a constituição da Teoria Semiolingüística (doravante TS) e a produtiva apresentação de Charaudeau (2008, p. 15) ao afirmar que “toda teoria, como toda palavra, se define em relação a outras teorias, a outras palavras”. Tendo como base esses diálogos, detenho-me, a partir deste momento, na compreensão da estrutura e do funcionamento da seção *Tudo de Blog*. Para tanto, o gesto de compreensão é empreendido à luz da TS, postulada por Charaudeau (1983), utilizada neste trabalho para a descrição genérica do *corpus*.

A escolha por esta teoria se dá, sobretudo, por sua contribuição na análise do discurso midiático²⁹, ou seja, porque ela apresenta mecanismos aplicáveis à descrição e à análise dos dispositivos de encenação da mídia. Ao fazer por tal escolha, sigo as trilhas de Lima (2006, p. 48), acreditando que “uma breve passagem pelas bases teóricas da Semiolingüística me auxiliará no objetivo de compreender o fenômeno da argumentação” e o modo de constituição do *Tudo de Blog*. Nesse sentido, não será o objetivo uma longa discussão sobre a teoria, mas pensá-la em sua articulação com o *corpus*, o que permitirá trazer à baila os conceitos que emergem na descrição do dispositivo utilizados para a análise. Antes, contudo, parece produtivo uma breve explanação sobre a proposta teórica de Charaudeau.

Em sua composição teórica, conforme Machado (2008, p. 180), a Semiolingüística parte de um duplo desejo: “colocar em destaque as funções dos diferentes sujeitos nos atos de linguagem do cotidiano (mas também do não-cotidiano, conforme os *corpora* estudados) e, ao mesmo tempo, manter uma AD que tenha uma base linguística”. Compreende-se, dessa maneira, que “entrar em contato com o outro implica que se possa justificar a razão pela qual se toma a palavra, pois tomar a palavra é um ato de imposição de sua presença frente a este outro” (CHARAUDEAU, 2010, p. 59). Desse modo, a TS se pauta na descrição das interações sociais, resultantes da combinação “de uma determinada situação de comunicação,

²⁹“Inicialmente, suas contribuições ficaram restritas à análise de diversos *corpora* da área da comunicação, pois o discurso da mídia foi a base para elaboração e aplicação de seus conceitos. Entretanto, com o passar dos anos, é possível observar a diversidade de objetos já analisados tendo como base suas contribuições teóricas” (LIMA, 2006, p. 49)

com uma determinada organização discursiva e com um determinado emprego de marcas linguísticas (PAULIUKONIS, 2012, p. 59).

Nesse sentido, os parceiros envolvidos nas trocas comunicativas selecionam estratégias adequadas para garantir o sucesso da sua comunicação, ou seja, “para qualquer sujeito que queira falar, põe-se a questão de saber quais as normas exigidas pelo contrato comunicacional para que se possa fazer isso, caso contrário, ele não existiria como *sujeito falante*.” (CHARAUDEAU, 2012, p. 1). O que irrompe dessa questão é a regulação das práticas nas quais os membros de uma comunidade se reconhecem e, por meio desse reconhecimento, permite-se o *direito à palavra* e a constituição da *identidade* do sujeito falante num espaço de pressões e estratégias que determinam o *contrato de comunicação* no qual toda prática de linguagem está inscrita.

Os semiolinguístas, então, “ao se debruçar sobre a análise de seus diferentes corpora, irão buscar uma adequação dos ditos e escritos de um sujeito histórico, em uma sociedade determinada em um dado contexto, para melhor verificar a construção de seus discursos” (MACHADO, 2008, p. 183). Assim, a proposta de Charaudeau, “fundamenta-se em bases comunicacional e interativa, segundo as quais o sentido é resultante de operações enunciativo-discursivas de entidades subjetivas no discurso, a partir de uma situação social bem determinada” (PAULIUKONIS, 2012, p. 54).

É preciso considerar, finalmente, que um trabalho de análise que utilize a TS tem de levar em consideração três perspectivas: “(i) a crítica ao social; (ii) a descrição dos mecanismos psicossociais dos contextos em que estão envolvidos os parceiros de um contrato ou de um determinado ato comunicativo; (iii) a aplicação dos itens (i) e (ii) à linguagem (enquanto instrumento comunicativo por excelência) e a seus usos.” (MACHADO, 2008, p. 182). Com essas considerações, trilharei nesse momento um percurso que permitirá a descrição e compreensão da dinâmica de funcionamento do *Tudo de Blog* com o auxílio da TS. Saliento, entretanto, que privilegiarei a compreensão do funcionamento da seção, de modo geral, visto que as estratégias serão analisadas de maneira mais detalhada no Capítulo IV.

3.1 NAVEGANDO PELOTUDO DE BLOG

Vale compreender, nessa incursão, a proposta do autor sobre o tratamento semiolinguístico conferido à noção de *texto* e *discurso*. Mello (2003), ao discorrer sobre essa questão, retoma a perspectiva semiolinguística, apontando que o termo *discurso* pode ser usado em dois sentidos: i. em relação ao fenômeno de encenação do ato de linguagem que, por sua vez, compreende um circuito externo (situacional) e interno (comunicacional); e ii. um conjunto coerente de saberes partilhados, construídos de maneira inconsciente por indivíduos de um grupo social. O *ato de linguagem*, nesse quadro, depende do ponto de vista dos parceiros e a sua finalidade não se restringe no enunciado em si, mas no jogo que é estabelecido entre a dimensão explícita e implícita do enunciado.

As *circunstâncias do discurso* são estabelecidas por meio da relação que os parceiros da troca mantêm entre si e os *propósitos linguageiros*. Charaudeau (2008, p. 32) define essas *circunstâncias* como “o conjunto dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem”, ou seja, dos saberes supostos a respeito do mundo (práticas sociais partilhadas) e os saberes supostos sobre os pontos de vista recíprocos dos protagonistas do ato de linguagem (os filtros construtores de sentido). O *ato de linguagem*, por sua vez, é comandado pelas *circunstâncias do discurso* e ocorre em uma *situação de comunicação*, quadro psicossocial no qual se encontram os parceiros da troca, que funciona como espécie de encenação da relação entre os parceiros definidas por um *contrato de comunicação*.

Os sujeitos de linguagem, ao tomarem a palavra, são impelidos por uma série de normas e convenções partilhadas por um grupo que permite que algo seja dito ou não em um espaço de encenação. Essas normas, “resultam de uma interação das trocas comunicacionais do cotidiano, regulação que acaba instaurando práticas nas quais os membros de uma mesma comunidade cultural se reconhecem” (CHARAUDEAU, 2012, p. 2). O reconhecimento entre os membros está sujeito a alterações de acordo com a identidade dos sujeitos envolvidos na troca e com o contexto histórico que determina as modificações das práticas e das representações sociais (CHARAUDEAU, 2012).

No que tange a este trabalho, esse espaço de trocas, resultado da interação e regulação de normas e práticas mais ou menos estáveis, é a seção *Tudo de Blog*. É nela que as adolescentes interagem entre si e com a revista numa relação de reconhecimento que permite que algo possa ser dito nesse espaço no qual as práticas da adolescência vão sendo ensaiadas e atualizadas de acordo com as representações sociais. Nos capítulos anteriores, tracei, de

algum modo, caminhos para que fosse possível perceber o modo como a *Capricho* foi, em sua constituição histórica, atualizando os saberes e, por consequência, as representações sociais da mulher adolescente. A seção é, pois, um dispositivo de encenação no qual se estabelece um contrato de comunicação que tem como base uma situação de comunicação estabelecida.

No que tange à noção de texto, o *Tudo de Blog* é, nessa abordagem, a “*manifestação material* (verbal e semiológica: oral/ gráfica, gestual, icônica etc) da encenação de um ato de comunicação, numa situação dada, para servir ao Projeto de fala de um determinado locutor” (CHARAUDEAU, 2008, p. 77). É nele, então, que será possível analisar os procedimentos de organização do discurso. A TS, ao analisar o discurso, em sua materialização textual, busca compreendê-lo numa “problemática geral que procura relacionar os fatos de linguagem a alguns outros fenômenos psicológicos e sociais: a *ação* e a *influência*”. Nessa perspectiva, “o que se pretende é tratar do fenômeno da construção psico-sócio-linguística do sentido, a qual se realiza através da intervenção de um sujeito, sendo, ele próprio, psico-sócio-linguístico” (CHARAUDEAU, 2005, n/p).

A intervenção de um sujeito na construção psico-sócio-linguística do sentido, por meio do propósito comunicativo, é estabelecida no espaço de manobras e estratégias dado pelo contrato no qual se permite chegar à construção de um texto como processos discursivos, resultados das competências dos sujeitos, a saber: a *competência situacional*, a *discursiva* e a *semiollingüística*. Tais competências são apreendidas, numa abordagem semiollingüística, por meio da análise dos procedimentos que os parceiros utilizam em suas empreitadas comunicativas.

Numa análise, esses procedimentos são observáveis por meio de três níveis, são eles: *nível situacional*, ligado à competência situacional e determinado pelo “jogo de expectativas” entre os sujeitos; o *nível discursivo*, ligado à competência discursiva e diz respeito à aptidão dos sujeitos no reconhecimento dos procedimentos discursivos da *mis-en-scene*; e o *nível semiollingüístico*, ligado à competência semiollingüística e determinado pelas regras de utilização e reconhecimento dos signos e suas combinações de sentido em determinado contexto (MACHADO, 2008, p. 185). Feitas essas considerações, partirei agora para a leitura do *contrato de comunicação* que rege o *Tudo de Blog*. Além do desdobramento da noção, articularei outras questões que permitem a compreensão das leis do gênero discursivo que emergem na seção.

3.1.2 O contrato de comunicação na encenação do *Tudo de Blog*

A noção de contrato de comunicação é fundamental para a TS, visto que ela permite compreender os espaços de liberdade e restrições que constituem as trocas dos sujeitos. Essa noção “pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações linguageiras dessas práticas” (CHARAUDEU, 2008, 56). Essa perspectiva é importante neste trabalho, pois, além de permitir compreender as regras que estão em jogo na encenação do *Tudo de Blog*, permite ainda analisar a construção da imagem que o sujeito enunciador projeta de si mesmo nesse espaço.

Um espaço regido, ao mesmo tempo, pelas restrições do contrato que, conforme pontua Pauliukonis (2008, p. 55), “constitui as condições que não podem ser infringidas pelos parceiros sob pena de não haver a comunicação” e pelas estratégias que compreendem “os diferentes tipos de configurações discursivas de que o sujeito comunicante dispõe para satisfazer as condições do contrato e atingir seus objetivos comunicativos” (PAULIUKONIS, 2008, p. 55). Nesse sentido, se os sujeitos são impelidos para agir numa encenação de determinado modo, eles possuem ainda recursos que possibilitam fazê-lo de uma maneira e não de outra. Tal perspectiva pode ser mais bem compreendida nas palavras de Lima (2006, p. 51) ao explicar que:

De acordo com os pressupostos dessa teoria, os sujeitos são condicionados, pressionados por diversas imposições, mas possuem também uma margem de manobras. Se, por um lado, eles são impingidos a agir de determinado modo, por outro, podem fazer uso de recursos diversos para efetivar seu projeto de fala. É por isto que a *situação de comunicação* é fundamental para a Semiologia, uma vez que nela se instituem as restrições e as determinações dos *enjeux* da troca. [*grifo meu*]

É importante ressaltar da fala da autora a menção sobre a *situação de comunicação*. Numa perspectiva discursiva, essa noção, intimamente ligada à de contrato, permite compreender o ambiente físico e social do ato de comunicação, ou seja, a *situação* “é externa ao ato de linguagem, embora constitua as condições de realização desse ato” (CHARAUDEAU, 2008, p. 69). A situação de comunicação constitui um espaço de troca no qual todo sujeito falante se relaciona com os parceiros. Para Charaudeau (2008, p. 70), essa relação é posta de acordo com as características físicas do ato de comunicação – refere-se à

presença física e à multiplicidade dos parceiros, e ao canal de transmissão do ato e o seu código semiológico.

A *situação de comunicação* é, por sua vez, organizada e estruturada por um *dispositivo de interação (gênero discursivo)* que emerge de um contrato de comunicação. O dispositivo é, nesse sentido, aquilo que “garante uma parte da significação do discurso”, pois faz com que “todo enunciado produzido em seu interior seja interpretado e a ele relacionado” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 54). Nessa perspectiva, um dispositivo de interação “desempenha o papel de fiador do contrato de comunicação de acordo com as normas de comportamento e com um conjunto de discursos potencialmente disponíveis ao quais os parceiros poderão se referir” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 54)

Desse modo, todo contrato de comunicação configura uma situação de comunicação e um dispositivo de interação. Na definição de Charaudeau (2008a), há, num contrato de comunicação, macrodispositivos conceituais responsáveis por estruturar cada situação de troca social (por exemplo, uma situação de informação) e microdispositivos materiais (rádio, TV, imprensa escrita) que especificam uma situação de comunicação. No interior desses microdispositivos, há outros microdispositivos (os quais interessam a este trabalho de maneira mais pontual) que correspondem aos *gêneros* discursivos, a saber: o telejornal, a reportagem, o documentário, entre outros.

O *Tudo de Blog*, enquanto um dispositivo de interação, constitui-se, nesse sentido, como fiador do contrato de comunicação estabelecido entre a *Capricho*, as *blogueiras* que escrevem para a seção e as leitoras. Vale considerar, nesse momento, que as adolescentes não possuem uma posição fixa, já que elas são, ao mesmo tempo, enunciatórias e comunicantes e ainda são destinatárias, enquanto consumidoras e leitoras da revista. Essas posições são assumidas a depender do papel exigido pela situação de comunicação nas quais estejam inseridas. Nesse sentido, quando as adolescentes compram a revista para ler e fazem o cadastro para ser escrevente da seção, elas assumem o papel de leitoras e destinatárias. Num outro momento, quando a revista sugere um tema para que seja discutido no *blog* e, caso selecionado, publicado na seção, elas assumem o papel de destinatárias. Ao terem seus textos publicados na seção, elas assumem o papel de enunciatórias.

Essas noções mobilizam reflexões no *corpus* analisado devido à possibilidade de descrição das categorias externas à seção analisada. São produtivas, pois, por meio delas, é possível analisar, por um lado, a identidade social dos sujeitos, a qual mantém relação com a noção de *ethos* (mobilizada no próximo capítulo) e, por outro, o modo de organização do dispositivo.

Para iniciar essas reflexões, recortei do *corpus* quatro seções que servirão de base para a discussão.



Figura 12: seção *Tudo de Blog* ed. 1031.1 *Capricho*



Figura 13: seção *Tudo de Blog* ed. 1032 *Capricho*



Figura 14: seção *Tudo de Blog* ed. 1051 *Capricho*



Figura 15: seção *Tudo de Blog* ed. 1074 *Capricho*

As figuras 12, 13, 14, 15 apresentam as alterações ocorridas no modo material de encenação do *Tudo de Blog*. O ano de 2006, como já apontado, foi o ano em que a seção surgiu como forma de agregar ainda mais as adolescentes, utilizadoras das tramas virtuais, à revista *Capricho*. Na figura 1, representativa desse ano, assim como na figura 2, é possível observar que o modo de apresentação do dispositivo rememora um quadro de recados e/ou de fotos, muito comum na decoração dos quartos dos jovens. Tanto nessas quanto nas figuras 3 e 4 há elementos que permitem a identificação de alguns componentes da situação de comunicação, tal como proposta por Charaudeau (2008).

A encenação do *Tudo de Blog* põe em cena uma situação *monologal*³⁰ no qual os parceiros são múltiplos – a *Capricho*, as adolescentes que tiveram os textos selecionados para cada publicação e os seus leitores. O canal gráfico pelo qual a seção é materializada permite uma diversidade na disposição dos elementos que sofrem modificações ao longo dos anos de publicação. As características identitárias dos parceiros são mostradas na seção de modo diverso.

No ano de 2006, representado pela figura 12, os textos contam com a assinatura das adolescentes, seguida do endereço do *blog* mantido por elas. No final do ano de 2006 e ao longo de 2007, a seção começa a publicar a idade e as fotos das *blogueiras*. Nesses, a assinatura é anterior ao texto e a disposição dos *quadros-dizer*³¹ sugere uma leitura menos linear. Nesse sentido, o leitor pode ser incitado a começar a leitura por qualquer um dos quadros. Tal sugestão pode ser explicada devido à remissão do *layout* da seção aos murais de recados/fotos usados pelas adolescentes.

Nos anos 2007 e 2008, há outra modificação na disposição dos elementos da seção e os *quadros-dizer* – contendo, respectivamente, a foto, o nome, a idade e o endereço do *blog* das adolescentes – apresentam-se dispostos um embaixo do outro, sugerindo a leitura de cada quadro de cima para baixo. No final do ano de 2008 e ao longo do ano de 2009, ocorre uma nova modificação na disposição dos *quadros*, os quais são organizados lado a lado, sugerindo uma leitura mais horizontal. Nessa disposição, as fotos das *blogueiras* ganham mais destaque e a assinatura junto com a idade e o endereço do *blog* retornam ao início do texto.

³⁰ Vale ressaltar que essa noção não deve ser confundida com a noção de *Dialogismo*. Na perspectiva de Charaudeau (2008, p. 72), uma situação monologal ocorre “quando os parceiros *não estão presentes* fisicamente um ao outro, e *quando o contrato não permite a troca*, o canal de transmissão pode ser *oral* ou *gráfico*. Nesse caso, o locutor se encontra numa situação na qual ele *não pode perceber* imediatamente as reações do interlocutor (pode apenas imaginá-la).”

³¹ Utilizo essa nomenclatura para classificar o quadro que apresenta os textos de cada adolescente.

Essas modificações nas disposições incitam a legitimação dos lugares dos dizeres mais ou menos privilegiados que cada quadro possui na seção, sobretudo, os anos 2008/2009 que sugerem uma hierarquia progressiva das opiniões. O uso da foto, do nome, da idade e a identificação do *blog* pessoal das adolescentes também legitimam os dizeres. A legitimação é posta ainda por meio do reconhecimento de que os textos selecionados e publicados na seção foram escritos por adolescentes previamente escolhidas por um sujeito institucional (*Capricho*) que autoriza tais dizeres. A autoridade vem então se somar à legitimidade.

A legitimidade é “o resultado de um reconhecimento, pelos outros, daquilo que dá poder a alguém de fazer ou dizer” em nome de um estatuto, de um saber e de um saber-fazer, conforme afirma Charaudeau (2008a, p. 67). Na seção, os elementos que fazem remissão à identidade social das escreventes são formas de construção desse reconhecimento. Tais elementos, além de contribuírem para a legitimação do dizer das *blogueiras*, validam ainda a construção de um *ethos* prévio, visto que, como afirma Amossy (2010, p. 69), “a imagem elaborada pelo locutor se apóia sobre elementos preexistentes, como a idéia que o público faz do locutor antes da tomada de palavra, ou a autoridade atribuída à sua posição ou status” [*tradução livre*]³². Essa legitimação, vale ressaltar, é estabelecida no jogo de trocas que emergem no dispositivo de interação. Ela não é fixa, visto que depende da posição que o sujeito ocupa nas diferentes trocas.

Ainda sobre a questão do *ethos*, vale ressaltar a perspectiva de Pauliukonis (2008, p. 54) para quem a constituição de uma imagem “pode ser visualizada por meio de um duplo recorte: o da *enunciação ampliada* – exame dos *protagonistas* e *parceiros* e das circunstâncias de produção do *ato comunicativo*”, que, por sua vez, será o foco desse capítulo, e o da “*enunciação restrita* – enfoque de procedimentos linguísticos que se constituem como marcas sinalizadoras (pistas) na construção de um *ethos* legitimador da fala enunciada”, o qual será foco do capítulo analítico, mas sobre o qual apresento adiante algumas reflexões.

Tal como postula Charaudeau (2008), posso dizer que as identificações associadas aos dizeres contribuem para a assimilação das características identitárias (no que tange a esse trabalho, características identitárias das adolescentes) e fazem parte dos componentes da situação de comunicação. O autor (*op. cit.*, p. 70) aponta quatro características que permitem a identificação da identidade dos parceiros, são elas: sociais (idade, sexo, raça, classe, etc.), sócio-profissionais (médico, publicitário, empregador, etc.), psicológicas (inquieto, nervoso

³²Minha tradução do francês: “... l’image élaborée par le locuteur avant la prise de parole, ou l’autorité que lui confèrent la position ou son statut” (AMOSSY, 2010, p. 69)

etc.) e relacionais (os parceiros se conhecem, é a primeira vez que se encontram etc.)³³. Numa característica sócio-profissional é possível enquadrar as escreventes da seção como autoras/columnistas, visto que grande parte das adolescentes, em seus *blogs* pessoais, se identificam, muitas vezes, como “colunistas da *Capricho*”, além de ser possível identificar um funcionamento autoral presente na seção.

As características sociais podem ser mais bem apreendidas por meio da pesquisa anual que a revista *Capricho* realiza sobre o perfil dos seus leitores. Para este trabalho, colhi os dados da pesquisa da revista dos anos 2008 e 2010, períodos de vigência da seção. No entanto, utilizo como base o ano de 2010 por ser o mais recente até a realização desta pesquisa, além de já terem sido apresentados os dados de 2008 no Capítulo I.

De acordo com os dados da revista³⁴, 89% dos leitores são do sexo feminino; a faixa etária que mais consome a revista é a de 15 a 19 anos (40%), seguida das de 10 a 14 (25%) e de 20 a 29 anos (15%). Já a classe social das adolescentes de maior consumo é a C (47%), seguida da B (38%). As regiões brasileiras que mais consomem são o Sudeste, com 56%, e o Sul, com 17%. Essa configuração auxilia na compreensão da revista e da posição social que as adolescentes ocupam e para a qual os dizeres da revista são direcionados. Além disso, esse perfil traçado pela revista ajuda a compreender a identidade social dos atores que formam a instância de recepção da seção: os leitores da *Capricho*.

Numa perspectiva semiolinguística, compreendo que esse perfil dos leitores ajuda no entendimento das características e interesses do público, determinando as escolhas e filiações políticas da revista, mas que “não deixam de ser hipóteses a respeito do público, que é heterogêneo e instável” (CHARAUDEAU, 2006, p. 79).

Ainda nesse percurso teórico-analítico, a *finalidade* da situação de comunicação é posta em jogo. Para Charaudeau (2004), a *finalidade* é o que determina a orientação discursiva da comunicação. Nas palavras de Lima (2006, p. 56), “a finalidade da troca é a responsável por determinar com que intenção o sujeito diz algo em algum lugar, referindo-se, portanto, à expectativa do ato de comunicação.” É ela que determina as *visées* (visadas)³⁵ selecionadas pela situação de comunicação.

³³ As relacionais são descartadas neste trabalho por se tratar de noção não mobilizada pelo modo de apresentação textual. Já as psicológicas podem vir a aparecer como uma estratégia discursiva na análise do *ethos* no Capítulo 5.

³⁴ Fonte MARPLAN, consolidado em 2010.

³⁵ “Correspondem a uma intencionalidade psico-sócio-discursiva que determina a expectativa (*enjeu*) do ato de linguagem do sujeito falante e, por conseguinte, da própria troca linguageira. As visadas devem ser consideradas do ponto de vista da instância de produção que têm em perspectiva um sujeito destinatário ideal, mas evidentemente elas devem ser reconhecidas como tais pela instância de recepção; é necessário que o locutor e o interlocutor possam recorrer a elas.” (CHARAUDEAU, 2004, p. 23)

No que tange ao *Tudo de Blog*, é possível apreender a *finalidade* por meio de duas instâncias de produção que fazem emergir na seção duas vozes que legitimam o dizer: a instância *Capricho*, representada como um sujeito institucional, e a instância escreventes. Essas características permitem concluir que, no *nível situacional*, o *Tudo de Blog* faz emergir um *contrato de comunicação* por meio do qual são estabelecidos dois momentos enunciativos que mantêm relação entre si: uma situação enunciativa 1, determinada nas tramas da *web*, e uma situação enunciativa 2, determinada na revista por meio da publicação da seção.

A *situação enunciativa 1* é dividida em dois momentos determinados pela alternância tênue entre a *Capricho* e as escreventes como instâncias de produção e/ou recepção. Essa alternância, contudo, não é patenteada na *situação enunciativa 2*, uma vez que tanto a revista quanto as escreventes se apresentam como instâncias de produção dos dizeres. Apresentarei ambas as situações de acordo com a finalidade; entretanto, inicialmente, gostaria de voltar o olhar para a *Capricho* como instância de produção em ambas as situações enunciativas e, posteriormente, refletir sobre o modo como as adolescentes também tomam essa posição.

Vale considerar, então, que, na *situação enunciativa 1*, a instância de produção *Capricho*, ao convocar, nas tramas da *web*, as *blogueiras* para escrever sobre o tema da seção, pressupõe uma “*visée* de captação”, que visa seduzir as colaboradoras por meio de uma identificação afetiva, e também uma “*visée* de incitação” que visa fazer com que as adolescentes escrevam e opinem sobre o tema da seção. Deliberam-se, então, um *fazer sentir* e um *fazer fazer*, que instauram um *fazer escrever/opinar*. Nesse sentido, as adolescentes escreventes formam uma instância de recepção que deve ser tocada pelos temas que a revista propõe. Nesse momento, elas são o foco de captação da *Capricho*, já que, se elas não forem seduzidas a escrever, o contrato no *Tudo de Blog* não se estabelece. A revista quer fazer, então, com que as colaboradoras da seção façam valer o contrato e partilhem seus pontos de vista sobre a temática.

Na *situação enunciativa 2*, a da publicação da seção, a instância de produção *Capricho*, já tendo seduzido as escreventes, as quais se apresentam nesse momento também como instância de produção, visa seduzir os leitores pressupondo, além de uma “*visée* de captação”, uma “*visée* de informação”, por meio da seleção dos temas, no modo de apresentação das chamadas de abertura e na construção imagética da seção. Vale ressaltar, entretanto, que a *finalidade de troca* que a revista estabelece com as escreventes da seção e os leitores não é de todo diferente e essas instâncias mantêm relações entre si. Deve-se compreender, nesse sentido, que as adolescentes escreventes da seção, também são leitoras da

revista, mesmo que, no *Tudo de Blog*, sua fala esteja legitimada por uma *função de autoria* devidamente autorizada e legitimada pela revista.

A instância *Capricho* se faz presente de modo material na seção enquanto *ritual de abordagem* que antecede e finaliza o *quadro-dizer* da seção, ou seja, as chamadas de abertura e a finalização da seção. Observando as figuras 12, 13,14 e 15, tem-se, respectivamente, a “voz” da *Capricho* com os seguintes enunciados de chamada: “Os melhores textos das blogueiras colaboradoras. Pai, Filho e Espírito Santo. O tema da quinzena move montanhas: fé.”; “Neura do medo. Nossas blogueiras contam se a violência impede que elas saiam de casa.”; “Por vontade própria. Fraqueza? Não. Para nossas blogueiras, usar drogas é uma escolha.”; “Boas de garfo. Para nossas blogueiras, escolher o que comer tem a ver também com o jeito de ver a vida.” E ainda há uma recorrência no fechamento da seção no qual a revista sugere mais leituras, indicando o endereço de outros *blogs* e, por vezes, encerrando a seção com anúncios da seleção anual das colaboradoras, além de apresentar algumas erratas.

A materialização da voz da *Capricho* nas chamadas de aberturas da seção, evocando imperativos, questionamentos e se apresentando em uma interlocução com as escreventes e os leitores pressupõe uma “*visée* de informação” que consiste em um *fazer saber*, além de uma “*visée* de captação” - que delibera um *fazer sentir* e, por sua vez, evoca uma *fazer ler/consumir*. A “*visée* de captação”, conforme Charaudeau (2006, p. 91), está orientada para o parceiro da troca, um parceiro que se supõe ser não passivo e não ter sido conquistado antecipadamente pelo interesse que a mensagem pudesse ter despertado. Nessa mesma direção, a “*visée* de informação” “consiste em fazer saber ao cidadão o que aconteceu ou o que está acontecendo no mundo da vida social” (CHARAUDEAU, 2006, p. 87).

Antes de comentar sobre a *instância de produção/recepção escreventes* estabelecida nas *situações enunciativas* engendradas pelo *contrato de comunicação* do *TDB*, gostaria de justificar, ainda que de modo breve, as motivações pelas quais compreendo que, na *finalidade* do *contrato* da seção, há uma “*visée* de informação”. Charaudeau (2006, p. 86) aponta que essa *visée* “tende a produzir um objeto de saber segundo uma lógica cívica: informar ao cidadão” e que está ligada a uma problemática de verdade, “não se trata da verdade em si, mas da verdade ligada à maneira de reportar os fatos” (CHARAUDEAU, 2006, p. 88), ou seja, os modos de descrever um objeto de saber de maneira verossímil, produzindo *condições de veracidade*.

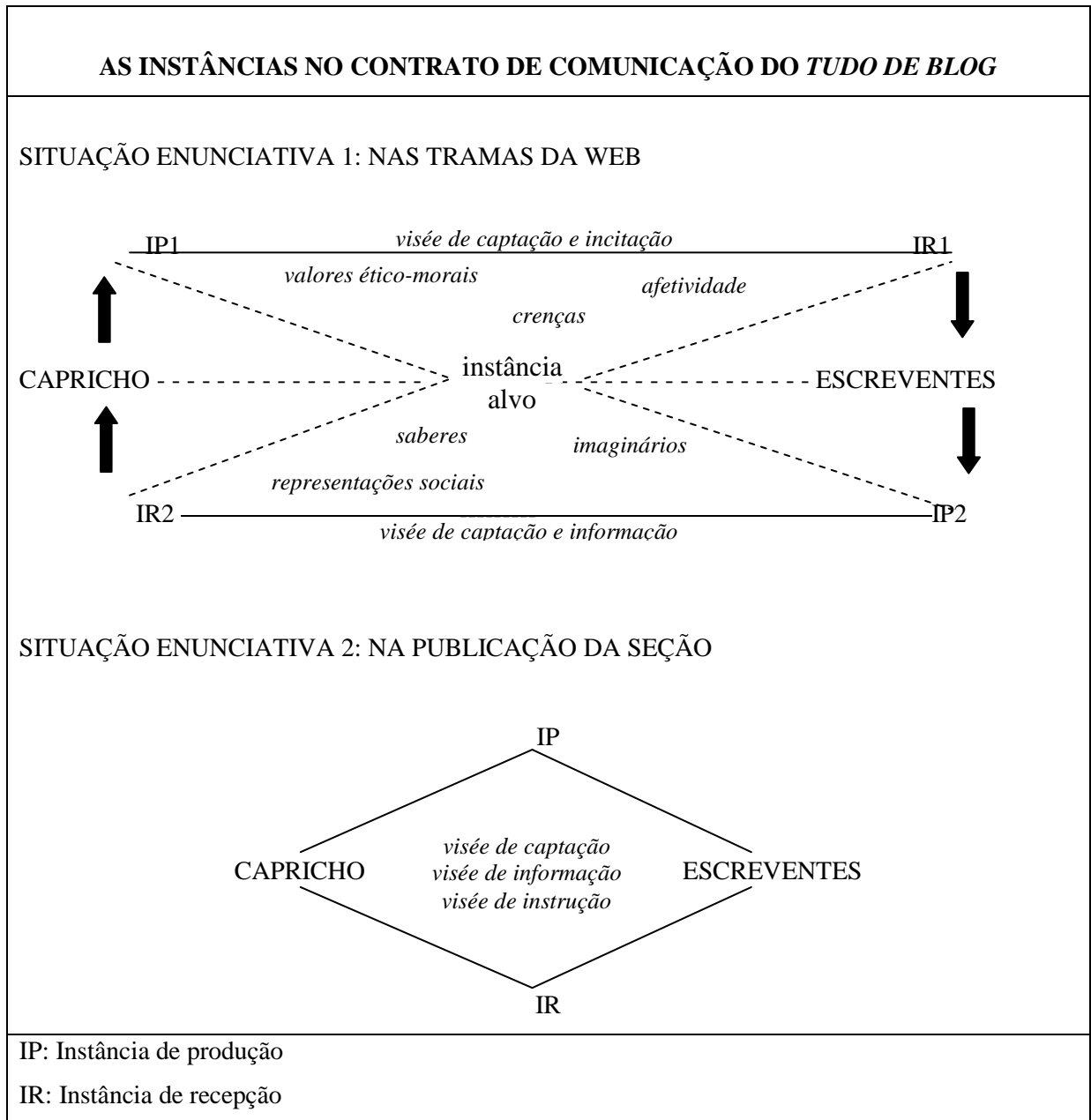
Defendo, pois, que essa *visée* faz parte da lógica do contrato no *Tudo de Blog*, visto que a revista produz um objeto de saber (os temas discutidos na seção) que visa informar às leitoras diferentes pontos de vista sobre esse objeto. No universo *Capricho*, a construção

desse objeto, bem como a informação dada sobre ele, constitui uma lógica cívica no imaginário adolescente. Assim, ao solicitar que as colaboradoras apresentem seus pontos de vistas sobre o objeto, há uma produção de construção do verossímil. Com efeito, o próprio fato de tratar de experiência de vida constrói o efeito de “fatos reais”, contribuindo para a verossimilhança.

Seguindo com a compreensão das *visées* nas situações de comunicação do contrato, ao ser seduzida pela *Capricho*, a *instância de recepção* escreventes, nas tramas da *web*, torna-se uma *instância de produção* que pressupõe uma *visée* de captação e informação que visa seduzir e persuadir a *Capricho* (que se estabelece, nessa troca, como uma instância de recepção), por meio de um reconhecimento de crenças, partilha de imaginários sócio-discursivos e escolhas lexicais, que o seu texto deve ser selecionado para ser publicado. Vale ressaltar que considero a *Capricho* como instância de recepção uma vez que, nas tramas da *web*, ela seleciona os melhores textos das *blogueiras* para serem publicados na seção. Nesse sentido, é preciso que as adolescentes, ao escrever seus textos, também tomem a revista como destinatário. O texto, ao ser publicado no *Tudo de Blog*, na qual se dá a relação direta com a instância de recepção leitores, pressupõe também essas *visées* como elemento da troca entre as escreventes e os leitores da revista.

As *visées* de captação e informação são estabelecidas em ambas as *situações de enunciação*, ora como estratégia da *Capricho* com as escreventes e os leitores, ora como estratégia das escreventes com a revista e os leitores. Há, entretanto, uma *visée* que só pode ser estabelecida na *situação de enunciação 2*, estabelecendo relação com os leitores da revista (instância de recepção *per si*), a saber: a *visée* de instrução.

Essa *finalidade* só pode ser estabelecida na *situação de enunciação 2*, na publicação da seção, ao pôr em cena a confluência das três instâncias. Dessa maneira, a *instância de produção Capricho* pressupõe, na seção, uma *visée* de instrução por meio de um *fazer saber-fazer*. A revista quer *fazer* com que as escreventes mostrem o seu *saber-fazer*, apresentado como um *saber-agir*, em relação à temática discutida (objeto de saber). Nessa *visée*, as escreventes, legitimadas pela revista, por meio da seção, se encontram, ao mesmo tempo, “em posição de autoridade do saber e de legitimação para transmitir o saber” às leitoras da *Capricho* (CHARAUDEAU, 2004). É nesse sentido que a seção, assim como a revista, é compreendida como um manual capaz de ditar regras de comportamento e estilos de vida. Ela apresenta, então, instruções de como ser adolescente tendo como *porta-vozes* as próprias adolescentes. Como síntese, apresento um quadro a fim de ilustrar os movimentos das instâncias de produção e recepção do *Tudo de Blog*:



Quadro 1: instâncias do contrato no TDB

O quadro ilustra, em síntese, o modo como se estabelecem as interações entre as instâncias de produção e recepção no contrato de comunicação do *Tudo de Blog*. As características que apontei até o momento fazem parte do *contrato de comunicação* por meio do qual é possível compreender as restrições e as determinações da troca entre os parceiros. Vale salientar que esses parceiros organizam seus discursos tendo em vista “aquilo que Charaudeau (1992: 633-835) chama de “Modos de Organização do Discurso”, ou seja, os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: enunciar, descrever, contar, argumentar” (MELLO, 2003, p.

42). Nessa perspectiva, apresentarei a seguir os *modos de organização do discurso* que constituem os *princípios de organização* do *Tudo de Blog*.

3.1.3 Os modos de organização do discurso no *TDB*

A TS, ao indicar uma série de elementos produtivos para a descrição do funcionamento do contrato de comunicação, propõe analisar o modo como os sujeitos organizam seu discurso, por meio de uma competência discursiva. Os modos de organização de um discurso atendem, nessa perspectiva, às finalidades comunicativas e consistem no uso de uma série de procedimentos de determinadas categorias de língua. Desse modo, o sujeito que toma a palavra mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobras determinadas pela situação de comunicação, “utiliza *categorias de língua* ordenadas nos *modos de organização do discurso*, para produzir sentido, através da configuração de um *texto*” (CHARAUDEAU, 2008, p. 75).

A maneira como o discurso é organizada pelas categorias de língua tem como base um *procedimento enuncivo* que aponta a maneira pela qual o sujeito se vale de estratégias na encenação. O modo de organização do discurso (MOD), numa perspectiva semiolinguística, possui quatro agrupamentos, a saber: o descritivo, o narrativo, o argumentativo e o enunciativo (responsável pela organização dos anteriores). Para Lima (2006, p. 58), “cada um desses MOD por organizar o discurso de determinada maneira e eles auxiliarão o sujeito a atingir seus objetivos, sendo que cada um deles é responsável por cumprir determinadas finalidades discursivas”.

O *modo de organização descritivo* é responsável, ao mesmo tempo, pela construção objetiva e subjetiva do mundo e também pela identificação dos seres. O narrativo, por sua vez, permite o encadeamento de ações e acontecimentos que visam transmitir algo a alguém. O argumentativo compreende uma tomada (ou não) de posição verossímil sobre os acontecimentos, visando uma desestabilização. Por fim, o enunciativo permite compreender a relação dos sujeitos com o seu ponto de vista e também numa relação de influência com o outro.

No gesto de compreensão do funcionamento do *Tudo de Blog*, tenho afirmado que o mesmo se configura como uma seção que visa compartilhar entre os leitores o ponto de vista das escreventes. Essa posição será retomada mais adiante. Gostaria de apresentar, por ora, a

função e os princípios de organização que regem esse *gênero*. De modo geral, é o modo narrativo, descritivo e argumentativo, tendo prevalência o narrativo, que se fazem presentes na construção do *quadro-dizer* das escreventes, possuindo como base o modo enunciativo e, no ritual de abordagem da *Capricho*, a prevalência dos componentes do modo enunciativo evoca uma função argumentativa.

Ao desvelar o modo de organização enunciativo, Charaudeau (2008, p. 82) aponta três funções do modo enunciativo: estabelecer uma *relação de influência* entre o locutor e o interlocutor num comportamento alocutivo; revelar *o ponto de vista* do locutor, num comportamento elocutivo; *retomar* a fala de um terceiro num comportamento delocutivo. Nas situações de comunicação entre a *Capricho*, as escreventes e os leitores na *situação enunciativa 2*, no qual o interlocutor (a instância de recepção) são os leitores, as chamadas de abertura da seção, construídas pela revista, constituem, em seu conjunto, um modo enunciativo com uma *visée* argumentativa. Vejamos os enunciados:

01. *Os melhores textos das blogueiras colaboradoras. Pai, Filho e Espírito Santo. O tema da quinzena move montanhas: fé.*
02. *Neura do medo. Nossas blogueiras contam se a violência impede que elas saiam de casa.*
03. *Por vontade própria. Fraqueza? Não. Para nossas blogueiras, usar drogas é uma escolha.*
04. *Boas de garfo. Para nossas blogueiras, escolher o que comer tem a ver também com o jeito de ver a vida.*

É possível constatar nesses enunciados uma sobreposição do comportamento delocutivo que o sujeito falante (*Capricho*) emprega nas construções de apresentação da seção. Nesse sentido, o seu posicionamento é apagado de seu ato de enunciação, tendo como resultado um efeito de objetividade. A recorrência no uso de orações declarativas, afirmativas, interrogativas e negativas, bem como a ausência de modalizadores e do uso da primeira pessoa, aliado à forma verbal no indicativo, cria a ilusão de que uma verdade objetiva se estabeleceu. Essa verdade, no entanto, é posta em cena por meio dos pontos de vista revelados pelas escreventes.

Vale, nesse caso, chamar a atenção para a recorrência nos enunciados de que a avaliação do objeto de saber não é da *Capricho* e sim das *blogueiras*. Dito de outro modo, a *Capricho* se exime da responsabilidade do que está sendo dito ao utilizar o discurso indireto livre para apresentar os pontos de vista das *blogueiras*. Tem-se, então, marcada a voz das

adolescentes nos enunciados de abertura da seção, por meio das expressões *para nossas blogueiras, os melhores textos das blogueiras e nossas blogueiras contam (...)*. Na perspectiva de Charaudeau (2008), tal constatação estaria relacionada à retomada no ato de comunicação de um propósito que está no texto de outro locutor, no caso em questão dos textos das escreventes. Essa retomada é feita por meio da alusão que se apresenta, assim, como uma maneira de relatar o que pensam as *blogueiras*.

No *quadro-dizer* das adolescentes, por sua vez, ainda que se faça presente uma *visée* persuasiva, como apresentarei no capítulo que segue, é a narrativa que se faz mais presente na construção textual como estratégia de escamotear a persuasão. A possibilidade de escolha da escolha desse modo para que as adolescentes organizem seu discurso se relaciona com o espaço de estratégia que o sujeito possui nas restrições do contrato na seção. O uso do princípio de organização narrativo pode ser compreendido pelo *efeito intimista* da seção de revelar experiências de vida e percepções individuais sobre o tema discutido.

Vale retomar, nesse percurso, a noção de *autor* que apontei no capítulo anterior. Essa noção se faz presente no modo de organização narrativo e tem relação com os parceiros da encenação. No que tange à competência discursiva, então, o autor pode ter dois tipos de identidade: a. *autor-indivíduo: a identidade de um indivíduo que vive e age na vida social*, tem uma personalidade própria, conhece experiências individuais e coletivas como *participante do mundo das práticas sociais* e b. *autor-escritor: a identidade de um indivíduo que desempenha um papel social particular, o de escritor*. Na condição de escritor, ele tem um *projeto de escritura*, o qual depende das experiências individuais e coletivas que ele conheceu como escritor, no *mundo das práticas de escritura* (literária ou não) (CHARAUDEAU, 2008). Ambas as dimensões convocam um leitor real a receber “a veracidade dos fatos em função de sua própria experiência de vida” (CHARAUDEAU, 2008, p. 185).

A funcionalidade dessa noção se dá, sobretudo, quando compreendido o autor como uma função, tal como proposto por Foucault (2001), mas numa perspectiva mais ampliada, que se realiza toda vez que os parceiros da troca tomam a palavra, produzindo um texto. Embora dialogue com sua perspectiva, diferentemente da proposta de Foucault, que conserva a noção de autor para situações enunciativas específicas, proponho pensá-la, nas trilhas de Charaudeau (2008), numa problemática identitária na qual todo sujeito falante é tomado como responsável (participante do mundo das práticas sociais) pela organização do discurso e, por consequência, dos sentidos. É preciso ressaltar, entretanto, que o sujeito é social. Nesse

sentido, os dizeres desses sujeitos são atravessados por outros dizeres e os sentidos produzidos não são sentidos produzidos apenas por eles.

É necessário, contudo, assumir a questão da autoria para além dos textos literários. Nesse âmbito, Maingueneau (2010) aponta a dimensão de autor-responsável na qual emerge um produtor que se coloca como o responsável por diversos textos provenientes de atividades verbais rotineiras. No *Tudo de Blog*, a questão da autoria se torna um elemento relevante, visto que é por meio dela que as falas são legitimadas e é também possível recobrir as experiências dos sujeitos. Nesse sentido, se instaura na seção um autor-indivíduo, ou ainda, um autor-responsável, que se vale de um *efeito intimista* na escrita sobre si e que revela as suas experiências individuais nas práticas sociais. Na seção, a assinatura do nome das escreventes e a remissão ao endereço do *blog*, as tornam autoras responsáveis pelo seu dizer, legitimadas, num primeiro momento, pela inscrição do seu dizer na revista e pela sua identidade social que, ao ser reconhecida pelos parceiros como credível, confere às escreves o direito à palavra. O nome do autor funciona, nessa perspectiva, como um caráter organizador do discurso que delinea certa autoridade sobre o texto e o sentido que influenciará o trabalho interpretativo do leitor.

Continuando na reflexão sobre o nível discursivo, Charaudeau (2008) estabelece ainda os *procedimentos semântico* e *enunciativo*. O procedimento de ordem enunciativo refere-se às atitudes enunciativas que o sujeito falante constrói em função dos dados identitários e a relação com a situação de comunicação. Ele está relacionado à modalização enunciativa - categoria de língua “que reúne o conjunto dos procedimentos estritamente linguísticos os quais permitem tornar explícito o ponto de vista do locutor” (Charaudeau, 2008, p. 81) e compreende ainda uma imagem de si que os sujeitos querem apresentar e também a imagem que os sujeitos constroem do outro. Nesse procedimento, como reconhece Machado (2008, p. 187), se estabelece a presença do *ethos*. Apontei anteriormente as nuances dos *atos locutivos* (alocutivos, elocutivos e delocutivos) nos enunciados da *Capricho*, os quais são importantes também nesse nível. No que tange ao *quadro-dizer* das escreventes, o capítulo analítico revelará o funcionamento desse procedimento, visto a sua importância na compreensão do *ethos*.

Chamo atenção, nesse quadro, para a importância da análise desse nível para a análise do *ethos*, pois é também a construção sintática, as escolhas lexicais, os modalizadores, os elementos verbais, etc., responsáveis pela construção e orientação argumentativa do discurso que contribuem para a construção de uma imagem de si. Esses elementos deixam

pistas capazes de estabelecer um reconhecimento das estratégias linguísticas na apresentação de si (AMOSSY, 2010; KERBRAT-ORECHIONI, 2010).

A estratégia de ordem semântica, por sua vez, se refere aos processos de reconhecimento e compreensão realizados entre os sujeitos mediados pelos saberes comuns que são partilhados na troca. Por um lado, essa compreensão se dá pelos *saberes de conhecimento* que, conforme Charaudeau (1992 *apud* MACHADO, 2008, p. 188), dizem respeito “às percepções e às definições mais ou menos objetivas do mundo”; E, por outro lado, têm-se os *saberes de crença* que visam “sustentar um julgamento sobre o mundo” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 198) e estão ligados aos sistemas de valores que “circulam em um dado grupo social, fornecendo a ele sua identidade” (MACHADO, 2008, p. 188). Ambos saberes estruturam as representações sociais.

A noção de *representação social* é produtiva, uma vez que permite refletir sobre o modo como “o indivíduo encontra-se preso entre *práticas sociais* concretas, nas quais é levado a fazer trocas com outros, e uma atividade de *conceituação*, que tem por finalidade tornar o mundo inteligível ao atribuir-lhe valores” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 195), ao mesmo tempo em que permite compreender que “todo ato de comunicação, sendo um ato de troca entre dois ou mais parceiros, cria um elo social que parte de normas de comportamentos e estabelece representações necessariamente partilhadas” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 195). As representações, então, são constituídas por um “conjunto de crenças, dos conhecimentos e das opiniões *produzidas e partilhadas* pelos indivíduos de um mesmo grupo a respeito de um dado objeto social” (CHARAUDEAU, 2008a, p. 196).

Nesse sentido, o *Tudo de Blog* se configura como um *lócus* no qual as adolescentes estabelecem as “práticas sociais” no âmbito midiático, produzindo e partilhando crenças, conhecimentos e opiniões sobre um dado objeto social, tematizado pela revista, atribuindo-lhe valores, sustentados por um sistema de valores e crenças que recobrem as afinidades dos parceiros da troca. Ao mesmo tempo, na seção, cria-se um “elo social” regido por normas de comportamentos, partilhando representações da adolescência. É, enquanto lugar de trocas, que irrompe no *Tudo de Blog* “um campo de enunciação, lugar dos mecanismos de encenação da linguagem” (CHARAUDEAU, 2008, p. 52). Nas situações de comunicação entre a *Capricho*, as escreventes e os leitores na seção, os atos de linguagem constituem, em seu conjunto, uma orientação argumentativa (AMOSSY, 2010).

3.1.3 O *savoir-faire* da intimidade adolescente: um exemplo

Ao compreender o funcionamento do contrato de comunicação, além dos níveis explorados acima, Charaudeau (2008) aponta ainda o nível semiolinguístico. Esse nível, associado à competência semiolinguística dos sujeitos, diz respeito à capacidade de todo sujeito que se comunica e que interpreta um ato de linguagem em “utilizar e reconhecer a forma dos signos, suas regras de combinação e seu sentido em determinado contexto, sabendo que esses signos são empregados para servir de enquadramento à aplicação ou à expressão de um ato comunicativo” (MACHADO, 2008, p. 189).

Os parceiros da troca devem, então, estar munidos de uma capacidade de manobras que lhes permitam manipular e reconhecer os signos na construção de seu texto, com o intuito de atingir suas intenções comunicativas, de acordo com os elementos do quadro situacional e das exigências de organização do discurso. Esse nível é intrínseco à construção textual. Para que os sujeitos possam exercer essa competência, é necessário possuir um *savoir-faire* (saber-fazer) ligado às suas competências textuais.

A exigência desse *savoir-faire* se estabelece por meio de três aspectos, a saber: i. *savoir-faire* de composição textual – resultado da disposição dos elementos exteriores ao texto; ii. *savoir-faire* da construção gramatical – consiste no emprego das marcas de coerência do texto, tais como conectores, modalizadores, vozes verbais (tudo o que está ligado ao aparelho formal da enunciação); iii. *savoir-faire* de uso do léxico – aptidão para o uso apropriado das palavras do léxico, de acordo com os valores sociais que elas veiculam (cf. LIMA, 2006; MACHADO, 2008). Ao longo da descrição do contrato no *Tudo de Blog* esses *savoir-faire* apareceram em alguma medida. Realizarei, portanto, uma breve explanação sobre esse funcionamento no *Tudo de Blog*. Para tanto, selecionei de forma aleatória a figura 4 (pag. 64), como exemplo para a compreensão da competência semiolinguística. Tendo como foco o texto das escreventes, tem-se as seguintes construções:

TUDO DE BLOG		Edição: Nathália Duprat
BOAS DE GARFO.		
Para nossas blogueiras, escolher o que comer tem a ver também com o jeito de ver a vida.		
Comer (não) é o melhor para poder crescer.	A carne é fraca	Você é o que você come?
Sou dramática quando o assunto é comida. <u>De comedora compulsiva, a seguidoras de dietas obsessivas, de frequentadora de nutricionista a</u>	Há um ano, decidi ser vegetariana. Como sabia que não aguentaria a dieta <u>vegano (apenas com alimentos de origem vegetal)</u> , liguei-me aos	Tenho sorte por não ser aquilo que como. Se fosse assim, seria uma bolinha de gordura rolando por aí. Sei que é provável que tenha complicações com minha saúde por

<p><u>figurinha repetida na churrascaria, de viciada em Big Mac a regime semi-vegetariano, faltava-me auto-controle. Comia por ansiedade, quase nunca por fome.</u> Não conseguia balancear as coisas e morria de inveja de quem o fazia sem esforço. Sempre quis aprender a lidar com a comida do jeito saudável que todo mundo parece lidar (até hoje não sei como tem gente que pensa duas vezes antes de recusar um pote de musse de chocolate). <u>Sabia que comer besteira é muito bom, mas faz mal.</u> Hoje como um brigadeiro aqui, um folheado ali, mas com moderação, ainda não é fácil resistir à gula, mas já decidi que quero pra minha alimentação o que ando procurando para as outras áreas da minha vida: <u>equilíbrio.</u></p>	<p><u>ovolactovegetarianos, que é a galera que consome apenas ovo, laticínios e vegetais. Quis mudar porque, além de esse grupo ter a vida mais longa com mais qualidade, existem vários idealismo no meio(o termo vegetariano vem da expressão <i>vegetus</i>, que significa forte, saudável).</u> Consultei meus pais, que se mostraram de acordo com a ideia. Depois, nada de regimes malucos. Fui a uma nutricionista especializada, que me orientou. Minha motivação <u>é saber que, cada vez que deixo de comer carne, preservo recursos naturais</u> que seriam utilizados para produzi-la (a economia de água chega a 90%, por exemplo). Além disso, <u>uma dieta vegetariana correta equilibra níveis de colesterol e evita certos tipos de doença.</u> Posso dizer com todo orgulho que sou 100% o que como e que, sim, a carne é fraca.</p>	<p>causa desses maus hábitos alimentares, <u>mas</u> não acredito que eu seria feliz se eu não comesse aquilo que tenho vontade na hora que dá na telha. Comer é uma das poucas atividades prazerosas que pratico todos os dias. Comer me faz feliz, nem que seja a meia hora que passo á mesa no almoço ou os 15 minutos na cantina perto do trabalho. Acho que minha sorte de não engordar com facilidade colabora com esse meu despeito com o que passa pelo meu esôfago. Se engordasse assim como as outras pessoas, eu tomaria mais cuidado. E seria uma gordinha triste também, não vou mentir. Sei que tenho que mudar, <u>mas</u>, quer saber: não vou ter que ter limitações de qualquer forma? Então deixarei para mudar quando eu realmente precisar. Estou bem assim. Querem pudim?</p>
<p>Nome: Ludmila Bello Idade: 15 anos Blog</p>	<p>Nome: Samia Pereira Idade: 16 anos Blog</p>	<p>Nome: Milena Araújo Idade: 20 anos Blog</p>
<p>LEIA+</p>		
<p>10. Capricho</p>		

Na configuração do *TDB*, o *savoir-faire* de composição textual pode ser apreendido por todos os elementos que compõem a exterioridade do texto das escreventes. Desse modo, o título da seção, a chamada da *Capricho*, as identificações de nome, idade e blog, a indicação de outros *blogs* para leituras e a numeração de página da seção. No que tange ao *savoir-faire* atrelado à construção gramatical, a dominância no uso da primeira pessoa (forma oculta do pronome *eu*), na organização textual das três escreventes, reforça o empreendimento do reconhecimento das normas formais que regem o contrato (falar sobre si, sobre suas experiências como modo de apresentação de um ponto de vista). O uso do pronome da primeira pessoa do singular realiza-se nesse espaço no qual proporciona o surgimento de várias possibilidades de subjetivação.

Em relação a cada *quadro-dizer*, chamo atenção para alguns aspectos formais (outros poderiam ser explicitados). No *quadro-dizer 1*, a progressão textual por meio de ideias contrárias se faz presente. Nesse sentido, o autor utiliza como estratégia para a coerência textual o conhecimento partilhado entre as adolescentes de que, por exemplo, comer compulsivamente e seguir dietas obsessivas são ideias que se opõem. É estabelecida a progressão na inclusão de elementos novos ao tema, por meio das ideias contrárias, que vão

estabelecendo relações de sentido com os conhecimentos de mundo dos leitores das revistas e com a construção do próprio texto.

No *quadro-dizer 2*, a estratégia de introdução da explicação, ora por aposto ora por orações explicativas, é recorrente. As ideias do autor são sustentadas, então, por elementos explicativos que visam elucidar certas noções. Nesse sentido, pressupõe-se que determinados saberes não fazem parte do conhecimento de muitos adolescentes e, por isso, a necessidade de explicação como estratégia formal de negociação dos sentidos. No *quadro-dizer 3*, o uso duplo do operador argumentativo *mas* aponta a mudança de direção do sentido, por meio do qual se estabelece a fórmula “eu sei... mas...”. Essas breves constatações se articulam com o *savoir-faire* lexical do dizer adolescente que as escreventes dominam.

A descrição que empreendi sobre o contrato de comunicação no *Tudo de blog* incide sobre uma problemática: a do *gênero discursivo*. Apontarei, então, algumas nuances dessa problemática na tentativa de elucidar o pertencimento da seção a um gênero.

3.2 TUDO DE BLOG: AS PROBLEMÁTICAS DE UM GÊNERO

No capítulo anterior, tracei um caminho que permitiu compreender as problemáticas que a noção de *gênero social* incide sobre este trabalho. Neste espaço, trilharei um percurso que permitirá compreender as problemáticas de classificar o *Tudo de blog* como um *gênero discursivo*. Faço essa ressalva para que possa ficar claro que, nos estudos da linguagem, há um duplo problema de *gênero*: um que está relacionado às relações entre homens e mulheres na sociedade – gênero social, e outro que está relacionado à função textual – gênero textual ou discursivo.

Atentar para a problemática do gênero discursivo, no que tange a este trabalho, significa compreender a função do dispositivo quanto à sua finalidade comunicativa na prática social adolescente. O exercício de compreensão da seção que realizei até o momento é, sem dúvida, um exercício de delimitações do gênero, já que serviu, sobretudo, para mostrar que o que é levado em conta “para definir esta noção diz respeito, ora a *ancoragem social* do discurso, ora a sua *natureza comunicacional*, ora as *atividades languageiras* construídas, ora as *características formais* dos textos produzidos” (CHARAUDEAU, 2004, p. 15).

Apresentei, nesse percurso, o modo como o dispositivo *Tudo de Blog* constrói uma comunidade discursiva na qual os parceiros da troca se relacionam tendo como base três

memórias: uma *memória dos discursos*, construídas por meio dos saberes de crença e conhecimento do mundo; uma *memória das situações de comunicação*, enquanto dispositivo que normatiza as trocas comunicativas; e uma *memória das formas do signo* que serve para compreender a maneira de dizer dos sujeitos. Isso se deve ao fato de que, em AD, a categoria gênero do discurso “é mais comumente definida a partir de critérios situacionais: ela designa, de fato, dispositivos de comunicação sócio-historicamente definidos e elaborados” (MAINGUENEAU, 2004, p. 45). Na articulação desses níveis, recobrem-se as diferentes maneiras de dizer do objeto tematizado pela revista por meio das restrições discursivas e formais.

Essas diferentes maneiras de dizer o objeto constituem a seção em análise e, considerados em sua totalidade, atribuem uma funcionalidade ao gênero. Tenho defendido que o *tudo de blog* apresenta, por meio da escrita sobre si, da experiência de vida e, por consequência, da intimidade adolescente, um texto que se vale de um *efeito intimista* para apresentar os pontos de vista adolescentes sobre determinados temas. Esse posicionamento, no entanto, difere da proposta da própria revista, embora não se afaste dela por completo, que compreende a seção apenas como apresentação de comentários sobre o tema.

Em sua empreitada sobre a análise dos discursos da mídia, Charaudeau (2006) apresenta as nuances sobre o ato de comentar e o ato de opinar sobre os acontecimentos midiáticos. Retomo algumas de suas posições, pensando-as no funcionamento específico do *Tudo de Blog*. Nesse sentido, para o autor (2006, p. 175), comentar o mundo “constitui uma atividade discursiva, complementar ao relato, que consiste em exercer suas faculdades de raciocínio para analisar o porquê e o como dos seres que se acham no mundo e dos fatos que aí se produzem”. Em contrapartida, “a opinião pertence ao vasto domínio do crer, isto é, ao que não está em relação direta com a ação, mas com o imaginário de saber no qual o sujeito pode exercer seu julgamento” (CHARAUDEAU, 2006, p. 120). O crer, por sua vez, “se define numa relação do sujeito ao saber.

Em diálogo com essas posições, para que o comentário tome forma é preciso manter sua ligação intrínseca com o relato de *fatos* que, por seu turno, têm relação com “o comportamento dos indivíduos e com as ações que estes empreendem” e com “as forças da natureza que modificam o estado do mundo” (CHARAUDEAU, 2006, p. 152).

Essa perspectiva é, sobretudo, plausível, ao se refletir sobre a relação entre a *Capricho* e as escreventes. Nesse sentido, a *Capricho* relata um fato (por exemplo, “uso de drogas na adolescência” – ver fig. 3, p. 64) e as escreventes comentam o fato narrando suas experiências e argumentando conforme a sua visão de mundo. Esses comentários, ao serem selecionados e

agrupados, em uma seção com uma temática específica, se apresentam num espaço de dizer que funciona como um espaço que permite que as adolescentes compartilhem seus pontos de vista com os leitores.

Considerar o *Tudo de Blog* como uma seção que permite que as adolescentes defendam suas ideias acerca do tema proposto pela revista é colocar em questão que na relação entre a instância de produção (*Capricho e* escreventes) e a instância de recepção (leitores) incide uma *visée* persuasiva, minimizada pelo *efeito intimista* do gesto de contar sobre si, sobre sua experiência. Colocar isso em tensão significa associá-lo ao mundo de crenças que envolvem os parceiros da troca e que permitem que se construa uma rede lógica de verossimilhança a respeito de um saber. Trata-se, nesse aspecto, de uma adesão ou rejeição a um ponto de vista que mostra “um julgamento hipotético a respeito de uma posição favorável/desfavorável” (CHARAUDEAU, 2006, p. 122).

Não objetivo cessar a discussão, contudo, inclino-me, no capítulo que segue, a desvelar esse horizonte por meio da investida teórica de compreensão do lugar da argumentação nos estudos do discurso, através da leitura dos dados selecionados. Vale adiantar que sigo as trilhas de Amossy (2010) ao compreender que todo discurso orienta as maneiras de ver e pensar, refletindo, desse modo, sobre a *visée* persuasiva engendrada na seção.



**ARGUMENTAÇÃO, *LOGOS* E *PATHOS*:
OLHARES PARA O *ETHOS* ADOLESCENTE**

4 ARGUMENTAÇÃO, LOGOS E PATHOS: OLHARES PARA O ETHOS ADOLESCENTE

As discussões apontadas nos capítulos anteriores foram empreendidas para que fosse possível analisar melhor as imagens de si e do outro construídas no *quadro-dizer* das adolescentes que escrevem para a seção *Tudo de Blog*. Neste capítulo, então, analiso essas imagens, buscando evidenciar, por meio das marcas deixadas na materialidade textual, as representações e os estereótipos que são recuperados na enunciação adolescente. Essa atenção se dá devido ao meu interesse em compreender quais imagens de si as escreventes constroem e em perceber a articulação dessas imagens com a construção coletiva da imagem da adolescência feminina na *Capricho*. Busco perceber, desse modo, a recorrência de determinadas imagens associadas à adolescência e à construção da feminilidade que permeiam os dizeres adolescentes e permitem a reiteração de certos sentidos de mulher.

Nesse sentido, será possível observar, neste capítulo, que, ao contar sobre si, as adolescentes se valem de estratégias que produzem um *efeito intimista* que escamoteia a finalidade persuasiva e, por consequência, a orientação argumentativa dos textos e da seção. Essa perspectiva permite elucidar que a argumentação faz parte do funcionamento de todo discurso, tal como postula Amossy (2010). Nas palavras da autora (2007, p. 122), “na medida em que a análise do discurso espera descrever o funcionamento do discurso em situação, ela não pode evitar sua dimensão argumentativa”.

O ato de argumentar, então, pode ser considerado como uma defesa de um ponto de vista que visa a uma ação ou mesmo a influenciar um olhar sobre determinado objeto. Ele busca, desse modo, por meio de uma construção verossímil, atingir um público específico do qual se deseja a adesão a uma ideia. Nesse sentido, a argumentação, ainda que sob uma relação *monogal*, é resultado de um jogo de interação entre os sujeitos. Compreendo, nas trilhas de Amossy (2010, p. 34), que nas trocas verbais realizadas pelos parceiros no *Tudo de Blog* “a linguagem é utilizada pelos sujeitos falantes de modo a influenciar seus parceiros que seja para sugerir maneiras de ver, fazer aderir a uma posição ou gerir um conflito”.

É de acordo com o pensamento da autora que este capítulo se sustenta como uma possibilidade de olhar para o jogo e as estratégias argumentativas que se dão no *Tudo de Blog*. Apontarei, então, algumas estratégias encontradas na seção que contribuem para compreendê-la como uma seção que, por meio de um efeito intimista, leva o leitor a compartilhar o posicionamento das *tudodebloguetes*. Nesse sentido, argumentar põe em cena os pontos de

vistas dos sujeitos envolvidos na troca, permitindo que seja possível a adesão a esse ponto de vista. É preciso, então, que nessa troca sejam partilhados saberes de crenças e conhecimentos que permitam a efetivação de um *fazer crer*.

Vale ressaltar que o modo como as escreventes defendem seu ponto de vista diante do objeto tematizado pela *Capricho* é um constructo de uma rede de verossimilhança por meio do qual se quer atingir a instância de recepção: os leitores. Esse jogo tem como base a construção das imagens das adolescentes em sua articulação com os efeitos de emoção e as escolhas realizadas para construir os enunciados.

Nesse investimento, tomo como direcionamento que compreender a relação da tríade *ethos, logos e pathos* como base da argumentação é perceber que esta funciona numa perspectiva tridimensional (LIMA, 2006). A incursão no campo argumentativo se dá, principalmente, pelo viés da análise do *ethos*, noção fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, assim como pelas relações estabelecidas entre essa prova e o *pathos* e o *logos*, o que me possibilitará compreender o funcionamento argumentativo do discurso no *Tudo de Blog*. A escolha dessa perspectiva, aliada ao empreendimento analítico da Teoria Semiolinguística, tem como motivação a possibilidade de melhor analisar as estratégias e manobras dos sujeitos quando tomam a palavra no *Tudo de Blog*.

4.1 O OLHAR PARA O CORPUS

Antes dessa empreitada é preciso tecer considerações sobre o modo como se deu o olhar para o *corpus* e a seleção que permitiu com que se chegasse ao conjunto de textos analisados. Foi necessário, então, um recorte, visto que havia, ao longo dos anos 2006-2009, um número significativo de revistas: no total de 92, das quais 49 possuíam a seção. Vale salientar que não tive acesso a todas as revistas do período, devido, sobretudo, à dificuldade de encontrar no mercado as edições dos anos de 2006 e 2007, aliado ao fato de a editora não disponibilizar esse material. No entanto, foi possível acessar o material escrito da revista, através do canal de assinante, mas esse dado não foi levado em consideração na análise, visto que a constituição do *corpus* se deu por meio do acesso à revista impressa. Desse modo, nesse período, tive acesso a 68 revistas. Para não encerrar o olhar em um único período anual e, com isso, perder as transformações ocorridas ao longo dos anos, optei por recortar o material tendo como base o período de vigência da seção.

Dessa maneira, ao me debruçar sobre o material coletado, realizei um primeiro recorte, compreendendo o período de doze meses entre agosto³⁶ e julho de cada biênio (2006/2007 – 2007/2008 – 2008/2009)³⁷. Esse critério permitiu observar a dinâmica de funcionamento da seção de modo mais claro e eficaz, visto que o *layout* da seção mudou anualmente, exceto no ano de 2009/2010. Dentro do período anual, submeti o *corpus* a um recorte trimestral, assim representado jun-set/out-dez/jan-mar/abr-jun. O recorte se justifica porque permite observar o funcionamento da seção com a maior imparcialidade possível na escolha dos dados coletados, fato que permite a análise de todo e qualquer tema abordado na seção. Ele foi realizado para que, em períodos curtos, houvesse a seleção de 1 revista como representante do período. Assim, a cada período de um ano, 4 revistas foram submetidas à análise, totalizando 12 periódicos, fato que representa aproximadamente 30% de todo o material coletado.

Tendo em vista que a cada período anual têm-se, aproximadamente, 26 revistas publicadas e, dentro do trimestre, aproximadamente, 7 revistas, para que fosse possível chegar efetivamente ao *corpus*, utilizei os seguintes critérios: i. no período 2006/2007, no primeiro e segundo trimestre, foram selecionadas as 2 revistas às quais tive acesso; no terceiro trimestre, houve a seleção de 1 edição especial da revista e, no quarto trimestre, 1 revista que apresentou a primeira mudança de *layout*. Esse período anual foi submetido a critérios particulares, devido à dificuldade de acesso a um maior número de revistas; ii. nos anos de 2007 a 2009, as seções *Tudo de blog* foram selecionadas com base nos temas mais recorrentes: os temas que mais aparecem no *corpus* são “alimentação”, “aparência física”, “moda” e “amor”, tangenciando esses temas aparecem ainda assuntos sobre “drogas”, “escola”, “amizade” e “religião”.

Após o levantamento dos temas, selecionei os textos de análise de acordo com as seguintes categorias: *gênero* - a seção que apresentasse um homem como escrevente foi selecionada, para que fosse possível analisar a discursivização em torno da imagem masculina no que tange ao universo discursivo da adolescência feminina; *geração* - a seção que apresentasse mulheres acima de 18 anos foi selecionada. Esse critério, a meu ver, permitiria compreender o imaginário construído em torno de uma possível “adolescência prolongada”, visto que aparece no *corpus* adolescentes acima de 18 anos; e *raça/etnia*: a seção que apresentasse a foto de uma mulher negra como autora foi selecionada. Adotei esse critério, já

³⁶ O recorte foi iniciado em agosto, pois foi nesse mês que surgiu a seção.

³⁷ A seção foi encerrada em janeiro de 2010, por isso o recorte se estendeu apenas a 2009.

que, na análise, a questão raça/etnia poderia se apresentar como uma categoria importante para se pensar a questão de gênero social.

Esses recortes foram imprescindíveis para que fosse possível chegar aos conjuntos de textos que entrariam para a análise. Desse modo, a seleção temática permitiu engendrar uma grande área, a saber: *o cuidado de si* que se dá em torno da normatização da beleza feminina. Além disso, foi selecionada uma seção que tangencia o discurso da beleza e revela os papéis sociais dos homens e das mulheres. Vale ressaltar, por fim, que as fotos das adolescentes não foram postas em análise devido à problemática dos Direitos Autorais que não são liberados pela revista. Essa escolha foi necessária para evitar possíveis complicações futuras. Desse modo, as análises apresentadas se pautaram apenas nos textos retirados da seção.

4.2 O OLHAR SOBRE O *ETHOS*: UMA NOÇÃO

Em um ponto de vista retórico, tendo como foco a perspectiva aristotélica, o *ethos* é uma das provas mais importantes que o orador pode utilizar para persuadir o auditório. Aliado ao *ethos*, Aristóteles propõe ainda o *pathos* e o *logos* como provas necessárias à argumentação.

O *pathos* é entendido, em Aristóteles, como o conjunto de emoções, paixões e sentimentos despertados no auditório através do discurso do orador. O *logos* diz respeito ao discurso, aos argumentos propriamente ditos utilizados na elocução; seria então a parte lógica, racional da atividade persuasiva. O *ethos*, por sua vez, é “a imagem de si que o orador constrói em seu discurso para contribuir à eficácia de seu dizer” (AMOSSY, 2010, p. 61). “A retórica se concentra, portanto, sobre o si (*ethos*), sobre um tema (*logos*), portanto, sobre a resposta apropriada, e sobre os outros, isto é o auditório (*pathos*)”³⁸, afirma Meyer (2009, p. 2).

Dentre essas provas, o *ethos* é considerado por Aristóteles como o meio mais importante de persuasão. Conforme aponta Amossy (2010, p. 61), “a importância atribuída à pessoa do orador na argumentação é um ponto essencial nas retóricas antigas”³⁹. Nesse

³⁸ Minha tradução do francês: “La rhétorique porte donc sur le soi (*ethos*), sur une question (*logos*), donc la réponse à y apporter, et sur les autres, c’est-à-dire l’auditoire (*pathos*)” (MEYER, 2009, p. 2).

³⁹ Minha tradução do francês: “L’importance attribuée à la personne de l’orateur dans l’argumentation est un point essentiel des réthoriques antiques” (AMOSSY, 2010, p. 60).

sentido, a retomada dos estudos retóricos pelas Ciências Sociais e Humanas⁴⁰, sobretudo nos estudos do discurso, teve sua entrada pela via do *ethos*. Para o que interessa a este trabalho, a perspectiva discursiva do *ethos*, vale considerar que a apropriação dessa noção pelos estudos da linguagem, em meados dos anos de 1980, teve como principais expoentes os teóricos Ducrot e Maingueneau.

Retomar uma teoria herdada da Antiguidade Clássica sob a ótica contemporânea, não seria possível sem antes adequá-la considerando seus devidos ajustes. Ao reelaborar a noção de *ethos* inserindo-a no quadro da Análise do Discurso, Maingueneau (1997) aponta dois deslocamentos necessários para que tal noção seja devidamente inserida nas propostas da teoria. O primeiro deslocamento diz respeito aos efeitos que o orador deseja produzir sobre seu auditório. Para Maingueneau (1997, p. 45), esses efeitos são atributos das formações discursivas, e não do sujeito em si. O segundo deslocamento é que para a obtenção do *ethos*, na perspectiva da Análise do Discurso francesa, “é preciso recorrer a uma concepção de *ethos* que não seja transversal à oposição entre o oral e o escrito⁴¹” (MAINGUENEAU, 1997, p. 46).

Nesse sentido, os estudos discursivos têm desenvolvido, entre outras noções, a noção de *ethos* tomando como base o pensamento aristotélico ao afirmar que o *ethos* é a construção de uma imagem de si no discurso. Assim, dentro do arcabouço teórico da AD, o estudo do *ethos* postula que no discurso os enunciadores que estão envolvidos no processo enunciativo constroem a sua imagem, a partir de uma relação interativa com os co-enunciadores. Segundo Amossy (2005, p. 9), “todo ato de tomar a palavra implica uma construção de uma imagem de si”. Não é necessário que o enunciador, ao construir seu *ethos* no discurso, fale explicitamente das suas qualidades ou defeitos, seus gostos, pois, no discurso, já são lançadas pistas que permitirão ao co-enunciador construir a imagem do enunciador.

Dessa maneira, é preciso compreender que toda vez que o sujeito toma a palavra é construída uma imagem de si e do outro. O *ethos* é, então, “a imagem que o locutor projeta dele mesmo em seu discurso tal como ela se inscreve na enunciação mais do que no enunciado, e como ele retrabalha os dados pré-discursivos⁴²” (AMOSSY, 2010, p. 70). Essa proposta da autora (2005, 2010) para compreender a noção é basilar, já que permite entender

⁴⁰ É possível compreender esse gesto nas palavras de Pauliukonis (2008, p. 60). A autora afirma que as categorias da retórica “reapareceram recentemente, principalmente com o desenvolvimento dos estudos relativos à argumentação. A noção de *ethos* foi, então, retomada e redefinida por alguns pesquisadores da análise do discurso”.

⁴¹ Na retórica, o *ethos* era concebido apenas através dos textos orais.

⁴² Minha tradução do francês: “L’image que le locuteur projette de lui-même dans son discours telle qu’elle s’inscrit dans l’enunciation plus encore que dans l’énoncé, et la façon dont il retravaille les données prédiscursives” (AMOSSY, 2010, p. 70)

“como o discurso construiu um *ethos* baseado em dados pré-discursivos diversos” (AMOSSY, 2010, p. 69)⁴³. Desse modo, “a imagem elaborada pelo locutor se apoia sobre elementos preexistentes, como a ideia que o público faz do locutor antes de sua tomada de palavra, ou a autoridade que lhe conferem sua posição e seu estatuto” (AMOSSY, 2010, p. 69).

No desenvolvimento de sua perspectiva, a autora propõe, em diálogo com a retórica, os trabalhos de Maingueneau, bem como da sociologia. Isso implica pensar o *ethos* não somente como uma atividade puramente linguageira, ou seja, considerando não apenas o caráter linguístico pelo qual o enunciador constrói a imagem de si, como também atrelado à posição social do sujeito. Desse modo, a imagem prévia do orador bem como a imagem que ele constrói no discurso possuem igual importância em uma tomada de palavra que vise à persuasão. Com isso, a perspectiva do *ethos* extrapola o funcionamento interno da enunciação, ela está associada à ordem simbólica da sociedade, ao modo como a sociedade compreende as trocas simbólicas e como os sujeitos se inscrevem nela. Com isso, conforme Amossy (2010, p. 70), a imagem construída pelo sujeito em seu discurso se apóia na ideia que o público faz do locutor antes que ele tome a palavra. No seu entender:

O *ethos* prévio se elabora sobre a base do papel que o orador ocupa no espaço social (suas funções institucionais, seu estatuto e seu poder), mas também sobre a base da representação coletiva ou do estereótipo que circula sobre sua pessoa. Ele precede a tomada de palavra e a condiciona parcialmente. Ao mesmo tempo, deixa no discurso traços tangíveis que são recuperados tanto pelas marcas linguísticas quanto pela situação de enunciação que constitui a troca⁴⁴.

É preciso compreender, nessa perspectiva, que o *ethos* na análise da argumentação no discurso é constituído por um gesto duplo de caracterização, por um lado, é possível caracterizá-lo em um nível discursivo, conhecido como *ethos discursivo*, e, por outro lado, em um nível pré-discursivo⁴⁵, conhecido como *ethos prévio*. Nesse aspecto, o papel do outro – do orador, do público – é fundamental nesse processo, pois é também com base nas imagens que o público construiu previamente sobre o sujeito que a construção da imagem de si do orador irá se basear para que a influência sobre o outro seja eficaz.

⁴³ Minha tradução do francês: “Comment le discours construit un *ethos* em se fondant sur des données prédiscursives diverses” (AMOSSY, 2010, p. 69)

⁴⁴ Minha tradução do francês: “L’*ethos* préalable s’elabore sur la base du rôle que remplit l’orateur dans l’espace social (ses fonctions institutionnelles, son statut et son pouvoir), mais aussi sur la base de la représentation collective ou du stéréotype qui circule sur sa personne. Il précède la prise de parole et la conditionne partiellement. En même temps, il laisse dans le discours des traces tangibles qui sont repérables tantôt dans des marques linguistique, tantôt dans la situation d’enonciation qui est au fondement de l’échange”.

⁴⁵ Vale ressaltar nesse e que pré-discursivo compreende um momento anterior à enunciação e não a algo que está fora do discurso.

A discussão sobre os aspectos discursivo e prévio do *ethos* também foi fomentada por Maingueneau (2005). Para tal empreendimento, o autor propõe um esquema que, ao relacionar os dois aspectos do *ethos*, constitui o *ethos efetivo* e tem como base do esquema os estereótipos. Nesse direcionamento, para que a construção do *ethos* do enunciador se efetive, o *ethos* prévio interage com o *ethos* discursivo. Este último, por sua vez, se desdobra em mais dois aspectos, a saber: o *ethos* dito, no qual o enunciador apresenta de modo explícito as suas características, e o *ethos* mostrado, no qual o enunciador, ao invés de afirmar com clareza, deixa marcas recuperáveis na enunciação. A análise dessas marcas é imprescindível na interpretação do *ethos* e engendra no discurso a dimensão do *logos*.

Considerar essa dupla face do *ethos* coloca em cena a influência que os parceiros da troca exercem um sobre o outro. Sobre esse aspecto, vale ressaltar, como aponta Charaudeau (2008, p. 115), que “o *ethos* enquanto imagem que se liga àquele que fala, não é uma propriedade exclusiva dele; ele é antes de tudo a imagem de que se transverte o interlocutor a partir daquilo que diz”. Essa noção relaciona-se, prossegue o autor (2008, p. 115), “ao cruzamento de olhares: olhar do outro sobre aquele que fala, olhar daquele que fala sobre a maneira como ele pensa que o outro o vê”.

Numa contribuição semiolinguística, refletir sobre a questão do *ethos* prévio se relaciona com a maneira pelo qual “o sujeito mostra-se com sua identidade social de locutor” (CHARAUDEAU, 2008, p. 115). Desse modo, ainda nas palavras do autor (2008, p. 115), é “a identidade social do sujeito que lhe dá direito à palavra e que funda a sua legitimidade de ser comunicante em função do estatuto e do papel que lhe são atribuídos pela situação de comunicação”. Retomando a questão do *TDB*, é a situação de comunicação, tal como explicitarei no capítulo anterior, que legitima o dizer das adolescentes e, ao serem escolhidas pela *Capricho* para discutir sobre os temas, a identidade social desses sujeitos, enquanto adolescentes colunistas da revista, legitima seu direito à palavra, influenciando no que pode e deve ser dito na seção e nas imagens de si construídas pelas adolescentes.

Nesse sentido, na construção da imagem de si, são tomados como referência o estatuto dos sujeitos e ainda a sua posição social. Essas imagens que o público constrói se apoiam em certas representações sociais que circulam no imaginário. Sobre essa questão, assumo a perspectiva de Lima (2006), ao considerar

O termo “representação social” como relativo aos conhecimentos, às crenças, aos valores que possuímos acerca dos seres e objetos. Tais representações são formadas ao longo da vida e estão relacionadas com o local em que vivemos, com as pessoas com as quais convivemos, enfim, com tudo que nos circunda. Elas possuem um caráter abrangente, uma vez que dizem respeito a questões relacionadas ao social, ao

cultural e, sobretudo, ao psicológico, pois são mobilizadas por um processo cognitivo. Em relação aos “imaginários” adotarei a posição de Patrick Charaudeau, que afirma serem eles relativos ao conjunto das representações que um grupo social ou um indivíduo constrói sobre o mundo (LIMA, 2006, p. 141)

O *ethos*, então, se relaciona aos imaginários sociais e se nutre dos estereótipos de sua época. A noção de estereótipo é fundamental para essa questão, visto que é sobre ela que a construção de uma imagem de si se funda. Sobre a estereotipagem, vale pontuar que Amossy (2005, p. 125) a considera como uma “operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado”. Sendo assim, o *ethos* construído pelas adolescentes no *TDB* é nutrido pelos conhecimentos e crenças dos leitores sobre as adolescentes e mais especificamente, sobre as adolescentes que escrevem para a revista. No que tange ao *ethos* das escreventes, são os valores que circulam entre os leitores, os quais são recobertos pelo imaginário, que influenciam na construção de uma imagem (positiva) de si.

Uma questão que irrompe dessa relação do *ethos* com a percepção das representações sociais é a possibilidade de compreender a construção de imagens não apenas ligada a sujeitos individuais, mas também ampliar a noção de *ethos* e pensá-lo numa abrangência coletiva. É, nesse sentido, que se pode afirmar que existe um *ethos* da adolescência feminina. Adoto, então, a perspectiva de Charaudeau (2008, p. 117), ao afirmar que “na medida em que o *ethos* está relacionado à percepção das representações sociais que tendem a essencializar essa visão, ele pode dizer respeito tanto a indivíduos quanto a grupos”.

Para o autor (2008), os indivíduos do grupo partilham com os outros indivíduos desse mesmo grupo caracteres similares, que, quando vistos de fora, causam a impressão de que esse grupo representa uma entidade homogênea. Com base nessa afirmação, é possível entender que os sujeitos adolescentes consumidores da *Capricho* partilham entre si modos, estilos, costumes semelhantes que configuram a ilusão de uma homogeneidade da adolescência feminina e, por sua vez, interditam outros dizeres sobre a mulher na adolescência. Na esteira dessa discussão, Kerbrat-Orecchioni (2010) caracteriza dois tipos de *ethé*. O primeiro ligado ao indivíduo que, ao tomar a palavra, será levado a interagir com outros indivíduos, e o segundo ligado a uma coleção de indivíduos que partilham das mesmas normas comunicativas. Sobre essas características, a autora afirma que:

A diferença não é, contudo, tão radical, já que, por um lado, o *ethos* individual se ancora no *ethos* coletivo (o orador deve se valer de um estoque de valores partilhados para que “a coisa funcione”), e, por outro lado, o *ethos* coletivo só é apreensível através dos comportamentos individuais nos quais ele vem se encarnar (são os indivíduos que, pelo seu comportamento, confirmam e consolidam os

valores coletivos) [...] Assim, os dois empregos do termo *ethos* correspondem a um fenômeno de polissemia e não de homonímia: nos dois casos, o termo remete a certas qualidades abstratas dos sujeitos sociais, as quais manifestam concretamente em seus comportamentos discursivos (os atores interiorizam certos “valores”, que vão ficar em sua maneira de se conduzirem na interação) (KERBRAT-ORECCHIONI, 2010, p. 119).

A caracterização da autora permite refletir sobre o modo como o *ethos* individual incide sobre o *ethos* coletivo e vice-versa. No *TDB* e, por consequência, na *Capricho*, o *ethos* construído pelas adolescentes se vale dos valores que circundam o *ethos* da adolescência feminina no imaginário da revista que, por sua vez, é apreendido pelo comportamento similar das adolescentes que validam e partilham de certos valores. Ainda sobre a fala da autora, vale ressaltar o caráter polissêmico do termo *ethos*. Kerbrat-Orecchioni (2010) se vale da caracterização do *ethos* discursivo e individual, mas vale ampliar essa discussão e pensá-la no “*ethos* em todos os seus estados”, tal como propõe a autora no título do trabalho.

Nessa perspectiva, é importante compreender que a construção, assim como a interpretação do *ethos*, relaciona-se a uma problemática discursiva na qual podem ser recuperados diferentes modos de apreensão do *ethos*, devido ao caráter polissêmico que o termo adquiriu. Ressaltei a importância do *ethos* para a construção do *ethos discursivo prévio* (quer seja ele *dito* ou *ethos mostrado*), bem como ressalto a importância do *ethos coletivo*.

Refletir sobre a polissemia do *ethos* e sua importância para análise argumentativa requer ainda compreendê-lo em sua relação com o *pathos* e o *logos*. Nesse sentido, o que é “preciso reter inicialmente aqui é o fato de que o *logos* convence *em si* e *por si mesmo*, independentemente da situação de comunicação concreta”, afirma Eggs (2005, p. 41). Ao contrário, continua o autor, “o *ethos* e o *pathos* estão sempre ligados à problemática específica de uma situação e, sobretudo, aos indivíduos concretos nela implicados” (EGGS, 2005, p. 41). As dimensões argumentativas do *logos* e do *pathos* relacionam-se de modo direto com o *ethos*, pois na construção da imagem de si o sujeito põe em cena essas dimensões.

Recorrer à dimensão do *logos* na análise da argumentação implica compreender a estrutura linguístico-discursiva do discurso *em si* e todos os seus componentes (GALLINARI, 2011). Nesse sentido, ao apresentar um ponto de vista, o sujeito se vale dos mecanismos de estrutura da língua para persuadir. Por outro lado, “os recursos de patemização” (LIMA, 2006) são igualmente fundamentais para a eficácia da persuasão e aliados ao *ethos* e ao *logos* são indispensáveis para a eficácia argumentativa.

Acredito que tais recursos são extremamente importantes e, talvez, até mesmo fundamentais no processo de persuasão desencadeado pelos sujeitos em seus discursos

produzidos no *TDB*, uma vez que, aliados à construção de imagens e à apresentação das provas demonstrativas, podem mobilizar o leitor de modo mais eficaz. Retomo essas questões na apresentação da análise dos dados. Antes, porém, gostaria de explicitar o caráter argumentativo da seção.

4.3 O EFEITO INTIMISTA DO MODO DE ORGANIZAÇÃO NARRATIVO E O CARÁTER ARGUMENTATIVO DO *TDB*

Apontei no capítulo anterior o caráter intimista do *TDB* na tentativa de compreender como a escrita sobre si, associada à questão da experiência feminina, revela elementos importantes na construção do *ethos*. Esse percurso foi importante para entender que, embora as escreventes utilizem uma escrita de si e, com isso, se valham, principalmente, do modo de organização narrativo para emitirem suas posições sobre o tema, a intimidade seria um efeito discursivo que escamoteia a *visée* persuasiva do texto. O discurso intimista apresenta-se, então, como um efeito de sentido. Ou seja, a apresentação da opinião no *TDB* apresenta-se como um efeito intimista que permite que as adolescentes compartilhem seus pontos de vista sobre este ou aquele assunto na tentativa de persuadir os leitores sobre a sua posição frente à defesa de uma ideia.

Nesse sentido, falar sobre sua vida, seu dia-a-dia, seus gostos, narrar sua experiência, ao escrever sobre um tema na seção, é uma estratégia que permite que as escreventes, valendo-se da apresentação de suas experiências de vida, conduzam os leitores a compartilhar do ponto de vista que elas defendem no seu *quadro-dizer* na seção. Há, então, uma construção própria do modo de organização narrativo que cria esse efeito intimista com o objetivo de persuadir, levando os leitores a aceitar a posição das escreventes diante do tema.

Esse posicionamento traz a tona o caráter argumentativo de todo funcionamento discursivo. A diferenciação proposta por Amossy (2010) entre uma *visée* argumentativa e uma dimensão argumentativa se faz necessária nessa abordagem, visto que ela é produtiva para pensar o modo como a seção institui uma *visée* persuasiva. Para a autora, ainda que o ato de tomar a palavra nem sempre se destine a “conduzir um público a aprovar uma tese”, todo ato que não tenha “a intenção de convencer, acaba por exercer alguma influência, orientando as maneiras de ver e pensar” (AMOSSY, 2007, p. 123). Nessa incursão, é preciso compreender nas palavras de Lima (2006, p. 109) que “a simples transmissão de um ponto de vista sobre as

coisas, que não pretende mudar a opinião de alguém [*dimensão argumentativa*], não pode ser confundido com a empresa da persuasão, que revela uma intenção consciente e usa estratégias para alcançar seus objetivos [*visée argumentativa*]” (grifos meus).

No que tange ao *TDB*, as adolescentes, ao defenderem seu ponto de vista sobre o tema da seção, utilizam-se de estratégias para provar a validade do seu posicionamento. Vale ressaltar, entretanto, que, embora a seção não apresente um objetivo explícito de persuasão, sobretudo por se valer estrategicamente do modo de organização narrativo, defendo a possibilidade de pensá-la numa *visée persuasiva*, possuindo o desejo de levar o outro a aceitar a opinião e compartilhar dos pontos de vistas apresentados pelas escreventes. Considero, então, que os textos apresentados no *TDB* se valem da narração, a fim de criar um efeito intimista, porém eles não se restringem a textos intimistas; trata-se de textos que expressam um determinado posicionamento das escreventes, visando compartilhar determinado ponto de vista. É, com base nessa assertiva, que há, nos textos que compõem a seção, uma *visée persuasiva*, ainda que não seja explícita, como seria o caso de um artigo de opinião.

Esse posicionamento leva-me a compreender o grau de argumentatividade dos discursos. Nas palavras de Plantin (2008, p. 24), “deve-se caracterizar os discursos não como sendo ou não argumentativos, mas como o sendo mais ou menos”. Dessa maneira, não se podem opor tipos narrativos, descritivos e argumentativos pela simples razão de que, “num texto argumentativo, podem ser encontrados uma narração, uma descrição ou um retrato argumentativamente orientado no sentido de um ponto de vista, em oposição a outro ponto de vista”, afirma Plantin (2008, p. 24). É, nesse sentido, que considero a possibilidade da construção de um discurso argumentativo sobre uma narrativa de si, visto que o que está em jogo no contrato é a experiência de vida adolescente.

Essa explanação foi necessária para que fosse possível compreender como a intimidade revelada no *TDB*, enquanto efeito de discurso, pode ser uma estratégia argumentativa eficaz na construção das imagens das *tudodebloguetes*. Vale considerar, na esteira do pensamento de Amossy (2008, p. 232), que em cada *quadro-dizer* da seção há um situação de enunciação na qual se “realiza uma verbalização singular da tese ou do ponto de vista proposto ao auditório”. Torna-se importante, nesse momento, apresentar as imagens de si engendradas pelas escreventes em cada seção, sem esquecer, contudo, da articulação do *pathos* e do *logos* nessa construção e das estratégias argumentativas selecionadas.

4.4 TUDODEBLOGUETES (EN)CENA: A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS DE SI COM CAPRICHÓ

A minha atenção, nesse momento, volta-se para o *quadro-dizer* das escreventes no *TDB*, a fim de observar as imagens de si que são construídas nesses espaços. Nesse percurso, compreendo que é a experiência de vida, ou mesmo as práticas individuais do sujeito adolescente, que fazem emergir na enunciação um efeito intimista, pondo em evidência o fio da argumentação. São, no entanto, os domínios de competência dos sujeitos de linguagem, através da encenação do eu, que permitem que as *tudodebloguetes* performatizem as figurações de gênero e, assim, construam uma imagem de si.

4.4.1 A imagem adolescente e o cuidado de si: influências para o *ethos*

O assunto da beleza atravessa os indivíduos, levando a corporeidade a ocupar bastante espaço no debate midiático. É possível recuperar por meio das representações sociais em torno do feminino que os sentidos de beleza, no que tange à construção social dos sujeitos, afetam de modo diferenciado e contundente as imagens de mulher. Não se pode negar, nesse espaço, o papel que o funcionamento da mídia possui na consolidação e deslocamentos desses sentidos. A mídia funciona como um dispositivo pedagógico capaz de influenciar, transformar e construir comportamentos sobre os corpos e as práticas de beleza.

A *Capricho*, então, voltada ao público feminino adolescente, funciona, portanto, como um manual de comportamento no qual não se poderia deixar de abordar o tema da beleza. A construção do corpo feminino adolescente estampa a capa e as páginas da revista, abordando as diversas dimensões e características que constituem a normatização do corpo da mulher na adolescência. Nesse sentido, a dinâmica da beleza é atravessada e (re)significada por diversos gestos que circundam o universo adolescente.

Refiro-me com essa afirmação às inúmeras seções da revista que tratam de alimentação, saúde, moda, maquiagem, cabelo, estética, atividade física, as dicas de produto de beleza, as dicas de beleza das celebridades, bem como as matérias sobre plástica, os tipos de meninas que “fazem a cabeça dos meninos”, passando ainda pela construção de uma personalidade que possa modelar também a beleza interior feminina. Ao folhear a revista,

percebe-se que as seções sobre o tema funcionam como um gesto parafrástico por meio do qual se constrói uma homogeneidade de sentidos, uma não dispersão, impossibilitando outros sentidos de beleza.

No *TDB*, a recorrência a essa temática não poderia estar ausente, visto que a seção se centra sobre as narrativas de vida adolescente. Nesse sentido, explorar as experiências de vida feminina visa compartilhar um conhecimento baseado na verdade, na vida como ela é. Decorre dessa constatação, o caráter pedagógico da seção, contribuindo para a confirmação de que os *quadros-dizer* não apresentam simples comentários, como postula a revista, mas passam por um processo argumentativo no qual a *visée persuasiva* está presente. É a recorrente presença desse tema na revista que faz com que este assunto seja o primeiro gesto de análise da construção das imagens de si adolescente. Para tanto, recortei no *corpus* três seções que abordam os seguintes assuntos: *o belo*, *a alimentação* e *a moda*. Considero que, juntos, esses assuntos englobam o tema da beleza e, logo, são uma tentativa de normatização dos corpos femininos.

Wolf (1992) aponta como a imagem doméstica que circundou a imagem da mulher tem perdido o lugar para a imagem da beleza. Nas palavras da autora (1992, p. 12), “à medida que as mulheres se liberaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza invadiu esse terreno perdido, expandindo-se enquanto a mística definhava, para assumir sua tarefa de controle social”. A afirmação da autora permite entender o modo como a imagem da beleza atribuída às mulheres constrói um ideal de beleza inesgotável, interpelando-as fortemente. Nesse construto, a naturalização da beleza feminina é resultado, pois, de um empreendimento cultural. Beleza, então, não tem nada de natural.

Nesse sentido, o ser belo depende das demandas sócio-históricas de uma época e de um grupo social. Ser belo, aos moldes de uma sociedade, viabiliza a aceitação social dos sujeitos. A estética do belo tangencia os moldes da feiúra, já que ser feio exclui socialmente os sujeitos. Para Vilhena (2006, p. 24), “a estética do belo se impõe como forma e fôrma, e o que é belo pode vir a ser feio. Da mesma maneira, o belo pode instituir um padrão de feiúra. No fundo, vivemos no fio de uma navalha, fio este que tenuamente separa feiúra e beleza”. Na tentativa de compreender qual a estética do belo que tangencia a feiúra no imaginário adolescente da *Capricho* e influencia a construção de uma imagem de si recortei para análise dois *quadros-dizer*. Vale ressaltar que os temas recortados aparecem na discussão fomentada pelas próprias *blogueiras*.

<i>Tudo de Blog</i>	
Patinha Feia. Elas já se sentiram mal na própria pele.	
Aquele desespero Não existe um dia em que me senti mais <u>feia</u> na vida. São vários! Dias <u>horríveis</u> em que nada <u>presta</u> , nem a vida, nem o espelho. Meu cabelo está <u>horrível</u> , a pele um <u>desastre</u> , a barriga pendurada na altura da canela (e o piercing do umbigo se perde em meio a tanta gordura). <u>Questões filosóficas surgem: por que não tenho barriga de modelo? Por que meus braços não são firmes? Por que as coxas têm 75cm de diâmetro?</u> No ápice do desespero, penso em academia. Mas logo desisto. Demoraria demais para ficar com <u>corpo capa-da-bóia-forma</u> . O jeito é me aceitar como sou e esperar que alguém goste de mim assim. Nesses dias, não quero sair em público. O mundo é bonito e eu não. Ninguém vai me querer e eu vou ter de morar com meus pais até os 48 anos. Um casamento com o primeiro que aparecer. Não, a vida não é justa comigo nesses dias.	Feiúra também é interior Confesso que já reclamei por ter sardas, por não ser loira, por não ser exatamente bonita. Já fui em salão pensando que queria resolver minha vida. <u>Às vezes, a maior feiúra que a gente sente não é física</u> . O dia em que me senti mais feia não foi quando tive a primeira espinha ou caí de bicicleta e ganhei um corte no queixo. Senti-me feia quando fiz uma pessoa chorar. Brigamos, falamos coisas ruins e me senti um lixo completo. Feia por dentro. Mas passou. Estamos bem. Aprendi a usar maquiagem sentimental para disfarçar imperfeições da alma.
Nome: Ana Luiza Ribeiro Idade: 18 anos	Nome: Chaiane Bublitz Idade: 16 anos

Quadro-dizer 2: Seção Tudo de Blog da edição 1027 da revista Capricho

Os modos de dizer, ou melhor, de falar sobre si, são indícios importantes na construção de uma imagem de si. Nesse gesto de escrita, os sujeitos se valem de estereótipos que circulam em nossa sociedade, pautados em determinados imaginários. Nesse sentido, “o orador adapta sua apresentação de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público” (AMOSSY, 2005, p. 126).

Com base nessa afirmação, a enunciadora 1 se vale de representações positivas da beleza inatingível para construir uma imagem de si associada a uma adolescente que não é feia, mas possui seus dias de sentir-se feia. Sobre esse *quadro dizer*, vale chamara a atenção para o uso das adjetivações no projeto argumentativo da adolescente. Na perspectiva argumentativa, conforme apresenta Amossy (2010), as escolhas dos itens lexicais sustentam os efeitos de sentido produzidos na construção de uma imagem de si. Desse modo, a seleção dos índices de avaliação negativos sublinhados no *quadro-dizer 1* é um recurso que tem como finalidade exaltar as qualidades e características negativas que estão associadas à feiúra, o que pode ser caracterizado como um dispositivo que busca persuadir os leitores de que ser feio não é bom, que é preciso preocupar-se com a beleza para que não se tenha dias horríveis, cabelo horrível, pele um desastre e a “barriga pendurada na altura da canela”, conforme apontou a escrevente.

Chamo atenção ainda para a significação do item lexical “barriga”. O uso da hipérbole é um elemento expressivo que desenrola um fio argumentativo, conforme apontou Pinheiro (2012). Nesse sentido, o exagero, caracterizado pela construção da frase hiperbólica, revela o excesso da preocupação com a gordura do corpo. O uso da hipérbole apresenta, portanto, não uma “finalidade de enganar, mas de levar à própria verdade, e de fixar, pelo que é dito de inacreditável, aquilo que é preciso realmente crer” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 262). Desse modo, é preciso crer que para ser bonito tem de ser magro, sem gordura na barriga. Como destaca Goldenberg (2002), a gordura é a principal inimiga da boa forma.

Ainda sobre a construção argumentativa, vale ressaltar o uso de perguntas. Compartilhar essas perguntas com o interlocutor, sem o objetivo de uma resposta imediata, aproxima a escrevente dos leitores. Para Plantin (2008), argumentar é dialogar com um interlocutor. A pergunta, introduzida por um pronome interrogativo, funciona como uma “questão tópica” da emoção. Essas questões, conforme Lima (2006, p. 170), se caracterizam “por realçarem os traços argumentativos do enunciado, isto é, por permitirem realçar os elementos que orientam em direção a uma possível patemização”, sem, no entanto, objetivar uma resposta. São, nesse sentido, perguntas retóricas, visto que elas não questionam os leitores, mas os provocam, visto que levantam questionamentos sobre o padrão de beleza exigido pela sociedade.

A compreensão da boa forma como a necessidade inatingível do corpo pode ser apreendida no processo de composição, pela formação da palavra composta *capa-da-boa-forma*, que funciona como qualificativo para o substantivo *corpo*. O enunciado *corpo capa-da-boa-forma* revela a heterogeneidade mostrada nos índices textuais, visto que faz referência direta a uma revista do segmento corpo e saúde, chamada *Boa Forma*. Essa construção recupera no interdiscurso a perfeição dos corpos femininos estampados nas capas dessa revista. Esses corpos, conforme apresenta a enunciação da adolescente, são objetos de desejo que jamais serão alcançados.

Ao falar sobre si, a enunciadora revela o modo como a estética da beleza valida uma imagem positiva na qual a mulher que cuidar do cabelo, da pele e do corpo, possuindo uma barriga sem gorduras, é uma mulher bonita. Ao contrário, uma mulher que não se preocupa ou não atinge esse estatuto está fadada à feiúra. Desse modo, a normatização do corpo feminino, aos moldes do padrão vigente, constitui uma forma de coerção social, como apontou Wolf (1992), já que a adequação ao padrão, a perfeição é inatingível.

Para Maus (1934), o corpo é o lugar das diferentes sociabilidades e espelha a vida social de uma comunidade. Por sua vez, Le Breton (2010, p. 42) afirma que “o corpo não é o primo pobre da língua, mas seu parceiro homogêneo na permanente circulação de sentido, a qual consiste na própria razão de ser do vínculo social”. Nesse sentido, não há separação entre sujeito e corpo.

A construção estética do feio, em contraposição ao belo, recuperada no dizer da escrevente, gesta os modos de sociabilidade adolescente, marcando a maneira como a feiúra nela se inscreve. A enunciadora constrói, então, a imagem negativa da feiúra associada ao mal-estar do corpo e da mente, impedindo, assim, a sua sociabilidade. Pode-se observar, então, que é possível recuperar no imaginário da adolescência, a ideia de que aquela que não cuida do corpo, da pele e do cabelo não teria possibilidade de se inserir na sociedade, no bem estar público. Logo, não poderia arranjar um namorado e casar.

Nessa enunciação, a sociabilidade, o vínculo social da enunciadora se liga aos seus dias de beleza, visto que, nos dias em que a adolescente se sente feia, ela não sai de casa. A questão da sociabilidade pela beleza, construída no dizer da escrevente, revela a busca pela perfeição do corpo atrelado ao olhar masculino. Interessante observar que a adolescente ao falar de uma possível aceitação do seu corpo como é, na passagem “o jeito é me aceitar como sou e esperar que alguém goste de mim assim”, associa a aceitação do seu corpo ao afeto masculino.

Ao assumir que “ninguém vai me querer e eu vou ter de morar com meus pais até os 48 anos”, recupera a imagem doméstica da mulher e a negação de uma possível independência feminina pelo trabalho. A imagem da mulher ligada ao parceiro como fonte de sua independência dos pais remete a um construto histórico no qual a figura do pai exerce o poder sobre a mulher e este só é substituído pela figura do marido. Reforça-se, então, uma ordem simbólica patriarcal, discutida no Capítulo II. Nesse sentido, por ser feia, a mulher tem de aceitar o casamento como sua possível liberdade e sem poder escolher o parceiro.

A adolescente recupera, então, por meio da narrativa de si, valores sociais partilhados pelas adolescentes leitoras e pela *Capricho*, dizeres estes construídos socialmente. Nessa interação, são acionados diversos saberes partilhados entre os sujeitos envolvidos no *TDB*, o que permite recuperar diversas imagens em torno do feminino. Retomo, nessa perspectiva, a afirmação de Charaudeau (2008, p. 154) de que “contar é também construir um universo de representação das ações humanas”.

Essas representações da feiúra regulam e agenciam a construção discursiva do corpo, mas também passam pelo processo de construção da moral. Nesse sentido, o ordenamento das

práticas corporais, associadas à saúde e beleza, aponta o sujeito como o principal responsável pelo seu sucesso. Nesse sentido, as mulheres que não se encaixam nesses padrões estão fadadas ao fracasso. Como apontou Foucault (1977, p. 136), “a eficácia das práticas disciplinares é maior quando não são vividas como demandas externas ao sujeito, mas como comportamentos auto-gerados e auto-regulados”. Essas práticas disciplinares, denominadas de “tecnologias do *self*”, constituem um processo de interiorização das emoções, das regras e da disciplina, afirma Vilhena (2006).

Para a autora, a lógica das práticas corporais evidencia um dever moral de ser bela, já que associa a incapacidade de alcançar a beleza do corpo com a incapacidade do sujeito de agenciar sua vida. Nesse sentido, no *quadro-dizer II*, a adolescente constrói uma imagem de si associada à imagem negativa da feiúra moral. Ao construir uma imagem de si, a escrevente recupera a representação da feiúra ligada à construção da beleza interior, à sentimentalização humana. Esse gesto reforça a ligação da importância da presença do *pathos* na análise das imagens de si. Dessa maneira, a construção da imagem de si da enunciadora é associada ao sentimento perverso de fazer o outro chorar e, ao mesmo tempo, à culpa e ao arrependimento.

A imagem de si como uma pessoa feia, não passa pela construção corpórea e sim pela regulação dos estereótipos de valores morais. Assim, a estética do feio é fazer mal ao outro, fazendo-o chorar, como apresenta a construção da escrevente. Recupera-se, então, a tendência em associar uma qualidade positiva às pessoas e às coisas belas, na medida em que fica relegada uma qualidade negativa depreciativa à estética considerada feia. Não é possível, então, sentir-se bonita, sentir-se bem, ao fazer alguém chorar. O feio é, nesse sentido, um mal-estar causado por uma ação negativa.

Os sentidos de beleza e feiúra, enquanto atributo físico, são comumente metaforizados como atributos psicológicos. A avaliação valorativa do feio, nesse sentido, está associada não apenas a uma depreciação estética, mas a uma depreciação de uma característica psicológica. Decorre disso, o uso, na oração sublinhada no *quadro II*, do verbo afetivo *sentir*, ação de ter sentimento de ou ter a sensação de, que é significado como um verbo de estado psicológico.

Plantin (2010) aborda o modo como os itens lexicais, e também a organização dos enunciados, podem apresentar uma *visée* ou uma dimensão patêmica. Entre esses itens, a seleção lexical de um verbo pode constituir o campo da afetividade, designando, de forma direta ou indireta, uma emoção. Para o autor, por meio de uma designação indireta, é possível atribuir afetividade ao enunciado, reconstruindo-o sobre a base de lugares comuns

situacionais e atitudinais. Desse modo, sentir-se feia expressa, nessa enunciação, um sentimento de tristeza baseado na culpa e no arrependimento por uma ação ruim.

São muitos os dispositivos que a estética da beleza institui para que o sujeito atinja a beleza do corpo e, logo, a sensação de bem-estar físico e mental. O *discurso da alimentação saudável* é um desses dispositivos que engendram na agenda da beleza feminina, um novo tópico de preocupação. Pautados no padrão de beleza atual, no qual, como apontei anteriormente, o corpo esbelto e esguio, logo, sem gorduras, é o objeto de desejo das mulheres, os dizeres sobre a alimentação saudável vêm ganhando mais espaço na mídia e nas redes sociais. A associação da alimentação com a busca pela beleza é atravessada pelo discurso da saúde. Comer bem, de forma saudável e, assim, mostrar um corpo magro e belo é, nesse sentido, apresentar-se de modo saudável.

No *TDB*, o discurso sobre alimentação é apresentado como a relação que as adolescentes estabelecem com a comida e, em consequência, atribui à vida saudável o modo individual que o sujeito lida com a prática alimentar. Para o empreendimento, retomo a seção *Boas de garfos*.

TUDO DE BLOG		Edição: Nathália Duprat
BOAS DE GARFO.		
Para nossas blogueiras, escolher o que comer tem a ver também com o jeito de ver a vida.		
<p>Comer (não) é o melhor para poder crescer.</p> <p>Sou dramática quando o assunto é comida. <u>De comedora compulsiva, a seguidoras de dietas obsessivas, de frequentadora de nutricionista a figurinha repetida na churrascaria, de viciada em Big Mac a regime semi-vegetariano, faltava-me auto-controle. Comia por ansiedade, quase nunca por fome.</u> Não conseguia balancear as coisas e morria de inveja de quem o fazia sem esforço. Sempre quis aprender a lidar com a comida do jeito saudável que todo mundo parece lidar (até hoje não sei como tem gente que pensa duas vezes antes de recusar um pote de musse de chocolate). <u>Sabia que comer besteira é muito bom, mas faz mal.</u> Hoje como um brigadeiro aqui, um folheado ali, mas com moderação, ainda não é fácil resistir à gula, mas já decidi que quero pra minha alimentação o que ando procurando para as outras áreas da</p>	<p>A carne é fraca</p> <p>Há um ano, decidi ser vegetariana. Como sabia que não aguentaria a dieta <u>vegano (apenas com alimentos de origem vegetal)</u>, liguei-me aos ovolactovegetarianos, <u>que é a galera que consome apenas ovo, laticínios e vegetais. Quis mudar porque, além de esse grupo ter a vida mais longa com mais qualidade, existem vários idealismo no meio (o termo vegetariano vem da expressão <i>vegetus</i>, que significa forte, saudável).</u> Consultei meus pais, que se mostraram de acordo com a ideia. Depois, nada de regimes malucos. Fui a uma nutricionista especializada, que me orientou. <u>Minha motivação é saber que, cada vez que deixo de comer carne, preservo recursos naturais que seriam utilizados para produzi-la (a economia de água chega a 90%, por exemplo).</u> Além disso, <u>uma dieta vegetariana correta equilibra</u></p>	<p>Você é o que você come?</p> <p>Tenho sorte por não ser aquilo que como. Se fosse assim, seria uma bolinha de gordura rolando por aí. Sei que é provável que tenha complicações com minha saúde por causa desses maus hábitos alimentares, <u>mas</u> não acredito que eu seria feliz se eu não comesse aquilo que tenho vontade na hora que dá na telha. Comer é uma das poucas atividades prazerosas que pratico todos os dias. Comer me faz feliz, nem que seja a meia hora que passo á mesa no almoço ou os 15 minutos na cantina perto do trabalho. Acho que minha sorte de não engordar com facilidade colabora com esse meu despeito com o que passa pelo meu esôfago. Se engordasse assim como as outras pessoas, eu tomaria mais cuidado. E seria uma gordinha triste também, não vou mentir. Sei que tenho que mudar, <u>mas</u>, quer saber: não vou ter que ter limitações de qualquer forma?</p>

minha vida: <u>equilíbrio</u> .	<u>níveis de colesterol e evita certos tipos de doença</u> . Posso dizer com todo orgulho que sou 100% o que como e que, sim, a carne é fraca.	Então deixarei para mudar quando eu realmente precisar. Estou bem assim. Querem pudim?
Nome: Ludmila Bello Idade: 15 anos	Nome: Samia Pereira Idade: 16 anos	Nome: Milena Araújo Idade: 20 anos

Quadro-dizer 3: Seção Tudo de Blog da edição 1074 da revista Capricho

O título do primeiro texto “comer, comer (não) é o melhor para poder crescer” remete à música “Comer, comer”, gravada pelo grupo infantil Balão Mágico, por artistas como Xuxa, Eliana, Angélica (todos do universo infantil). Essa música foi e é comumente utilizada para o estímulo da criança no momento da alimentação. Essa referência trazida pela enunciadora para iniciar a sua fala constitui, segundo Maingueneau (2008), a heterogeneidade mostrada no discurso, visto que permite recuperar explicitamente, por meio do interdiscurso, a presença do outro, de outras vozes no discurso. No entanto, a enunciadora, ao utilizar o parêntese e inserir a negação no título marca a possibilidade de uma voz contrária. O uso do parêntese seguido da refutação se configura como uma estratégia que mobiliza efeitos de sentidos contrários ao resgate das representações que a música evoca, e também marca explicitamente “o ponto de vista interno, subjetivo” (CHARAUDEAU, 2008, p. 199) do enunciatador.

Tomar a palavra e se mostrar dessa ou daquela maneira empreende, como apresenta Maingueneau, a construção das imagens de si no discurso. Desse modo, ao enunciar “sou dramática” e “faltava-me autocontrole” a enunciadora se diz ser dessa e não de outra maneira. Constitui-se, nesses enunciados, o *ethos dito*. Sobre a seleção lexical, vale pontuar ainda, seguindo as trilhas de Plantin (2010), que enunciados como “sou dramática”, “comedora compulsiva”, “seguidora de dietas obsessivas” e “morri de inveja” remetem à produção de efeitos de emoção no discurso que, mesmo que não tenham a intenção de persuadir pela mobilização da emoção, orientam o discurso a provocar e/ou conotar efeitos afetivos.

Dessa maneira, a escrevente assume já ter sido dramática e desequilibrada com a alimentação. Nesse sentido, o modo como a enunciadora constrói a sua fala e se mostra no discurso permite analisar a construção de uma dupla imagem de si: uma imagem anterior ao momento de enunciação (que, nesse empreendimento, não deve ser confundido com o *ethos prévio*) e uma imagem do momento da enunciação.

Assumo dizer que é uma dupla imagem que a enunciadora constrói de si, devido à presença dos tempos verbais passado e presente. A imagem construída pela enunciadora, ao dizer os modos como ela lidava com os hábitos alimentares, mostra uma adolescente instável,

ansiosa, dramática e que, mesmo mostrando certa preocupação com os hábitos alimentares, não sabia lidar com eles. Essas imagens recuperam no interdiscurso o comportamento adolescente diante das práticas alimentares, influenciando uma avaliação negativa do descontrole alimentar. Nesse sentido, “comer não é o melhor para poder crescer”.

As imagens de instável, ansiosa e descontrolada, que circulam no imaginário adolescente como qualidades negativas, são contrárias à imagem que a adolescente constrói de si no tempo presente da enunciação, o qual é introduzido na materialidade linguística tanto por meio do uso do tempo verbal presente, quanto pelo advérbio de tempo “hoje”. Ao dizer: “Sabia que comer besteira é muito bom, mas faz mal. Tão mal que decidi reinventar meus hábitos. Hoje como um brigadeiro aqui, um folheado ali, mas com moderação. Ainda não é fácil resistir à gula, mas já decidi o que quero para a minha alimentação, o mesmo que quero para a minha vida: equilíbrio”, a enunciativa refuta a imagem anterior, avaliada negativamente, e constrói uma imagem positiva de si: a imagem de uma mulher equilibrada. Essa imagem mostra a preocupação com a prática alimentar, o controle de si, a moderação, avaliados como comportamentos positivos para as mulheres, influenciando a avaliação positiva da prática de uma alimentação saudável.

Essa oposição das ações é, como aponta Charaudeau (2008), uma *situação no tempo* que converge em ações situadas no passado e ações situadas no presente que produzem efeito de narrativa. A enunciativa se vale desse procedimento para reconstituir suas ações do passado, negando-as e, assim, construir uma imagem positiva de si por meio das ações positivas nas práticas alimentares. A enunciativa, então, se vale de estereótipos tidos como positivos para refutar a imagem negativa de si. Compreende-se, nessa enunciação, que uma prática de alimentação saudável vai além da mesa; é um estilo de vida que deve ser incorporado pelas adolescentes que buscam o equilíbrio na vida. Nesse sentido, as mulheres equilibradas são aquelas que se preocupam com a alimentação, com a saúde e, por consequência, com o corpo. Essas mulheres são tidas como objeto de admiração, respeito e estima.

O *quadro-dizer IV*, diferente do anterior, evidencia, na configuração da encenação narrativa, a intervenção do autor-indivíduo (CHARAUDEAU, 2008), aparentemente pautado na objetividade, apresentando explicações baseadas em um efeito de cientificidade, ainda que não se explicitem as fontes do conhecimento. A recorrência da construção de estruturas explicativas, já apresentada no Capítulo anterior, vislumbra certa imagem da adolescente como conhecedora das escolhas que fez para a alimentação.

Nesse sentido, a enunciação da adolescente constrói, por meio dos índices, das estratégias e do tom do texto, um *ethos* de inteligente e de consciente, por meio do qual a enunciadora mostra que a sua escolha pela alimentação saudável possui justificativas pautadas em escolhas que contribuem, para além da saúde, para a natureza, logo, para sociedade. Tratando-se dessa enunciação, a inteligência pode ser percebida em função da maneira como a escrevente vai justificando suas escolhas pela explicação dos conceitos que envolvem a alimentação vegetariana. Pressupõe-se, então, que o leitor não partilha desses conhecimentos e, por isso, a necessidade de explicação.

Ainda que se apresente sob a égide de um texto narrativo, a argumentação nesse *quadro* está fundada no *topos*⁴⁶ do conhecimento: quanto mais se conhecem os benefícios de uma alimentação saudável melhores escolhas alimentarem podem ser feitas. Ou ainda, aquelas que conhecem o bem de uma alimentação saudável sabem que é preciso fazer escolhas conscientes, entre as quais, ir ao nutricionista. A visada do texto, nas circunstâncias de sua enunciação, é clara: trata-se de legitimar a escolha inteligente por uma alimentação saudável para que se possa, além de proteger a natureza, ter mais saúde.

A imagem de inteligente recupera, por meio do discurso da alimentação na *Capricho*, a associação da boa alimentação para uma vida saudável e não necessariamente para uma construção estética corporal conforme os padrões de beleza. Essa enunciação, aliada à anterior, não evidencia a preocupação em ter uma boa alimentação com uma preocupação de atingir um corpo perfeito e sim com uma questão de escolhas inteligentes e equilibradas para a saúde. No entanto, corroboro a afirmação de Serra (2001) de que o padrão estético corporal impõe uma alimentação leve, *light*, dita inteligente e direcionada às pessoas inteligentes e bem-sucedidas.

Nesse direcionamento, é possível recuperar nas primeiras linhas que introduzem o *quadro-dizer V* essa representação (“Tenho sorte por não ser aquilo que como. Se fosse assim, seria uma bolinha de gordura rolando por aí”). Nesse sentido, a falta de preocupação com os hábitos saudáveis de uma alimentação só pode ser dispensada, caso a adolescente possua uma genética favorável para um corpo saudável, logo belo. Na teia de significação, esse enunciado recobre, no imaginário, dizeres como: comer mal engorda e ser gorda significa não ser aceita.

A imagem de uma adolescente sortuda é construída na associação com o prazer pela comida e a despreocupação com os hábitos alimentares, já que a enunciadora tem a sorte de não engordar. Retomam-se, então, representações que circulam na memória discursiva que

⁴⁶ “Elementos que garantem encadeamentos discursivos” (ANSCOMBRE, 1995, p. 49-50 *apud* AMOSSY, 2007, p 124)

associam a despreocupação com o corpo apenas pela existência de uma beleza natural. Ou seja, somente se a adolescente possuir um corpo naturalmente bonito, potencialmente magro, ela pode se despreocupar com os hábitos alimentares. Desse modo, a prática de hábitos alimentares saudáveis, revestida pela promoção à saúde, escamoteia a busca pelo corpo magro e, assim, a busca pela felicidade, interdita no imaginário os sentidos da beleza associados a uma mulher gorda.

O discurso, portanto, se inscreve fortemente, embora de modo disfarçado, em uma polêmica que gira em torno da impossibilidade de a mulher ser gorda e feliz. Para promover essa causa, o discurso se vale de representações da mulher, as quais só podem ser entendidas no âmbito da memória discursiva, na qual o corpo magro é objeto de desejo. Ao mesmo tempo, joga com o argumento da boa forma natural como única justificativa para a falta de compromisso com a prática alimentar e a possibilidade de se poder comer de tudo. O argumento construído pela enunciadora parece um pouco discordante da imagem despreocupada que constrói, no momento em que formula “sei que tenho que mudar”, já que recorta na memória a voz dominante da necessidade de uma alimentação saudável como qualidade de vida e saúde. Ao mesmo tempo, a introdução do operador argumentativo *mas* (“sei que tenho que mudar, mas, quer saber: não vou ter que ter limitações de qualquer forma?”), seguido de um questionamento, instaura uma inversão de sentido no enunciado que confirma a imagem de si, embora revele um sujeito afetado pelas representações da beleza. O questionamento do enunciado, por sua natureza patêmica, pode ser compreendido como uma hesitação e projeta uma culpa futura que poderia atingir o leitor.

Essa enunciação toma como pressuposto que a busca pelo corpo magro deve ser a realização pessoal da mulher que não possui uma magreza “natural”, já que apenas com ele, ela seria feliz. Esse pressuposto está inscrito na *doxa* ocidental. É, nesse sentido, que é permitido a enunciadora dizer: “se engordasse assim como as outras pessoas, eu tomaria mais cuidado. E seria uma gordinha triste também, não vou mentir”. Tomar mais cuidado, nessa enunciação, pode ser compreendido como o cuidado de si, revelado pela ação de comer menos, de forma mais saudável, para poder ser magra e feliz, já que ser gorda causa infelicidade. Conforme afirma Woolf (1992), a gordura da mulher é alvo de paixão pública e as mulheres sentem culpa com relação à gordura, “porque reconhecemos implicitamente que, sob o domínio do mito, nossos corpos não pertencem a nós, mas à sociedade”.

O corpo, moldado enquanto prática sócio-histórica (LE BRETON, 2010), é um dispositivo da moda, na medida em que certos modelos corporais, baseados, na sociedade contemporânea, num corpo magro, formam uma tendência. Nesse sentido, a forma física é

associada a outros elementos corporais que compõem o quadro da beleza. Ao corpo belo e magro, associa-se o cuidado com outros elementos que compõem o conjunto do corpo, como o cuidado com o cabelo, as unhas, a maquiagem e os modos de vestir.

A construção da beleza, como apontei anteriormente, se dá não apenas por essa construção corporal, mas também por uma construção psicológica da personalidade, da estética do belo e do feio. O discurso da moda atravessa substancialmente essa construção. No universo *Capricho*, a moda também é um elemento de beleza, mas se expande como uma forma de busca por um estilo próprio. Dessa forma, é possível pensar não apenas no corpo da moda, mas na moda que está no corpo. É preciso compreender, então, que os elementos da moda constituem a estética do belo e do feio e passam pela construção do corpo e da sociabilidade adolescente.

Nesse sentido, a forma como o corpo é moldado se dá também pelos modos de se vestir do adolescente. Assim, a maneira de vestir-se permite a identificação dos indivíduos como filiados a determinados grupos. É possível, então, identificar-se com esta ou aquela tendência, com este ou aquele grupo pelas escolhas de roupa, sapato, estilos de música. Assim, na adolescência, formam-se os grupos por essas identificações, o que permite, então, a normatização do grupo de patricinhas, de nerds, de roqueiros, de skatistas, de nemos, entre outros.

Beleza, saúde e moda são, na agenda adolescente, pautas que determinam o estilo de vida dos sujeitos. A moda, sobretudo, é responsável pela identificação identitária dos grupos juvenis, visto que determina os estilos e gostos que fazem com que os indivíduos de um grupo compartilhem ou não os mesmos interesses e, com isso, formem subgrupos que determinam os estilos da adolescência. Como apontou Freire Filho (2006), a presença do estilo sempre esteve presente na construção da *Capricho* como forma de construção da identidade adolescente. Desse modo, é preciso que o adolescente construa um estilo que seja aparentemente próprio, resultado do individualismo contemporâneo, para que ele possa integrar-se ao grupo.

Há, na revista, uma recorrência em construir a imagem da adolescência ligada à moda. É, nesse contexto, “que se fala de ‘tribos urbanas’, ou seja, grupo de jovens que se identificam por adotarem modismos comuns, sendo cada um desses grupos caracterizado por seu perfil específico de consumo de determinados bens” (CATANI; GILIOLI, 2008, p. 25). Para esses autores, a moda adolescente seria, em essência, um conjunto de expressões (música, roupa, adereços, postura, comportamento), “modos de viver e estilo que cada um

desses grupos de jovens adota para se diferenciar dos outros e afirmar certos valores sociais e culturais” (CATANI; GILIOLI, 2008, p. 25).

No estudo sobre moda realizado por Calanca (2008, p. 11), compreende-se com o termo moda “o fenômeno social da mudança cíclica dos costumes e dos hábitos, das escolhas e dos gostos, coletivamente validado e tornado quase obrigatório”. Para a autora, o termo “costume” mantém uma relação estreita com a noção de moda, já que é possível compreender tal termo na acepção de “hábito constante e permanente que determina o comportamento, a conduta, o modo de ser” de uma comunidade e de um grupo social. A noção de costume remete ainda ao conceito de sistema, de estrutura, ou seja, a um conjunto de vários elementos relacionados entre si. Esses elementos, considerados isoladamente, são privados de valor, assumindo um significado apenas no momento em que são ligados por um conjunto de normas e regras coletivas. Desse ponto de vista, conclui a autora, “a moda é sempre um fenômeno de costume” (CALANCA, 2008, p.12).

A estética da beleza está associada ao estilo de determinado grupo. Vale ressaltar que essas escolhas não são homogêneas e não obedecem a regularidades estanques. Nesse sentido, elementos que tendem a caracterizar determinados grupos vão sendo captados por outros grupos, de acordo com as tendências da moda. Além disso, os adolescentes que se identificam com determinados grupos podem ser inseridos em outros grupos, constituindo outras identidades.

Essa constatação permite-me compreender, de acordo com Charaudeau (2009), o princípio de alteridade na constituição da identidade psico-social do sujeito. Para o autor (2009, n/p), segundo esse princípio, “cada um dos parceiros da troca está engajado num processo recíproco (mas não simétrico) de reconhecimento do outro e de diferenciação para com o outro, cada um se legitimando e legitimando o outro através de uma espécie de ‘olhar avaliador’”. É esse olhar, confirma o autor, que permite afirmar que a identidade se constrói através de um cruzamento de olhares: “existe o outro e existo eu, e é do outro que recebo o eu” (cf. CHARAUDEAU, 2009). Retomo, segundo o autor, a importância das identidades na construção do *ethos*. Nas palavras do autor (2008, p. 115):

O sujeito aparece, portanto, ao olhar do outro, com uma identidade psicológica e social que lhe é atribuída, e, ao mesmo tempo, mostra-se mediante a identidade discursiva que ele constrói para si. O sentido veiculado por nossas palavras depende ao mesmo tempo daquilo que somos e daquilo que dizemos. O *ethos* é o resultado dessa dupla identidade, mas ele termina por se fundir em uma única.

Nesse sentido, a construção da identidade adolescente por meio da moda e, por consequência, do estilo implica a construção de um *ethos*. Conforme Garcia (2005, p. 61), “para além da persuasão comportamental, as novidades que rebuscam estilo e elegância visual na moda realizam uma combinação direta entre corpo e vestuário, provocando um enunciado cada vez mais complacente com os entornos de consumo, identidade, diversidade e diferença”. Retomando a construção das imagens de si no *TDB*, trago para a análise os seguintes *quadros-dizer*:

<i>Tudo de blog</i>	
Com glamour	
Nossos blogueiros dizem se é preciso estar na moda para ser chique	
Nome: Thais Aragão Idade: 20 anos	A MODA É UMA ESCOLA <u>Eu amo a moda, mas acho que ela não me ama.</u> Toda vez que penso em comprar os itens maravilhosos que me são apresentados, olho na carteira e vejo que não é possível. Se a moda me amasse, seria mais acessível e tudo o que está em alta ficaria ótimo no meu corpo! O que fazer, então? Entendê-la. <u>Eu, que estudei por 3 anos essa indústria, posso dizer que a moda realmente te induz ao consumo desesperado pelo desejo de ser desejado.</u> Afinal, quem não tem uma invejinha das irmãs Olsen, que estão sempre bem-vestidas? Por outro lado, a moda te força a olhar e pensar. <u>Ela te ajuda a descobrir o seu estilo quando você coloca um vestido godê ou evasê e vê qual deles fica melhor. E, no final, você sempre consegue dar seu toque pessoal. Isso se chama estilo. Se você tem estilo, tem personalidade. E personalidade é a chave para ser chique.</u>
Nome: Rodrigo Gurgel Idade: 15 anos	CIVILIZE-ME <u>Tenho o direito</u> de usar chinelo, short e regata para andar pelo meu bairro e não destrutado por isso. <u>Tenho o direito</u> de pedir informação em uma loja de roupa de festa, vestido assim, sem que a vendedora me lance aquele olhar de análise da cabeça aos pés e solte um “não” com a entonação bem conhecida de “dê o fora daqui”. <u>Cada um tem o direito</u> de usar o que quiser. Parte do processo de estar chique é se sentir chique. Parte do processo de estar bonito é sentir-se bonito. Porque não existe maquiagem no mundo que tenha o mesmo efeito que autoconfiança. Ser chique está no olhar, nos gestos, na mente, no falar. A roupa é o menos importante. Eu vou continuar usando bermuda e chinelo para andar no meu bairro <u>porque tenho direito a isso</u> , quer a dona da loja, goste ou não. Verdade seja dita: há algo mais confortável do que ser quem a gente é?
Nome: Louise Mira Idade: 17 anos	SE A MODA PEGA... <u>E se</u> meu salto 15 quebrar? <u>E se</u> meu gloss escorrer? <u>E se</u> a estampa não combinar? <u>E se</u> o meu tom destoar? <u>E se</u> a etiqueta cair? <u>E se</u> o preço subir? <u>E se</u> a saia encurtar? <u>E se</u> a meia rasgar? <u>E se</u> a moda pegar? O modismo é o prefácio da mesmice. A personalidade de alguém não pode ser vendida numa estampa ou numa etiqueta. A identidade não vem escrita numa logomarca e nem todos seguem à risca a trilha da passarela. O “último grito da moda” nem sempre expressa a real beleza. Roupas, grifes e maquiagens são atraentes, mas não são um sinal obrigatório de elegância, bom gosto ou personalidade. Quem realmente tem estilo não fica de olhos grudados nas notícias de moda, nem se veste ou se porta de acordo com um <i>way of life</i> enlatado, nem se sente um criminoso se, simplesmente, cria as próprias regras do jogo da moda. Crime maior é ser vítima do sistema fashion.

Quadro-dizer 4: Seção Tudo de Blog da edição 1043 da revista Capricho

Ao discorrer sobre as estratégias que o enunciador se vale na construção de um *ethos*, Maingueneau afirma que o mesmo pode ser atribuído por meio de um modo explícito de falar de si. Nesse sentido, o enunciado que inicia o dizer do *quadro-dizer VI*, nessa cena, é uma espécie de confissão do sentimento e, ao mesmo tempo do *ethos* dito, da enunciadora. É por meio do que ela diz sobre a sua relação de amor e rejeição pela moda que a escrevente constrói a sua imagem e expressa seu sentimento.

De acordo com Plantin (2010, p. 57), “se tomarmos como ponto de partida o dado linguístico, entraria em questão explicar a orientação explícita de um discurso em direção à expressão de uma emoção”. Desse modo, conforme afirma o autor, seria possível, argumentar emoções. Nas palavras do autor (2010, p. 58), “há argumentação de uma emoção quando o discurso justifica a atribuição de um experienciado a uma pessoa”. Ao enunciar “eu amo a moda, mas acho que ela não me ama”, há a argumentação de uma emoção na medida em que a enunciadora expressa o sentimento de amar. Vale ressaltar, contudo, que não há instrumentos para o analista avaliar se a emoção expressa pelo enunciador seja a realmente sentida pelo sujeito comunicante, conforme pontuou Lima (2011).

Apontei, anteriormente, um dos elementos para análise da emoção na proposta de Plantin (2010). Gostaria de apontar, por meio desse enunciado, outra técnica, a saber: a *designação direta da emoção*. Nela, a emoção é claramente designada por um termo de emoção, no caso o verbo *amar*. É preciso chamar atenção para a inversão, introduzida pelo operador argumentativo *mas*, que desloca as posições do sujeito que experiencia a emoção da posição gramatical de sujeito para a posição de objeto direto. A inversão sintática evidencia o deslocamento de sentido no qual há a pressuposição, caracterizados pelo verbo *achar*, de que o objeto amado rejeita o ser desejante.

Constrói-se, por meio da emoção, a imagem de si como rejeitada pela moda. Essa imagem, no entanto, é reforçada, ao longo da enunciação, ao ser associada ao consumismo e ao corpo. Essa associação entre moda e consumo, na afirmação de Garcia (2005, p. 68), “responde ao chamado do mercado, uma vez que as ações humanas compreendem a diversidade de situações discursivas, capaz de deslocar e valorizar a aproximação estratégica do corpo/mercado”. Para o autor (2006, p. 68), “essa aproximação, recorrente na moda, combina as predições do vestuário aos valores de bens materiais e simbólicos”.

Essa relação corpo/mercado é apresentada na enunciação da escrevente na medida em que ela recupera representações da moda como algo inacessível ao bolso e ao corpo, já que o consumo desenfreado pelos bens que a moda impõe não são acessíveis à vida econômica do adolescente e também ao afirmar que a indústria da moda produz roupas que

não cabem nos corpos “reais”. Instaura-se, então, um argumento de autoridade, “eu, que estudei por 3 anos essa indústria, posso dizer que a moda realmente te induz ao consumo desesperado pelo desejo de ser desejado”, que legitima a constatação da enunciadora. A construção desse argumento pode ser compreendida em termos silogísticos⁴⁷: aquelas que estudam moda têm autoridade para falar sobre como a moda induz o consumo; eu estudei moda, logo tenho autoridade para falar sobre isso.

O recurso do argumento fundado na autoridade auxilia na construção da imagem da escrevente à medida que reforça a imagem de amante da moda por meio do conhecimento formal sobre o funcionamento da indústria. Além de construir a imagem de si, a escrevente constrói também a imagem do outro. Nesse caso, a imagem das irmãs Oslen (gêmeas famosas pelos trabalhos que faziam quando crianças e ícones da moda) por meio do questionamento “afinal, quem não tem uma invejinha das irmãs Olsen?” convoca o leitor a participar do mundo ético da escrevente, dividindo com ele a responsabilidade de sentir inveja. O enunciado se inscreve em uma representação positiva da inveja na qual reforça a ideia de que as mulheres sentem inveja umas das outras.

A relação entre moda e estilo também é retomada na fala da escrevente. A moda, nessa enunciação, é apresentada como a possibilidade de a adolescente descobrir o seu estilo e, assim, poder construir sua personalidade. Instaura-se, nessa enunciação, a capacidade que a moda possui de construir o estilo e a personalidade adolescente. Uma forma delicada de pensar o corpo contemporâneo é observar os caminhos da moda e do estilo, assevera Garcia (2005). Nesse sentido, a fala da adolescente orquestra o discurso da moda para o qual o vestuário compõe o corpo, dando-lhe continuidade.

Numa outra direção, o *quadro-dizer VII* instaura uma enunciação de reivindicação. Sobre esse quadro, gostaria de chamar a atenção, pois ele configura uma escrita masculina. Ressalto, desse modo, que a presença de homens como escreventes da seção foi um dos critérios de seleção das seções que comporiam os textos para análise. Esse critério se caracterizou pela motivação de compreender, num primeiro momento, para quais assuntos a *Capricho* selecionaria o texto de um homem, e, num outro momento, como as representações de determinado tema, potencialmente ligado às imagens em torno do feminino, se dariam na construção de uma imagem de si masculina, visto que entre as *blogueiras* selecionadas pela

⁴⁷ Argumentar, esclarece Plantin (2008, p. 15), “é ligar proposições, constituir um discurso coerente, baseado num elemento considerado como *evidente* (para os sentidos, para a intuição intelectual ou moral), e dele derivar uma proposição segunda *menos segura*. É apoiar uma afirmação – a conclusão – sobre uma boa razão – o argumento”. Isso faz emergir no discurso a possibilidade de construir os argumentos por meio do silogismo, o qual está ligado ao pólo das boas razões e é um argumento lógico (os A são B, isto é um A, logo isto é um B).

revista havia a presença de homens. Vale considerar, contudo, que nas revistas consultadas, apareceu uma única escrita masculina, na seção TDB, a qual retomo para análise.

Ter um adolescente escrevente de uma seção da revista *Capricho* que possui uma presença predominante de meninas chama atenção pelo fato de não ser uma prática corrente na revista (conforme pode ser observado no *corpus*). A presença dos meninos nas seções das revistas, de modo geral, se dá em seções específicas nas quais se dá apenas a voz dos meninos, seja para expor seus gostos pessoais, sua personalidade, o que mais gostam entre as meninas ou mesmo as suas experiências de vida. Como é o caso da seção *Entre elas* que simula um *bate-papo* entre três garotos a partir de uma pergunta da revista. Selecionar essa “fala”, permite-me, então, compreender a não regularidade em funcionamento na seção.

Nesse sentido, ao ter direito à palavra numa seção marcada pela presença de meninas, o enunciador constrói uma imagem de si ligada à reivindicação. A argumentação se funda, nesse sentido, pela repetição estrutural, com variação, da expressão *tenho direito/ tem direito*. A repetição, afirma Marcuschi (1992), é uma estratégia de coesão que tem como uma das funções o efeito de ênfase. A repetição, nessa enunciação, se dá, então, pela ênfase em apresentar o sujeito como um ser de direito, que, como tal, deve ter seu direito assegurado.

Essa reivindicação pauta-se em estereótipos de valores morais que recobrem a prática da sociabilidade. Para tanto, a repetição permite a partilha do conhecimento de que o que está sendo reivindicado é a manutenção de um direito já conquistado, que é o direito constitucional à liberdade que, por sua vez, engendra o direito de ir e de vir. No caso do texto, poder ir e vir a qualquer lugar vestido do modo como desejar. A escolha desse texto pela *Capricho* pode ser compreendida, visto que se levam em consideração os pressupostos partilhados de uma mobilização feminina pelo direito de ir e vir vestindo o que quiser.

O que deve ser levado em consideração, no entanto, é a inscrição sócio-histórica do sujeito que, ao ser inscrita na *doxa*, caracteriza a experiência masculina numa construção diferente da feminina. Nesse sentido, os itens lexicais selecionados pelo enunciador remetem ao universo do direito por meio do qual se estabelecem relações discursivas que permitem a leitura de um *ethos* ligado a uma dimensão mais lógica, racional, reforçando, assim, a imagem masculina associada ao raciocínio, enquanto a imagem feminina está mais associada à passionalidade. O recurso à reivindicação é apresentado, então, como um direito do cidadão e uma forma de civilidade, o que pode ser confirmado pelo título *civilize-me*. Ao mesmo tempo a construção do título parece um pouco discordante em relação à imagem de reivindicante construída no enunciado, por meio da enunciação, já que apresenta a imagem de um adolescente não civilizado. É possível recuperar, então, na totalidade da enunciação, que

civilize-me também apresenta um tom de reivindicação, mas recobre o imaginário de que pelo fato de não se vestir de modo adequado, conforme os lugares que frequenta, o adolescente é tido, no olhar do outro, como não civilizado. Nesse sentido, a reivindicação: *civilize-me*.

Interessante observar, nesse gesto, o modo como o adolescente constrói, pela recusa, a imagem que ele acredita que o outro tem dele. Na organização da narrativa, esse olhar do outro aparece na presença da personagem (a vendedora) numa localização no espaço fechado (a loja) por meio do qual a vendedora lança ao enunciador um olhar de reprovação pelas vestimentas que ele usa. É essa reprovação que engendra no discurso o *ethos* prévio do enunciador como não civilizado. Nesse sentido, ele recusa essa imagem, construindo um *ethos* de sujeito de direito, logo um cidadão. Assim, vestir-se de acordo com padrões da moda estabelece uma fronteira na relação do sujeito com o corpo nas suas práticas de cidadania.

No *quadro VIII*, o recurso da repetição na progressão do texto é utilizado novamente como estratégia de encadeamento argumentativo. Além da função de ênfase, nota-se ainda o recurso sendo utilizado como efeito estilístico da narração. A repetição introduz, no texto, as preocupações, tidas cotidianas, da mulher com o universo da moda. Esse efeito estilístico enfatiza, então, a recorrência das inquietações femininas nos assuntos de beleza. A construção dos questionamentos (introduzidas pela oração subordinada condicional, sendo o *e* um uso estilístico com a função de reforço), apagando a oração principal convoca o leitor a ativar as possíveis frases que poderiam ocupar o espaço vazio. Entre elas, “o que eu vou fazer?” seria uma possibilidade. Assim, uma possibilidade de construção seria: “e se meu salto 15 quebrar, o que eu vou fazer?”. O preenchimento da categoria vazia, no entanto, fica por conta do leitor que seleciona, por meio das representações sociais, as possibilidades de construções que comporiam a frase.

Esse efeito da repetição como preocupação cotidiana da mulher com os elementos de beleza pode ser confirmada no enunciado que segue os questionamentos, “o modismo é o prefácio da mesmice”. Gostaria de chamar a atenção, nesse texto, para o efeito de objetividade da enunciação. Após as perguntas, a progressão do texto se dá por meio das frases afirmativas nas quais a impessoalidade é a marca da enunciação. Nesse sentido, o texto busca o apagamento do sujeito a fim de conferir mais credibilidade à enunciação. No entanto, o sujeito, deixa escapar a sua subjetividade ao se inscrever no discurso “e se meu salto 15 quebrar?” “e se meu gloss escorrer?” “e se meu tom destoar?”. Essas estratégias engendram uma imagem adolescente como despreocupada com a beleza. Para parecer credível, entretanto, a enunciativa se vale da impessoalidade, embora deixe escapar sua subjetividade.

As imagens de si recuperadas na enunciação adolescente que possuem como tema o cuidado de si revelam que a construção sócio-histórica dos sujeitos afeta a construção da sua imagem, permitindo que se recuperem apenas determinadas imagens em torno do feminino, silenciando outras. Escrever sobre si, contando sua vida, sua experiência, engendra um *ethos* no qual o efeito intimista delinea uma proximidade com o leitor.

O discurso da seção se inscreve, então, numa polêmica, assim como a seção anterior, visto que apresenta posicionamentos semanticamente contrários, ainda que estabeleçam relações, frente ao objeto tematizado. O *TDB*, enquanto um espaço discursivo, ao se valer de posicionamentos diferentes a cada publicação, pode ser entendido como uma espécie de processo de *interincompreensão* generalizada, conforme apresenta Maingueneau (2008, p. 99), devido à sua própria condição de possibilidade de apresentar posições enunciativas contrárias entre si.

4.4.2 A imagem masculina no *ethos* feminino: a possibilidade de inversão dos papéis sociais

Apontei no capítulo anterior o modo como as relações de gênero viabilizaram determinados estereótipos em torno da imagem feminina, apresentando-se também como responsáveis na definição dos papéis sociais atribuídos aos homens e às mulheres. Nesse sentido, a noção de gênero, conforme Swain (2012), aparece igualmente para desmascarar a construção social dos papéis femininos. Desfaz, desse modo, um primeiro estágio da construção social do feminino e do masculino, isto é, apaga a noção de essência, do fundamento intrínseco que supostamente sustentaria a representação de mulheres e homens, designando-lhes papéis sociais segundo sua “natureza”.

O feminismo aparece, então, como principal questionador da naturalização dessas práticas do feminino, já que “os estudos feministas propõem, ainda, desconstruir os papéis impostos a homens e mulheres pela sociedade, com base na tese de que a diferença sexual é o principal fundamento da subordinação feminina” (LISBOA, 2010, p. 69). Nesse sentido, a atribuição de papéis sociais é determinada não apenas pelas práticas de gênero, mas também pelo binarismo sexual que separa homens e mulheres. Conforme Almeida (2010, p. 21), “nascidos machos ou fêmeas, mas socializados como homem e mulher todos se deparam com o processo histórico da construção de identidade diferenciada de um e de outro gênero”.

A divisão dos sexos, afirma Bourdieu (1999) está presente de modo inevitável no mundo social e é incorporado aos corpos e ao comportamento dos homens e das mulheres, funcionando como sistemas de percepções que influenciam o pensamento e as ações dos sujeitos. Dessa maneira, as experiências de homens e de mulheres são significadas de forma diferenciada na sociedade, sendo que a experiência masculina é privilegiada, visto que é tida como dominante em relação à feminina. O social modela, então, formas dicotômicas para definir comportamentos prototípicos de homens e mulheres, construindo, como já apontei, imagens específicas para cada gênero que permite a atribuição de determinados papéis sociais a cada sexo.

Nessa perspectiva, a *Capricho* se apresenta como reveladora de determinados papéis sociais tidos como adequados à adolescência feminina, ao mesmo tempo tangencia os papéis sociais na construção do masculino. Essa afirmação permite compreender que na revista, ao engendrar uma imagem feminina, engendra também uma imagem masculina da qual as adolescentes precisam se valer para compreender o universo masculino e, assim, adequar os seus comportamentos, tendo em vista a conquista do “gatinho”. Desse modo, circulam igualmente no imaginário sociodiscursivo representações da adolescência masculina. São essas representações que servirão de base para a construção da imagem de si das escreventes engendradas na seção a seguir.

<i>Tudo de Blog</i>		
No mundo deles.		
Ser homem tem muitas vantagens e, às vezes, dá vontade de invadir o lado de lá...		
Seria um canalha	If i were boy	Se eu fosse ele
Se eu nascesse um homem, seria um fofo, conquistador. Porém, depois de já ter vivido as experiências do mundo feminino, se eu tivesse o privilégio de um dia totalmente masculino, eu honraria todas as más famas. Para começar meu dia, vestiria uma bermuda e sairia na rua sem camisa com aquele olhar de <u>ele-é-o-bom</u> . Lançaria todos os xavecos que já escutei, só pra ter o gostinho do	Sempre imagino como seria divertido se eu fosse um cara. <u>Logo eu que sou tão mulherzinha, que não saio de casa sem batom e me depilo todo mês!</u> Os homens não têm essas frescurites e isso deve ser a parte chata de ser macho. Mas, se eu fosse homem, seria metaleiro e cabeludo, dos bonitos, do <u>tipo terror das meninashas</u> . Também andaria sem camisa - e sem soutiã!-, usaria um bom	<u>Fugir da cozinha depois do almoço, sair sem camisa num dia quente, não me depilar, não ter vergonha de usar biquíni, acordar e não pentear o cabelo. Essas são algumas das vantagens que eu faria questão de explorar se fosse homem um dia.</u> Exceto a parte de acordar e não pentear o cabelo porque isso eu já faço...Gostaria que as pessoas achassem lindo o fato de eu não deixar a toalha em

<p>outro lado da história. Escutaria as fofocas e TPMS das minhas amigas e daria risada – por dentro – porque por fora seria o amigo de ouvidos abertos que vive rodeado de mulheres. Beberia todas e provaria do pecado com todos os tipos de garotas. Charmosa, fofas, sexy, inteligentes, amigas, “boas”. <u>Para terminar meu dia, jogaria bola e voltaria pra casa pronto para a comidinha da mamãe, deitado no sofá e sem preocupação com barriguinha e celulite.</u> É, eu seria safado, cachorro e sem vergonha.</p>	<p>perfume masculino que é o melhor cheiro que existe), ficaria maluco com futebol e botaria o primeiro jeans que viesse no armário para sair a noite. Falaria grosso, usaria cueca (pelo menos a manteria dentro da calça!) e jamais passaria vontade de ir ao banheiro. Batom? Só se fosse da menina que eu beijasse. Mas algumas coisas não mudariam. Eu continuaria tocando violão, tendo vocação para nerd e sendo o último dos românticos. <u>Quem sabe, continuaria me depilando todo mês. Tão moderninho!</u></p>	<p>cima da cama e baixar o assento da privada. Seria divino que me vissem como herói só porque eu faço coisas que, na pele de menininha, são obrigações. Eu queria entrar no banheiro masculino e ouvir tudo o que é dito lá. Porque homem é, sim, fofoqueiro. <u>Seria legal também não responder perguntas sobre estar sozinho: quando o homem está solteiro, ele está aproveitando a vida. Quando a mulher está solteira, ela é encalhada.</u> Aqui em casa existe muita diferença entre os sexos. Queria estar do outro lado um pouco...</p>
<p>Nome: Francisca Nery Idade: 18 anos</p>	<p>Nome: Louise Mira Idade: 18 anos</p>	<p>Nome: Diandra Arbia Idade: 20 anos</p>

Quadro-dizer 5: Seção Tudo de Blog da edição 1066 da revista Capricho

Amossy (2005) afirma que, para que a imagem de si que o enunciador constrói em seu discurso pareça legítima e seja reconhecida pelo auditório, é preciso que ela seja assumida em uma *doxa*, ou seja, que se indexem em representações partilhadas. Nessa perspectiva, a autora se vale da noção de estereotipagem para compreender o modo como “a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ele difundida e no interior da qual ela o classifica” (AMOSSY, 2005, p. 126).

Numa perspectiva argumentativa, pontua a autora, “o estereótipo permite designar os modos de raciocínio próprios a um grupo e os conteúdos globais do setor da *doxa* na qual ele se situa”. É importante entender, nesse sentido, que, na construção de uma imagem de si, o sujeito adapta sua apresentação “aos esquemas coletivos que ele vê interiorizados e valorizados por seu público-alvo” (AMOSSY, 2005, p. 126).

Essa noção é igualmente importante à medida que permite, neste trabalho, analisar os estereótipos de gênero que distinguem e validam os papéis sociais de homens e mulheres. Vale ressaltar que “os papéis de gênero são definidos como aquelas expectativas partilhadas acerca das qualidades e comportamentos apropriados dos indivíduos, em função do seu gênero socialmente definido” (NOGUEIRA, SAAVEDRA, 2007, p. 18). Nesse sentido,

voltando meu o olhar para o *TDB*, as adolescentes ao ensaiarem as suas identidades de gênero, elas partilham também os estereótipos dos papéis sociais masculino.

É possível observar, por meio dos *quadros-dizer* trazidos para a análise, que são veiculadas representações do masculino compartilhadas no imaginário adolescente. Dessa maneira, recuperam-se estereótipos de gênero bastante próximos nos 3 *quadros-dizer*. Desse modo, ao construir a imagem de si ligada ao universo masculino, as adolescentes compartilham estereótipos que circulam sobre o universo masculino e, ao mesmo tempo aqueles que se constroem em torno da imagem da mulher.

Assim, no *quadro-dizer IX*, a imagem do homem canalha e safado é (re)construída. Ao mesmo tempo em que a adolescente constrói a imagem de si como fofa e conquistadora. Essa imagem de si pode ser revelada, através do *ethos* mostrado, no momento em que a adolescente afirma: “se eu nascesse homem seria um fofo, conquistador”. Ao dividir a imagem masculina em duas perspectivas (uma se ela nascesse e a outra se ela pudesse ser homem por um dia), a adolescente revela a imagem de si por meio do silenciamento, daquilo que não é dito explicitamente. Nesse sentido, ela não diz, mas é possível pressupor que se ela tivesse o sexo biológico masculino desde nascença, ela seria como se apresenta enquanto mulher: fofa e conquistadora.

A imagem de homem safado construída nessa enunciação retoma dizeres que o homem safado é aquele que bebe demais, que paquera as mulheres na rua e aquele que sai com todos os tipos de mulheres. Ao recuperar esses dizeres, como atributo do privilégio de ser homem por um dia, a escrevente aponta impossibilidade de, sendo mulher, ter esses tipos de comportamento. Desse modo, tais comportamentos são tidos como apropriados apenas para homens, já que, caso se comporte dessa maneira, a mulher levaria a “má fama”. Vale considerar que a “má fama” feminina é avaliada negativamente nas práticas de mulher.

É possível recuperar essa avaliação negativa do comportamento feminino também no *quadro-dizer XI* quando a adolescente afirma: “Seria legal também não responder perguntas sobre estar sozinha: quando o homem está solteiro, ele está aproveitando a vida. Quando a mulher está solteira, ela é enalhada”. É possível recuperar por meio do enunciado “ele está aproveitando a vida” os silenciamentos em torno do comportamento feminino tido como adequado. Nesse sentido, aproveitar a vida, enquanto um homem solteiro, significa poder sair com várias mulheres, ao passo que, como não é permitido à mulher sair com vários homens, ela estará sempre fadada a ficar “enalhada”.

Retomando o *quadro-dizer IX*, em consonância com a afirmação do *quadro-dizer XI*, é possível recuperar a avaliação social que coloca como positivo o comportamento masculino

em relação à possibilidade de o homem estar com várias mulheres. Ao mesmo tempo, esses dizeres apresentam posicionamentos divergentes, logo, sentidos em litígio. No *quadro-dizer IX*, a adolescente se vale dessa avaliação positiva para construir a imagem do homem safado, reforçando-a. Em contrapartida, no *quadro-dizer XI*, a escrevente apresenta essa avaliação positiva do comportamento masculino, valendo-se dela para questionar a imagem da mulher solteira na sociedade.

Nesse sentido, o *quadro-dizer XI* apresenta questionamentos sobre os papéis de gênero na sociedade. Esse questionamento pode ser compreendido ainda na medida em que a adolescente afirma que na sua casa há uma diferença no tratamento entre os sexos. Nesse sentido, o item lexical “casa” representa a instituição família que, por sua vez, como apontei no capítulo anterior, é tida, na teoria do patriarcado, como uma das formas de regulação das práticas de mulher. A família é, então, uma instituição fundamental na manutenção do funcionamento regular da ordem social.

No que tange ao *quadro-dizer XI*, a imagem da mulher é construída ao se recuperarem as preocupações tidas como prototípicas em torno do feminino. A imagem feminina que é recuperada nesse texto está associada ao mito da domesticidade e da beleza. É possível recuperar essa representação por meio do enunciado “fugir da cozinha depois do almoço, sair sem camisa num dia quente, não me depilar, não ter vergonha de usar biquíni, acordar e não pentear o cabelo”. Ao recuperar essas representações, a enunciativa constrói a imagem de si como preocupada com essas questões, visto que a adolescente afirma “essas são algumas das vantagens que eu faria questão de explorar se fosse homem um dia”.

Construindo a imagem de si, a adolescente constrói a imagem do outro, a imagem masculina que, por sua vez, é tida como despreocupada com a beleza e com os afazeres domésticos, visto que essas preocupações estão associadas às mulheres. Desse modo, mostra-se a mulher como preocupada com a aparência, enquanto o homem é desprovido de tais preocupações. O *quadro-dizer X* permite, entretanto, recuperar uma outra representação do masculino, a saber: a imagem do homem preocupado com a beleza.

Dessa maneira, a adolescente ao enunciar “quem sabe, continuaria me depilando todo mês. Tão moderninho!” recupera, por meio da memória, uma nova significação do homem como também preocupado com a beleza.

A imagem de si construída pela adolescente apresenta um *ethos* de mulherzinha. Dessa forma, ao enunciar “logo eu que sou tão mulherzinha, que não saio de casa sem batom e me depilo todo mês!”, ela constrói a sua imagem por meio do *ethos* dito como preocupada

com a beleza, a aparência e o corpo. Note-se, mais uma vez, o atravessamento do discurso da beleza na enunciação das adolescentes.

Nesse sentido, a imagem feminina que se recupera em todos os *quadros-dizer* está associada à preocupação com a beleza, enquanto o que seria positivo na possibilidade de inversão dos sexos, logo, dos papéis sociais, se dá pela possibilidade de o homem não se preocupar com a beleza. Assim, é possível ao homem, sair sem camisa na rua, não se depilar, não pentear o cabelo, não ter de usar batom e poder vestir a primeira roupa que ver no guarda-roupa. Essas nuances da masculinidade significam nessas enunciações à medida que toma como pressuposto que as mulheres se preocupam com essas questões.

É possível observar, por meio dos três dizeres, que a valoração positiva de poder “invadir o lado de lá”, nesse caso, o universo masculino, se dá, por um lado, pela despreocupação com a beleza e, por outro lado, pela liberdade masculina em poder estar com várias mulheres. A análise das três textos recupera a representação do masculino nessa possibilidade de o homem poder estar com várias mulheres, comportamento permitido a eles em nossa sociedade, mas considerado inadequado para as mulheres.

A construção dessa imagem do feminino e do masculino, bem como das imagens de si, têm como base os estereótipos partilhados socialmente e avaliados como positivos ou negativos em relação aos papéis sociais atribuídos aos homens e as mulheres num contexto social. Desse modo, o investimento em uma análise argumentativa dos discursos é revelador dessas representações, visto que permite evidenciar os estereótipos que são recuperados pelos sujeitos ao falarem sobre si. Nesse sentido, a contribuição dessa perspectiva para a análise dos papéis sociais de gênero é de grande valia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso midiático, sobretudo aquele veiculado pelas revistas femininas, engendra diversas representações da imagem da mulher na sociedade. Essas representações são recuperadas no e pelo discurso e recobrem os dizeres e os modos de dizer do sujeito mulher. Nesse sentido, apenas por meio do contrato comunicacional, nos diria Charaudeau, e por meio de uma inscrição na *doxa*, nos diria Amossy, seria possível o reconhecimento das representações das práticas sociais dos sujeitos. É nesse quadro de reconhecimento que o sujeito, ao enunciar, se vale de determinadas estratégias que viabilizam a produção de determinados efeitos sobre o outro. Nesse jogo de agir sobre o outro é que desvelar o funcionamento argumentativo que recobre todo e qualquer discurso em torno da mulher foi e é um caminho eficaz para revelar as imagens de si na seção *Tudo de Blog* e, assim, as representações de mulher no imaginário adolescente.

Vale compreender que a produção de discursos tem história e memória recuperadas na construção argumentativa, por meio da relação entre a *doxa* e a memória. Nesse sentido, nas palavras de Amossy (2010, p. 92), “o conhecimento disso que é pensado e dito numa época passada é necessário para a boa compreensão de um discurso argumentativo”. É nessa perspectiva que este trabalho se delineou como um gesto de interpretação, pelo funcionamento argumentativo dos discursos, do modo como, por meio do dizer adolescente, a construção de certas imagens sobre a mulher adolescente foram recuperadas pela memória e atualizadas na história.

A análise da argumentação no discurso adolescente que empreendi neste trabalho pretendeu evidenciar os sentidos de mulher que recobrem a adolescência feminina por meio do que é dito sobre elas na revista e também por meio do que elas dizem sobre si na seção. Esse gesto permitiu-me compreender as práticas sociais que regulam os assuntos e o comportamento feminino, bem como alguns estereótipos de mulher que recobrem as imagens da adolescência, observando, dessa maneira, se esses estereótipos são engendrados nas imagens de si das escreventes.

Ao investigar a constituição da revista *Capricho*, pude observar, ao longo de sua história, alguns já ditos sobre a adolescência que poderiam influenciar, sem dúvida, o que é dito pelas adolescentes e as imagens que elas constroem de si para que seus textos sejam aceitos pela revista e publicados na seção. Debruçar um olhar analítico-discursivo sobre a revista permitiu-me percorrer um fio na história das mulheres que tornou possível trazer à

baila os sentidos de mulher que constituem nossa memória. Ou, mais especificamente, os sentidos de mulher que constituem a memória adolescente.

Pude perceber, então, que a revista, ao longo dos tempos, passou por diversas modificações no que diz respeito ao direcionamento de público e às configurações estruturais para que pudesse permanecer na indústria das revistas femininas. Essa estratégia de captação se deu também como uma tentativa de adequação do conteúdo e de apresentação da revista como forma de acompanhar as modificações sociais que as mulheres atravessaram ao longo das suas conquistas no ambiente público. Desse modo, a revista se apresenta como aquela que caminha ao lado das necessidades da mulher e, assim, pode ser vista como parceira das adolescentes, logo, amiga.

Compreender a constituição da revista enquanto modo de construção dos sentidos permitiu recuperar algumas representações *sobre* as mulheres adolescentes. Esse gesto revelou ainda que o *tom* da revista engendra um *ethos* de amizade pelo modo como constrói a imagem de companheira, confidente, aquela a quem a adolescente pode confiar em qualquer circunstância, já que “não é nem um pouco fácil ser adolescente. E, eu juro, a gente [Capricho] te entende”, como afirma o *Oi da Editora* (2009, p. 6) [grifo meu]. É por meio desse *ethos* de confiança e amizade que ocorre a identificação das adolescentes com o mundo ético da *Capricho*, visto que na escrita de si essas representações são recuperadas.

Na tentativa de desvelar as imagens de mulher na revista, busquei perceber quais foram as circunstâncias sócio-históricas que viabilizaram esses sentidos de adolescência e não outros. Para tanto, foi preciso um empreendimento teórico a fim de verificar como a relação entre os estudos do discurso e de gênero tangenciam os femininos, e, assim, contribuem para os estudos sobre geração. A articulação teórica desses eixos foi primordial para um melhor entendimento de que as relações de gênero permeiam as práticas sociais dos sujeitos e moldam também conforme a idade e a geração.

Nesse sentido, interessou-me, sobretudo, verificar como se deram a interação e socialização da adolescência feminina num dos instrumentos que possui forte presença nas práticas de confidência da mulher, a saber: o diário. Desse modo, observei como as transformações tecnológicas permitiram que a prática adolescente da escrita do segredo no diário de papel fosse trocada pela prática de escrita no diário *online* - *blog*. Nesse sentido, a crescente popularização dos *blogs* entre as adolescentes produziu outra forma de escrita do segredo na qual o caráter confidencial e privado próprio da escrita sobre si em diários de papel deu lugar à revelação da intimidade por meio da publicização de si na escrita do segredo nos *blogs* pessoais.

Questionei-me, nesse caminho, sobre como essas escritas de si revelaram a experiência das mulheres e, com isso, tornaram-se uma produtiva fonte de pesquisa para a compreensão das imagens em torno do feminino. Contar experiências, então, é uma prática corrente nos *blogs* que contribui para a visibilidade da mulher adolescente. Essa incursão mostrou uma problemática que faz parte da luta social da mulher em torno de sua circulação, e também da produção da escrita feminina nos espaços públicos e privados, apresentando não apenas as formas de revelar a intimidade adolescente no espaço público, mas também novos espaços de enunciação da mulher adolescente na mídia, o *Tudo de Blog*.

Para descortinar esse espaço, busquei evidenciar à luz da *Teoria Semiolinguística* a constituição e o funcionamento da seção que a caracteriza como um espaço de escrita de si. Isso fez com que eu pudesse observar, entre outras questões, que a seção engendra duas situações enunciativas, definidas por finalidades diferenciadas. A situação enunciativa 1 (anterior à publicação da seção), na qual a *Capricho* ora assume o papel de instância de produção que direciona a fala para a instância de recepção, que são as *blogueiras*; o contrato de comunicação é estabelecido diretamente entre a *Capricho* e as adolescentes, tendo como perspectiva o leitor ideal. A finalidade desse contrato instaura uma *visée* de captação e uma *visée* de incitação que, por sua vez, delibera, respectivamente, um *fazer sentir* e um *fazer fazer*. Ainda nessa situação, as *blogueiras* assumem o papel de instância de produção tendo a *Capricho* como instância de recepção. Nessa inversão, a finalidade do contrato engendra uma *visée* de captação e de informação.

Na situação enunciativa 2 (na publicação da seção), as adolescentes e a *Capricho* são instância de produção tendo os leitores como instância de recepção. A finalidade dessa situação projeta uma *visée* de instrução. Além da finalidade comunicativa, pude observar ainda o modo de organização que se sobrepõe ao *Tudo de blog*, incitando, assim, a discussão sobre a problemática que a cena genérica da seção instaura.

O caminho que percorri, nesta pesquisa, foi também para que tivesse bases para analisar melhor a construção das imagens de si das adolescentes que escrevem para a seção da revista. Pude observar, nesse trajeto, que ao escreverem sobre si, contam suas experiências, as adolescentes se valem de um efeito intimista, isto é, um *ethos* mostrado de intimidade, para, assim, poderem levar o leitor a compartilhar o seu ponto de vista.

Nesse sentido, assumo que, embora os textos da seção sejam apresentados também em forma de narração, há uma *visée* persuasiva nesses textos, já que permitem com que as adolescentes compartilhem com os leitores seu posicionamento diante do tema da revista. Acredito, assim, que esse efeito intimista é uma estratégia que permite ocultar o grau de

argumentatividade do texto, visto que esse efeito viabiliza uma aproximação das adolescentes com o mundo ético dos leitores, facilitando, assim, a identificação. Essa afirmação pode ser compreendida à medida que levarmos em conta que uma seção que apresentasse o ponto de vista sobre determinado assunto como um texto puramente argumentativo teria menos chances de ser lida pelas adolescentes do que um texto que permita uma construção mais explícita da subjetividade adolescente.

Isso foi possível observar a partir da análise da seção. Para a análise da construção das imagens de si propriamente dita, detive-me no que nomeei de *quadro-dizer*, a fim de buscar, na enunciação da própria adolescente, os elementos necessários para que pudesse efetivar a análise de tais mensagens. Analisei, então, dez *quadros-dizer* que tiveram como tema o cuidado de si, logo, o cuidado com o corpo e com a beleza. Pude, com a análise, observar a construção de diversos *ethé* pautados em diversas representações femininas que recobrem o imaginário da beleza e se inscrevem na *doxa*.

Na análise, tentei evidenciar como, por meio da enunciação, as enunciadoras deixam, na materialidade do texto, marcas, pistas que evidenciam a relação entre *ethos*, *logos* e *pathos*, noções fundamentais para a argumentação no discurso. Posso dizer, então, que a análise das imagens de si e do outro puderam revelar, além do caráter da emoção, o cuidado de si que perpassa a enunciação, expondo imagens comumente recuperáveis nos dizeres *sobre* a adolescência feminina. Pude perceber, assim, que, em cada enunciação específica, as imagens de si revelam uma preocupação com o corpo e a imagem, recobertos pelo discurso da alimentação saudável ou mesmo pela questão da personalidade e do estilo. Com efeito, pude desvelar com este trabalho, que as imagens de si das adolescentes estão apoiadas em uma herança sócio-cultural construída em relação à mulher.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. *In: FREITAS, Maria Virgínia (org). Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais.* São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 18-35.
- ALMEIDA, M. I. M.; FERNANDO, E. (org). *Culturas jovens: novos mapas de afeto.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- AMOSSY, Ruth (org). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos.* Trad. Dilson Ferreira da Cruz *et ali.* São Paulo: Contexto, 2005.
- AMOSSY, R. O lugar da argumentação na Análise do Discurso: abordagens e desafios contemporâneos. *In: Filologia e Língua Portuguesa.* n9. 2007. p.121-146.
- AMOSSY, R. As modalidades argumentativas do discurso. *In: LARA, G; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. (Orgs.). Análises do Discurso Hoje.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p.231-254.
- _____. *L'argumentation dans le discours.* 3ed. Paris: Armand Colin, 2010.
- ARFUCH, L. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea.* Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- AUMONT, J. *A imagem.* Trad Estela Abreu. Campinas: Papyrus, 1993.
- BASSANEZI, C. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações de homem-mulher 1945 – 1964.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BATISTA, P. P. Do diário ao *blog* confessional: continuidade ou surgimento de uma nova prática? *Contemporânea*, Ed. Esp., v. 6, n. 3, 2008, p. 105-118.
- BECK, U. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. *In: BECK, U.; GIDDENS, A. & LASH, S. Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.* Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Fundação UNESP, 1997, p. 11-71.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina.* Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BRITTO DA MOTTA, A. A dimensão de gênero na análise do envelhecimento. *In: FERREIRA, M.; ALVARES, M. L. & SANTOS, E. F. (orgs). O Saber e os poderes das mulheres: a construção do gênero.* São Luis: EDUFMA/ Salvador: REDOR, 2001, p. 193-214.
- BUITONI, D. S. *Imprensa feminina.* São Paulo: Ática, 1986.

_____. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009 [1981].

CASTTELS, M. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade. In: CASTTELS, M. *O poder da identidade*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 2. vol. 3. ed. Trad. Klauss Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 169-287.

CASTEL, E. *Gran diccionario de mitología Egipcia*. Madrid: Aldebarán, 2001.

CESTARI, Mariana Jafet. Nós político no discurso feminista dos anos 1970. *ANAIS DO SETA*, n 4, 2010, p. 779-792.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, Ida e MELLO, Renato (org). *Gêneros: Reflexões e Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004, p. 13-41.

_____. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I. L. e MELLO, R. (org). *Gêneros: reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004a, p. 13-41.

_____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In : PAULIUKONIS, M. A. e GAVAZZI, S. (org.) *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>>. Acesso em jun de 2012.

_____. *Discurso das mídias*. Trad. de Angela Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Linguagem e discurso: modos de organização*. Trad. de Aparecida Pauliukonis e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. *Discurso político*. Trad de Dilson Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008a.

_____. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional. In: PIETROLUONGO, M. (org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>> Acesso em jun 2012.

_____. O discurso propagandista: uma tipologia. In: MACHADO, I. L. & MELLO, R. (org.) *Análises do Discurso Hoje*. vol 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2010, p.57-78.

_____. O Contrato de Comunicação na sala de aula. In: *Revista Inter-Ação*. vol. 37, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2012. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/view/18861/11231>>. Acesso em: dez 2012.

COSTA, C. de L. O leito do procusto: gênero, linguagem e as teorias feministas. *Cadernos Pagu*, 1994, vol 2, p 141-174.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Vega: Passagens, 1992.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREIRE FILHO, João. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista Capricho. *Revista Fronteiras: estudos midiáticos*, n. 8, p. 102-111, 2006. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/fronteiras/article/view/3142/2952>> Acesso em: 15 set. de 2009.

_____. Novas Perspectivas para o Estudo da Relação entre Discursos Midiáticos, Juventude e Poder. *Revista Ecompos*. vol2. n21. 2006. Disponível em: < www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em janeiro de 2013.

_____. Como ser uma adolescente liberada no terceiro milênio. In: *Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 111-162.

FREITAS, M. V. (org). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005

FREYRE, G. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981

FUNCK, S. B. Gênero e(m) discurso(s). *Revista Estudos Feministas*. 2009, vol.17, n.2, pp. 481-484. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v17n2/10.pdf>> Acesso em 30 jun 2011.

GARCIA, C. C. *Breve História do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.

GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, A. & LASH, S. *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Fundação UNESP, 1997, p. 73-133.

GREGOLIN, M. R. (org.). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003.

HERBELE, V. M. *et all. Linguagem e Gênero no trabalho, na mídia e em outros contextos*. Florianópolis: EDUFSC, 2006.

JOLY, M. *La interpretación de La imagen: entre memoria, estereotipo y seducción*. Barcelona: Paidós, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. O *ethos* em todos os seus estados. In: MACHADO, I. e MELLO, R. (org). *Análises do discurso hoje*. vol 3. Rio d Janeiro: Nova fronteira/Lucerna, 2010, p. 117-136.

KOMESU, F. C. *Entre o público e o privado: jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs na internet*. [Tese de Doutorado]. Campinas: Instituto de Estudo da Linguagem da UNICAMP, 2005.

LÉON, O. D. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. In: FREITAS, M. V. (org). *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. São Paulo: Ação Educativa, 2005, p. 9-18.

LÉVY, P. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Costa. São Paulo: Ed. 34,1999.

LIMA, H. *Na tessitura do processo penal: a argumentação no Tribunal do Júri*. [Tese de doutorado]. Belo Horizonte: Programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, 2006.

_____. Patemização: emoções e linguagem. In: MENDES, E; MACHADO, I; MENEZES, W. (Orgs.) *As emoções do discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.140-149.

LYSARDO-DIAS, D. Um estudo discursivo de perfis biográficos. In: *Anais Cielli*. Disponível em: <<http://www.cielli.com.br/downloads/103.pdf>> Acesso em: jan 2013.

_____. *Espaços dialógicos em relatos biográficos*. Disponível em <<http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Monde10/lysardo-dias.pdf>> Acesso em janeiro 2013> Acesso em: jan 2013.

MACHADO, I. L. Uma teoria de Análise do Discurso: a Semiologia. In: MARI, H. *et al.* (org) *Análise do Discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte; Segrac/NAD, 2001, p. 39-62.

_____. Algumas Considerações sobre a Teoria Semiológica de Patrick Charaudeau. In: MACHADO, I. L. *et al.* *Movimentos de um percurso em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005, p. 32.

_____. As palavras de uma Análise do Discurso. In: LARA, G. M. *et al.* *Análises do Discurso hoje*. vol 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008, p. 177-198.

MACHADO, A. R. O gênero diário e sua utilização na prática e na pesquisa educacional. In: _____. *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MAGALHÃES, I. O discurso do outro e a identidade da mulher. Da colonização à década de 1990. In: D.L.P. de BARROS (org), *Os discursos do descobrimento*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 207-222.

_____. Discursos e identidades de gênero na alfabetização de jovens e adultos e no Ensino Especial. *Calidoscópio*, 6 (2):61-68, 2008.

MAGNABOSCO, G. G. *A construção do texto opinativo no hipergênero blog: análise de comentários do Blog Papo de Amiga da revista Capricho*. [Dissertação de mestrado]. Maringá: Centro de Ciências Humanas Letras e Artes da UEM, 2011.

MAGRO, V. *Meninas do graffiti: educação, adolescência, identidade e gênero nas culturas juvenis contemporâneas*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, Unicamp, 1993.

_____. *Análise de textos de comunicação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar Edições, 2007.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005. p.69-91.

_____. Polifonia e cena da enunciação na pregação religiosa. In: EMEDIATO, W; LARA, G. M. P; MACHADO, I. L. (Orgs). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. vol 1.

_____. A propósito do *ethos*. In: MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (Orgs). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008b. p.11-29.

_____. A noção de autor em Análise do Discurso. Trad. Helena Nagamine. In: SOUZA-E-SILVA, M. C. e POSSENTI, Sírio (org). *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 25-48.

MARCHUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (org). *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 2ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MCROBBIE, A. Pós-feminismo e cultura popular: Bridget Jones e o novo regime de gênero. Tradução de Márcia Rejane Messa. In: CURRAN, James; MORLEY, David. *Media and Cultural Theory*. London/New York: Routledge, 2006, p. 59-69. Disponível em <http://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografias/artigos/mcrobbie_posfeminismo.pdf>. Acesso em: mar 2012.

MELLO, R. O quadro do contrato comunicacional de Patrick Charaudeau e o texto literário. In: *Caligrama*. n. 8. Belo Horizonte: 2003, p. 41-54.

MIRA, M. C. *O leitor e a banca de revista: o caso da Editora Abril*. 1997. 366f. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1997.

MORIN, Edgard. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. 10 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

MOTTA, A. B. Gênero e Geração: de articulação fundante a “mistura indigesta”. In: FERREIRA, S. L. e NASCIMENTO, E. R. (org). *Imagens da mulher na cultura contemporânea*. Salvador: NEIM/UFBA, 2002, p. 35-49.

MUZART, Z. L. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. In: *Estudos Feministas*. vol 11. n 1. Florianópolis: 2003, p. 225-233. Disponível em:

<<http://www.ieg.ufsc.br/admin/downloads/artigos/14112009-090334zahide.pdf>> . Acesso em: out 2011.

NASCIMENTO, A. B. *Trajetória da juventude brasileira: dos anos 50 ao final do século*. Salvador: EDUFBA, 2002.

_____. *Quem tem medo da geração shopping? Uma abordagem psicossocial*. 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2005.

OLIVEIRA, M. R. M. *Weblogs: a exposição de subjetividades adolescentes*. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P (Org.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 201-214.

OSTERMANN, A. C, FONTANA, B. *Linguagem. Gênero. Sexualidade: uma introdução*. In: OSTERMANN, A. C., FONTANA, B. (org). *Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 9-12.

PAIS, J. M. *Buscas de si: expressividades e identidades juvenis*. In: ALMEIDA, M. I. M.; FERNANDO, E. (org). *Culturas jovens: novos mapas de afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 7-24.

PATEMAN, C. *O contrato sexual*. Trad. Marta Avancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993 [1988].

PAULIUKONIS, M. A. e MONNERAT, R.. *Operações discursivas na enunciação*. In: LARA, G. et al. (org.) *Análises do Discurso Hoje*. vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008, p. 45-70.

PAULIUKONIS, M. A.e GOUVÊA, L. H. *Texto como discurso: uma visão semiolinguística*. In: *Revista Desenredo*. vol 8. n. 1. p. 49-70 - jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rd/article/view/2638/1800>>. Acesso em: dez de 2012.

PAULIUKONIS, M. A. *Ethos no discurso didático: coerência e plurissignificação*. In: MACHADO, I. e MELLO, R. (org). *Análises do discurso hoje*. vol 3. Rio de Janeiro: Nova fronteira/Lucerna, 2010, p. 261-274.

PINTO, J. P.; BADAN, S. C. *Feminismo e as identidades no cerne dos princípios de pesquisa*. *Revista Calidoscópico*. vol 10 n 2 p 133-139. Disponível em <http://www.academia.edu/1932798/Feminismo_e_as_identidades_no_cerne_dos_principios_de_pesquisa> Acesso em 30 dez 2012.

PLANTIN, C. *A argumentação biface*. In: LARA. G. et al. *Análise do discurso hoje*. vol 2. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

_____. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

PRIORE, M. D.. *História de amor no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

RIAL, C.; PEDRO, J. M. & AREND, S. M. F. (orgs). *Diversidade: dimensões de gênero e sexualidade*. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

SAFFIOTI, H. e ALMEIDA, S. A captura da história. In: SAFFIOTI, H. e ALMEIDA, S. *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: REVINTER, 1995, p. 57-76.

SAFFIOTI, H. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 2. ed. Petropolis, RJ: Vozes, 1979.

_____. *O poder do macho*. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

_____. *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCALZO, M. *Jornalismo de Revista*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

SCHITTINE, D. *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOUZA, P. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas: Editora UNICAMP, 1997.

SWAIN, T. N. Feminismos e recortes do tempo presente: mulheres em revistas “femininas”. In: *Revista São Paulo em perspectiva*. vol 15. n 3. São Paulo: 2001, p. 67-81.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 2. ed. Tradução de Carmen Grisci. Petrópolis: Vozes, 1998

TEIXEIRA, C. *O que é indústria cultural*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

WELLER, W. *A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível*. *Revista Estudos Feministas*. 2005, vol.13, n.1, pp. 107-126.